



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

ADENIL ALVES RODRIGUES

**JUVENTUDE, TRABALHO E EDUCAÇÃO: a formação da identidade
pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z- 16
de Cametá-Pa**

BELÉM-PARÁ

2016

ADENIL ALVES RODRIGUES

**JUVENTUDE, TRABALHO E EDUCAÇÃO: a formação da identidade
pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z- 16
de Cametá-Pa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Dr. Gilmar Pereira da Silva.

BELÉM-PARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Rodrigues, Adenil Alves, 1985-

Juventude, trabalho e educação: a formação da
identidade pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores
Artesanais z- 16 de Cametá-PA / Adenil Alves Rodrigues.
- 2016.

Orientador: Gilmar Pereira da Silva.

Dissertação (Mestrado) - Universidade
Federal do Pará, Instituto de Ciências da
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Belém, 2016.

1. Educação para o trabalho - Cametá (PA).
2. Juventude rural - Cametá (PA). 3. Pescadores
- Treinamento - Cametá (PA). 4. Aquicultura -
Cametá (PA). 5. Pesca- Administração - Cametá
(PA). I. Título.

CDD 22. ed. 370.113098115

Adenil Alves Rodrigues

**JUVENTUDE, TRABALHO E EDUCAÇÃO: a formação da identidade
pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z- 16
de Cametá-Pa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Prof.º Dr. Gilmar Pereira da Silva (Orientador) – UFPA

Prof.ª Drª. Ivanilde Apoluceno de Oliveira (Avaliadora Externa) – UEPA

Prof.º Dr. Ronaldo Marcos de Lima Araujo (Avaliador Interno) – UFPA

Prof.º Dr. Doriedson do Socorro Rodrigues (Suplente – Avaliador Interno) – UFPA

Aprovado em 28 de março de 2016.

Belém-Pa, 2016

[...] a identidade está no movimento das contradições presentes em todas as coisas, mas acima de tudo, na luta de classes, a força motriz da história, em que a classe explorada e dominada luta para tomar o lugar da classe dominante e tornar-se, daí em diante, democraticamente dominante (BOGO, 2010).

AGRADECIMENTOS

À DEUS, que me concede o dom da vida e está sempre guiando os meus passos, iluminando os meus caminhos e tramando a minha existência.

À família a qual eu faço parte, aqui me referindo aos RODRIGUES e aos OLIVEIRAS, que não diferente de milhares outras famílias, tem suas diferenças, divergências, acertos, desacertos, qualidades e quantidades, mas que tanto nos momentos tempestivos quanto nos intempestivos, está sempre junta provando que a máxima: “A UNIÃO FAZ A FORÇA” é muito válida e que ainda tem muito a nos ensinar, principalmente quando o objetivo é o bem coletivo, o fraterno, o amor mútuo.

Um agradecimento especial aos pescadores ARMANDO e RUTH, pai e mãe que mesmo não tendo completado o 1º grau, compreendem hoje, a partir de suas leituras de mundo, a importância e o significado que têm para um filho de pescadores os conhecimentos, experiências e aprendizados adquiridos em uma pós-graduação como o mestrado acadêmico e, na pessoa desses pescadores, estendo aos irmãos, irmã, cunhadas, cunhados, compadres, comadres, sobrinhos e sobrinhas, meus agradecimentos.

À Vandreia, ESPOSA-AMIGA, AMOR PARA A VIDA TODA, que conviveu, sonhou, estimulou, se entusiasmou, mas também, chorou, suportou, brigou e garantiu, não raras vezes sozinha, as condições materiais, sentimentais, psicológicas e humanas para que eu pudesse me dedicar inteiramente a feitura deste trabalho. A ti todos os reconhecimentos.

À minha menina, a “pequena” Alice, que mesmo não entendendo o que se passa ao seu “arredor”, me enche de forças e entusiasmo para continuar a labuta do TRABALHO E EDUCAÇÃO, convicto hoje, ainda mais, de que precisamos avançar em direção a um mundo mais justo e solidário.

Destaco aqui um agradecimento especial ao Amigo-Professor-Orientador Dr. DORIEDSON DO SOCORRO RODRIGUES que ainda que para além, mas sem deixar de aqui frisar as valiosíssimas contribuições que dispensou a esse trabalho, a muito vem ajudando a me encaminhar na vida, mostrando-me, desde os tempos de graduação, as veredas possíveis para isso.

Ao meu orientador professor Dr. Gilmar Pereira da Silva pela contribuição decisiva no fazer desta pesquisa.

Ao Prof.^o Dr. Ronaldo Marcos de Lima Araujo por aceitar o convite da banca de qualificação e defesa desta dissertação. Sujeito com quem, entre tantas outras coisas, aprendi que o compromisso, a disciplina e a dedicação são elementos fundamentais para a concretização de “tarefas-dadas tarefas-cumpridas”.

Ao Prof.^o Dr. Fernando Selmar Fidalgo por aceitar o convite para a qualificação deste trabalho. Suas orientações, materializadas em elogios e críticas, foram fundamentais para a finalização deste estudo.

À Prof.^a Dr.^a. Ivanilde Apoluceno de Oliveira, por aceitar o convite para participar da banca de defesa deste trabalho. Suas observações muito contribuíram para o direcionamento, a maturação, o desenvolvimento e a finalização da temática aqui discutida.

A todos os meus professores do Instituto de Ciências da Educação vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA que com seus valiosos ensinamentos, de alguma forma, contribuíram para a construção desse trabalho.

A todos os meus colegas da turma do mestrado 2014 mas em especial a Larissa Aviz por sempre estar do meu lado compartilhando angustias, incertezas, dúvidas, mas também, alegrias, CONHECIMENTOS e SABERES.

Ao amigo doutorando, Egídio Martins, que para além da convivência cotidiana imposta pela necessidade de compartilharmos o mesmo teto durante o primeiro ano do mestrado, se faz companheiro até hoje nas publicações, discussões e feitura de artigos e resenhas.

Ao Instituto de Ciências da Educação (ICED-UFPA), pelas resoluções dos problemas de ordem burocráticas, que por ventura apareceram durante o desenrolar do curso.

Ao programa de Pós-Graduação por me ceder uma bolsa de estudos da CAPES, sem a qual não seria possível cursar e concluir o mestrado na cidade de Belém do Pará.

Aos jovens hoje afiliados a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá que se dispuseram a me oferecer informações referentes ao “difícil, penoso e exigente” processo de trabalho que cotidianamente têm de estabelecer com o mundo da pesca.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram direta ou indiretamente para o longo, doloroso e não menos excitante, processo de elaboração deste texto. GRATO.

RESUMO

A presente dissertação tem como objeto de investigação a formação da identidade pescadora de jovens afiliados na Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa que concluíram o curso técnico de Aquicultura ofertado pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT- Cametá). Para investigarmos esse objeto, assumimos como problema o seguinte questionamento: os jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z- 16 de Cametá- Pa, que fizeram curso técnico de Aquicultura oferecido pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá) e hoje mantem uma relação com o mundo do trabalho da pesca, utilizam os conhecimentos sistematizados e adquiridos em tal curso como elementos de formação da identidade pescadora, potencializando tal identidade ao relacionar esses conhecimentos aos saberes produzidos e aprendidos no cotidiano da pesca? Metodologicamente a presente pesquisa foi caracterizada como sendo qualitativa, do tipo estudo de caso, assumindo o materialismo histórico dialético como base epistemológica e a análise de conteúdo como instrumento de apreciação dos dados. Como resultado, os dados empíricos demonstraram que: a) a juventude pescadora aqui investigada, ao entender o trabalho da pesca como sendo uma atividade de natureza difícil, penosa e exigente, buscou no curso de Aquicultura alternativas outras que lhes pudessem permitir transformar os sacrifícios e a dureza desse trabalho, ao passo que assim, ao adquirirem os novos conhecimentos, técnicas e práticas do curso, foram transformando não só o trabalho que em comum executavam, mas também as suas próprias maneiras de se reconhecer, perceber e se identificar, o que revelou que esses sujeitos b) não mais estão a se reconhecer enquanto pescadores única e exclusivamente a partir dos saberes que empiricamente construíram no trato cotidiano com a pesca, mas também, a partir do conjunto de conhecimentos, que buscados e adquiridos no curso técnico de Aquicultura, hoje se fazem presentes em suas atividades, modificando e transformando seus processos de trabalho e, conseqüentemente, suas subjetividades e identidades. E é como resultado dessa mudança de subjetividades e identidades que c) o curso de Aquicultura, para os jovens pescadores, se mostra como sendo uma qualificação não para o mercado de trabalho, mais sim para a vida.

Palavras-Chave: Identidade. Jovens da Colônia Z-16 de Cametá. Conhecimento do curso de Aquicultura. Saberes do trabalho da pesca.

ABSTRACT

This present dissertation has an object of investigation the formation of fishing identity affiliated youth in Colony of Artisanal Fishermen Z-16 from Cametá- Pa who completed the technical course on aquaculture offered by the Integrated Center of the Lower Tocantins Education (CIEBT- Cametá). To investigate this object, we assume as a problem the following question: young people from Colony of Artisanal Fisher Z-16 from Cametá- Pa, who made technical course on aquaculture offered by the Integrated Center of the Lower Tocantins Education (CIEBT - Cametá) and today keeps a relationship with the world's fisheries work, use the systematized knowledge and skills in such a course as training elements of fishing identity, strengthening this identity to relate this knowledge to the knowledge produced and learned in the fisheries every day? Methodologically this research was characterized as qualitative, study type of case, assuming the dialectical historical materialism as an epistemological basis and the content analysis and data assessment tool. As a result, the empirical data showed that: a) the fishing youth here investigated, to understand the fishing work as a difficult nature activity, painful and demanding, sought in the alternative course of Aquaculture others that could enable them to make the sacrifices and the hardness of this work, while so to acquire new knowledge, techniques and course practices were changing not only the work in common performed, but also their own ways to recognize, understand and identify what revealed these people b) They are no longer to be recognized as the only fisher and exclusively from the knowledge that empirically built in the daily dealing with fishing, but also from the body of knowledge, which sought and acquired the technical course of Aquaculture that today are present in their activities, modifying and transforming their work processes and, consequently, their subjectivities and identities. And it is as a result of this change of subjectivities and identities c) the course of Aquaculture, for young fishers, shown as a qualification not for the labor market, but rather for life.

Keywords: Identity. Young Colony Z-16 from Cametá. Knowledge of the course of Aquaculture. Knowledge of the fisheries work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
A PROBLEMÁTICA: de onde partimos? O PROBLEMA: aonde chegamos?	15
A Identidade	16
A Juventude	17
O saber do trabalho	19
Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa: o que já foi produzido sobre essa entidade?	21
QUESTÕES QUE NORTEARAM A PESQUISA	24
OBJETIVOS	24
Geral	24
Específicos	25
A METODOLOGIA	25
O CURSO TÉCNICO DE AQUICULTURA	26
A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	29
1 O APORTE TEÓRICO- METODOLÓGICO DA PESQUISA	33
1.1 O MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO COMO BASE CIENTÍFICA DA PESQUISA	34
1.2 O MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO E A PESQUISA QUALITATIVA: justificando o uso conjunto da abordagem que qualifica com o método materialista.	39
1.3 A ABORDAGEM QUALITATIVA E O TIPO DE PESQUISA O ESTUDO DE CASO COMO SUBSÍDIOS METODOLÓGICOS PARA A COMPREENSÃO DA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PESCADORA	42
1.4 OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS, OS EIXOS NORTEADORES DAS ENTREVISTAS E O REGISTRO DA PESQUISA	46
1.5 OS SUJEITOS DA PESQUISA, SUAS CARACTERIZAÇÕES E O CRITÉRIO DE SELEÇÃO	51
1.6 O TRATAMENTO DOS DADOS: uma interpretação a partir da análise de conteúdo à luz da referência marxista	53
2 A JUVENTUDE DE MODO GERAL E OS JOVENS DA COLÔNIA DE PESCADORES ARTESANAIS Z- 16 DE CAMETÁ- PA, EM PARTICULAR	56
2.1 JUVENTUDE: uma visão geral	56
2.2 OS JOVENS DA COLÔNIA Z-16 DE CAMETÁ- PA, EM PARTICULAR	60
2.3 OS JOVENS DA COLÔNIA Z-16 E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PESCADORA	62
2.4 AS LEIS DA DIALÉTICA E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PESCADORA	70
2.4.1 A formação da identidade pescadora no movimento das leis da dialética	71
3 TRABALHO, SABERES E QUALIFICAÇÃO	78
3.1 O TRABALHO	78
3.2 O SABER	84
3.2.1 Diferença entre saber e conhecimento	87
3.2.2 Saberes: tipos e conceituações	90
3.2.2.1 O saber tácito	91
3.2.2.2 O saber do trabalhador	94
3.2.2.3 O saber social	98

3.3 QUALIFICAÇÃO.....	103
3.3.1 A juventude pescadora e o curso técnico de Aquicultura: adquirindo novos conhecimentos, adquirindo novas qualificações.....	104
4 JUVENTUDE, TRABALHO E EDUCAÇÃO: a formação da identidade pescadora enquanto resultado de um movimento real de lutas, contradições e aprendizados.....	113
4.1 DO TRABALHO DIFÍCIL, PENOSO E EXIGENTE AO CURSO DE AQUICULTURA: os jovens pescadores e a qualificação para o trabalho da pesca	114
4.2 OS JOVENS PESCADORES, O CURSO DE AQUICULTURA E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PESCADORA	121
4.3 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PESCADORA ENQUANTO RESULTADO DAS RELAÇÕES REAIS DOS JOVENS E A CONCIÊNCIA AMBIENTAL.....	130
4.4 O CURSO DE AQUICULTURA E AS TRANSFORMAÇÕES DE COMPORTAMENTOS, POSTURAS E IDENTIDADE PESCADORA	133
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS.....	143
APÊNDICE A — Quadro identitário dos entrevistados	151
APÊNDICE B – Questões norteadoras para as entrevistas	153

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objeto de investigação a formação da identidade pescadora de jovens afiliados na Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá- Pa¹ que concluíram o curso técnico de Aquicultura ofertado pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá) e hoje mantém uma relação com o mundo do trabalho da pesca². Para investigarmos a formação da identidade pescadora desses jovens, elegemos como variáveis dessa pesquisa o saber social do trabalho da pesca e os conhecimentos técnicos-científicos que foram por eles adquiridos no curso técnico aqui citado.

Pesquisar a formação da identidade pescadora de jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa é uma prática que já de início nos permite entender o fenômeno da identidade não enquanto objeto estático e imutável, mas sim enquanto objeto que se realiza como produto de múltiplas determinações que vão influenciando e transformando os sujeitos e suas subjetividades.

Tomar a identidade pescadora a partir desse viés é considerar que essa pode ser explicada a partir de um conjunto de relações sociais que hoje os jovens da Colônia Z-16 de Cametá mantém com o mundo que os cerca, o que pode nos possibilitar a entender “[...] as identidades de gênero, de idade, de etnia, de cultura, a

¹ Embora o termo colônia possa suscitar a imagem de um coletivo de pescadores vivendo da pesca à margem de um rio, a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 se constitui na entidade representativa de classe desses sujeitos, reunindo 15.000 associados de diferentes comunidades do município cametaense. Sua fundação data de 1923. Segundo Moraes (2002), a letra Z refere-se à Zona de Pesca e o número 16 indica ser esta Colônia a décima sexta criada no Estado do Pará. Para Costa (2006, p. 153), a Colônia Z-16 se constitui em organização política importante para o alcance dos interesses dos trabalhadores na região em que se encontra o município de Cametá: “Diante das duras condições sociais e econômicas, o *campesinato regional* vem se organizando e a força com a qual os trabalhadores têm conseguido intervir na vida política da região é fruto de um razoável capital social acumulado na construção histórica de fortes instrumentos de luta e enfrentamento com setores oligárquicos tradicionais. Organismos de classe como a Colônia de Pescadores Z-16, fundada ainda na década de 1920 e o STR (Sindicato dos Trabalhadores Rurais) que data dos anos 1960, bem como uma rede de associações, no decorrer desses anos vêm impulsionando mudanças qualitativas no que se refere à organização de sua base social, conquista de créditos e financiamento de projetos agrícolas e ambientais, bem como vitórias eleitorais sobre antigas e tradicionais oligarquias” (RODRIGUES & SILVA, 2014, p. 2, grifos do autor).

² Assumimos nessa pesquisa a expressão “jovens que mantém uma relação com o mundo do trabalho da pesca” por entendermos que também hoje podem existir jovens que não se legitimam mais como pescadores no sentido *ipsisiltri* do termo, o que estaria conduzindo esses jovens, segundo Rodrigues (2012a, p. 6), a três representações identitárias: (i) uma representação fundada na unidade teórico-prática do ser pescador mediado pelo trabalho, em que saberes da pesca são dominados pelos jovens, enquanto identidade, porque nascem do exercício efetivo da profissão; (ii) uma representação firmada no domínio de saberes da pesca, mas sem uma efetiva presença no mundo do trabalho da pesca; (iii) uma já ausência de saberes relativos ao exercício da pesca, porque já firmada a juventude em outras esferas produtivas, mesmo vivendo em meio a pescadores.

subjetividade e quantas outras possam ser privilegiadas nas discussões atuais, no processo de transformação da sociedade – relacionadas e submetidas a identidade de classe [...]” (BOGO, 2010, p. 9).

Assumir que a formação da identidade pescadora dos jovens da Z-16 de Cametá está relacionada e submetida a uma identidade de classe é levar em consideração que, por trás do fenômeno da identidade faz-se presente um conjunto de forças contrárias que no movimento da história se antagonizam e lutam entre si na sempre tentativa de submeter uma à dominação da outra, o que revela que as formas de intercâmbio hoje estabelecidas entre os jovens pescadores e o mundo se constituem cada vez mais como espaço de disputa.

Olhando para o fenômeno da identidade enquanto espaço de disputa, não podemos negar que hoje os intercâmbios que os jovens pescadores estabelecem com o mundo que os cerca vem sofrendo influências de um conjunto de forças determinadas pela classe do capital que vem desvalorizando o trabalho, a educação, a cultura, o lazer, ou qualquer outra forma de interação que sirva para identificar os jovens que mantêm uma relação com o mundo do trabalho da pesca, o que revela, por um lado, que esses jovens estão imersos na negação produzida pelo capital, e, por outro, que a identidade desses sujeitos, pode ser entendida a partir do movimento das contradições presentes em todas as coisas (BOGO, 2010).

É por isso que hoje, ao voltarmos nossa atenção para a realidade da juventude da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa, podemos encontrar, nessa, um conjunto de contradições³ vividas e produzidas por esses sujeitos; contradições essas que no movimento dialético nos permitem entender como esses jovens que fizeram curso técnico de Aquicultura e mantem relações com o mundo do trabalho da pesca, formam e/ou reconfiguram suas identidades diante da realidade social objetiva que é por eles experimentada.

Mas, se por um lado a realidade dos jovens da Z-16 de Cametá se constitui reveladora de um conjunto de contradições que podem apontar a formação da

³ Ao voltarmos nossa atenção para a entidade representativa dos pescadores à Colônia Z-16, encontramos nessa um conjunto de contradições como por exemplo: os projetos de informática e o cursinho preparatório para o vestibular que são direcionados aos jovens, filhos dos pescadores, mas que, contudo, revela uma exigência do mundo capitalista para que os sujeitos se qualifiquem minimamente para atuarem em um mercado de trabalho ou consigam uma vaga no ensino superior, para que assim possam atuar em outra esfera fora do mundo da pesca, como por exemplo o funcionalismo público.

identidade pescadora desses sujeitos, por outro, a apreensão dessa identidade só é possível a partir da compreensão da realidade concreta que ocorre em um movimento de ascensão da aparência para a essência (KOSIK, 2002). Objetivamente falando, para compreendemos a formação da identidade pescadora é preciso primeiramente olharmos para os jovens pescadores

[...] não como eles poderão parecer na sua própria representação ou na de outros, mas como eles são *realmente*, ou seja, como agem, como produzem material realmente, como atuam, portanto, em determinados limites, premissas e condições materiais que não dependem de sua vontade (MARX & ENGELS, 2009, p. 30, grifo dos autores).

É assim, buscando nas condições e produções materiais as quais os jovens estão envolvidos, que teceremos os esforços necessários para apreendermos, a partir dos movimentos do real, as vias pelas quais hoje a formação da identidade pescadora está a se construir na juventude da Z-16 de Cametá-Pa. Para tanto, partimos do princípio de que a identidade pescadora não se forma única e exclusivamente a partir das relações imediatas que são estabelecidas entre os jovens da Colônia Z-16 de Cametá e o mundo do trabalho da pesca, mas que, para além dessa relação, hoje a identidade pescadora pode também estar incorporando outros elementos como os conhecimentos do curso técnico de Aquicultura que esses sujeitos, após concluírem o ensino médio, buscam.

O que nos leva hoje a considerar que a formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa pode estar se dando também com elementos apreendidos, dentre outros, no curso técnico de Aquicultura, é o fato de que durante alguns anos, mais precisamente de 2006 a 2010, estivemos afiliados⁴ à Z-16 de Cametá-Pa, o que nos proporcionou ver de perto, entre outras, as disparidades de perfis entre as antigas e as novas gerações de pescadores⁵, e

⁴ Tal afiliação foi possível, pois, como os diversos pescadores que fazem parte dessa entidade, tínhamos como principal ofício, naquele contexto, o trabalho da pesca.

⁵ No período em que estivemos afiliados à Colônia Z-16 de Cametá observávamos que a geração jovem, além das relações que mantinham com o mundo do trabalho da pesca, também, estabeleciam interações com outras esferas da vida social como por exemplo a escola e sua diversidade cultural e simbólica; a tecnologia com seus celulares e a internet, etc. Isso acabava por produzir uma disparidade de perfis entre esses jovens e os pescadores mais antigos. Assim, os jovens pescadores, além do trabalho da pesca construíam suas identidades a partir de uma vasta gama de relações que mantinham não só com o mundo da pesca, mas também com outras esferas da vida social. Já os pescadores mais antigos, como tiveram sua vida sempre gestada em torno do trabalho da pesca, construíam sua identidade a partir dessa.

também que tal disparidade tinha, entre outras motivações, as transformações pelas quais vem passando o mundo do trabalho da pesca na região⁶.

Assim, partindo da tese de que “[...] homens da pesca possuem uma identidade determinada pelo fazer da pesca [...]” (RODRIGUES, 2012b, p. 80), hoje temos observado que as transformações no mundo do trabalho da pesca têm refletido de maneira negativa na constituição do ser pescador de um quantitativo considerável de jovens que se encontram na Z-16 de Cametá, isso porque, são transformações que cada vez mais tende a tornar o trabalho da pesca um ofício penoso e desumano o que faz com que os jovens que mantem relações com esse universo, busquem outras alternativas diferentes para tentar garantir a sobrevivência, como por exemplo, o funcionalismo público, por meio de concurso ou o trabalho autônomo em feiras e comércios das cidades.

Em outras palavras, com a mudança de natureza do trabalho da pesca⁷, hoje um grande quantitativo de jovens tem buscado, nas instituições de ensino, a exemplo das escolas técnicas, alternativas que dialeticamente podem estar lhes possibilitando não aceitar pacificamente as estigmatizações as quais a identidade pescadora pode estar passando, ao terem a possibilidade de aplicarem na prática do trabalho da pesca os conhecimentos técnicos científicos adquiridos em tais cursos.

Foi diante disso que delimitamos o nosso objeto de pesquisa ao voltar nossas atenções não para a formação da identidade pescadora de todos os sujeitos ligados à Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa, mas sim àqueles sujeitos jovens que, apesar de manterem uma relação com o mundo do trabalho da pesca, hoje não possuem como matriz única de conhecimento apenas os saberes decorrentes dessa atividade, mas também buscam em outros espaços de formação,

⁶ A exemplo dessas mudanças podemos aqui citar o caso dos apetrechos de pesca: a malhadeiras e o matapí. A malhadeiras, material imprescindível para a captura do pescado, e que antes era fabricado pelos próprios pescadores, cada vez mais estar disponíveis em lojas e supermercado para ser comercializado, contribuindo assim para que o saber que permeia a construção desse artefato esteja a se perder, uma vez que os pescadores não estão mais a se dedicar a produzir tal instrumento de pesca, pois com a fácil comercialização desse, tal material tem assumido a característica de um produto descartável. O mesmo está a acontecer com o matapí (objeto utilizado na captura de camarão). Cada vez mais os saberes que permeavam a construção desse material de pesca do camarão está se perdendo, pois, ao ser de fácil comercialização os pescadores estão preferindo comprar esses do que fabricá-los, um outro fato também nos chama a atenção quanto ao matapí, é que esse quanto fabricado de tala de jupati, possuía uma abertura maior facilitando assim a saída dos camarões menores, algo que não acontece com os matapis industrializados feitos de polietileno.

⁷ De acordo com Rodrigues (2012b) a mudança de natureza do trabalho da pesca teve como fator preponderante a implantação da hidrelétrica de Tucuruí na região.

como por exemplo no curso técnico de Aquicultura oferecido pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT-Cametá), os conhecimentos técnicos-científicos, que por sua vez podem estar melhorando as condições de trabalho de seus grupos sociais⁸, os pescadores, e conseqüentemente fortalecendo a formação da identidade pescadora que hoje, cada vez mais, em decorrência das transformações do mundo do trabalho da pesca, pode estar se perdendo entre as novas gerações de pescadores.

Se nos delimitamos nessa pesquisa a investigar a formação da identidade pescadora apenas do segmento jovens da Z-16 é porque compreendemos que os pescadores mais antigos já desenvolveram e cognitivamente já internalizaram uma formação, e por tanto, uma identidade pautada nas atividades práticas do trabalho da pesca, pois sempre tiveram suas vidas marcadas e gestadas em torno dessa atividade e dos saberes dela advindos. Em outros termos, os pescadores mais antigos ligados a Z-16 de Cametá, sempre tiveram como elemento central da formação de sua identidade pescadora o trabalho da pesca, e por conseguinte, um saber que não foi oferecido e nem buscado em outras matrizes de formação, como por exemplo o conhecimento técnicos e científicos das instituições de ensino, o que nos leva a entender que esses sujeitos sempre tiveram sua identidade pescadora fortemente configurada pelo trabalho que executam e os saberes desse decorrentes, e não por outra matriz de produção de conhecimento, a exemplo das instituições de ensino técnico que por nós é aqui, pesquisado.

A PROBLEMÁTICA: de onde partimos? O PROBLEMA: aonde chegamos?

Antes de expormos de forma direta e objetiva o problema de pesquisa que nos leva a investigar a formação da identidade pescadora dos jovens da Z-16 de Cametá-Pa, é necessário que algumas ordens de questões sejam primeiro explicadas para que assim possamos entender de onde partimos, ou seja, quais foram os elementos que nos levaram a tecer a problemática da identidade, e finalmente aonde chegamos, que foi o ponto culminante que determinou a formação da identidade enquanto problema. Expor tais ordens de questões representa um esforço na tentativa de

⁸ A definição de grupo social é aqui tomada de Damasceno (1995). Essa autora, em seu artigo intitulado "O saber social e a construção da identidade", faz uso desse termo para se referir a um conjunto de sujeitos que "[...] constroem um tipo de conhecimento, entendido como saber social [...]" (p. 19).

inicialmente fazermos uma apresentação, ainda que tímida, dos conceitos: identidade, juventude e saber do trabalho, bem como das temáticas que já foram abordadas nas produções científicas que tiveram como eixo central de discussão a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá- Pa.

A Identidade

Hoje, quando elencamos a identidade como objeto de estudo, uma primeira ordem de questão que se apresenta é: a partir de que perspectiva teórico-epistemológica estamos partindo para tentar entender a identidade? Tal questão é colocada principalmente porque na perspectiva da construção do conhecimento, tanto a identidade quanto as outras categorias que são utilizados na presente pesquisa⁹, podem se apresentar sob o viés de “[...] duas grandes linhas de construção filosófica, [...] uma metafísica e outra dialética materialista¹⁰” (FRIGOTTO, 2010, p. 80).

No que tange a linha metafísica, Ademar Bogo (2010) afirma que a identidade passa a ser entendida a partir do processo de supervalorização da individualização humana. Nesse sentido, haveria uma forte tendência de se desenvolver conceitos de identidade “[...] com clara intenção de colocá-lo em destaque, sobrepondo-o ao conceito de classe sociais [...], tendo a identidade – construção apenas cultural – como ponto de referência com a individualidade se sobrepondo a coletividade [...]” (BOGO, 2010, p. 9).

Assim, dentro da linha metafísica a identidade seria compreendida como o resultado das representações que os sujeitos vão criando e representando por meio da produção individual e cultural, uma identidade que é tomada como produto das construções unilaterais entre o homem e o meio que o rodeia, e que, portanto, tem na individualidade, o pressuposto de que os fenômenos sociais se regem por leis do tipo natural e, enquanto tais, independem da vontade do coletivo.

⁹ Para a presente pesquisa, além da identidade, também nos utilizamos dos conceitos de juventude, trabalho, saberes do trabalho, conhecimento técnico-científico e qualificação.

¹⁰ A primeira concepção, que “reúne visões metafísicas de todas as matrizes”, parte de uma compreensão organicista e fiscalista da realidade social, das ideias e do pensamento [...]. Por esta perspectiva, ainda que com diferenças significativas de complexidade e alcance, incluem-se as abordagens empiristas, positivistas, idealistas, ecléticas e estruturalistas [...]. A segunda perspectiva – materialista histórica – funda-se na concepção de que o pensamento, as ideias são “o reflexo”, no plano da organização nervosa superior, das realidades e leis dos processos que se passam no mundo exterior, os quais não dependem do pensamento, têm suas leis específicas, as únicas reais, de modo que só compete a reflexão racional apoderar-se das determinações existentes entre as próprias coisas e dar-lhes expressões abstratas, universalizadas, que corresponde ao que se chamará então de “ideias” e “proposições” (FRIGOTTO, 2010, p. 80, 81, 82).

Já na linha materialista, que assume a identidade como sendo fundamentada nas “[...] teses da teoria marxista centrada nas leis fundamentais da dialética principalmente da negação da negação, quantidade e qualidade, unidade e luta dos contrários, abstrato e concreto etc” (BOGO, 2010, p. 9), a identidade seria entendida não mais como produto da cultura ou da individualização humana – elementos centrais na definição de identidade na perspectiva metafísica – mas sim como resultado das contradições e dualidades de classe nas quais os homens vivem e produzem suas vidas.

Para essa linha filosófica, o que determinaria as construções de identidade enquanto síntese das relações humanas seriam as relações desempenhadas no plano material pelos quais os homens produzem os seus meios de vida. Em suma, de acordo com a concepção materialista, em uma sociedade cindida em classes, como a capitalista, a identidade está para além das construções individualizadas e culturais como pressupõe os metafísicos, sendo essa

[...] biológica, histórica, cultural e, quando as perspectivas apontam na direção das mudanças estratégicas, é também política, articulada em torno de um projeto de poder, em que a classe proletária, organizada nas suas diversas forças, opondo-se à classe burguesa, torna-se o sujeito histórico das transformações, objetivando ocupar, com uma nova ordem, o lugar da velha, colocando-se em um novo patamar de negação (BOGO, 2010, p, 31).

Por tanto, é apoiado na concepção de identidade enquanto resultado das sínteses materiais humanas, que na presente pesquisa assumimos a linha materialista entendendo que os jovens pescadores, sujeitos dessa pesquisa, em seus espaços de interação materializam identidades não enquanto condição de expressão do seu modo tradicional e peculiar de vida, mas sim como sendo o resultado de múltiplas determinações que são forjadas no interior societário das relações de contradição e negação vividas por esses sujeitos.

A Juventude

Não diferente da identidade, o conceito de juventude também tem se apresentado como resultado de construções teórico-filosóficas das duas grandes linhas anteriormente apresentadas. Nesse sentido, assim como acontece com a categoria identidade e as outras categorias usados nessa pesquisa, também a categoria juventude vai se encontrar em uma dualidade de concepções das quais, vai

se estruturar, de um lado, (concepção metafísica), como sendo “[...] relacionada a ideia de ‘amadurecimento biológico, numa cronologia determinada’ caracterizando uma fase de ‘transição para a vida adulta’ e de ‘aquisição de experiência’” (SILVA, J., 2012 p.164) e do outro, (concepção materialista), “[...] não como uma abstração, mas como sujeitos sociais concretos [...] ainda que demarcados pela cisão e fração de classe” (FRIGOTTO, 2011, p. 99).

No âmbito da primeira definição (metafísica), os jovens são pensados e conceituados como “[...] algo, de certa maneira estável e bem definido” (SILVA, J., 2012, p. 164), uma estabilidade e uma definição que são garantidos principalmente pelas instituições família, escola e trabalho. Contudo, a estabilidade dada por essas instituições está definitivamente em decadência, dada a crise pelas quais essas passam.

Hoje vemos o surgimento de novas formas de família, o esgotamento da ilusão da ascensão social por meio da educação e do pleno emprego, bem como a emergência de novos atores reivindicando políticas específicas etc. Essa relativização da cultura do emprego e do salário vem transformando a transição linear, simétrica e ordenada para a vida adulta (marcada pelo circuito família- escola- trabalho), num circuito mais prolongado, indeterminado e descontínuo, tanto para os jovens, quanto para os adultos. (SILVA, J., 2012, p. 164-165).

Nesse sentido, tomar a juventude enquanto uma fase fixa e consolidável da vida, é entender essa como sendo o produto de abstrações onde o ser jovem é entendido apenas como um fenômeno de transição para a vida adulta, e que, por tanto, tem sua existência pautada em um sentido linear. Essa postura não permite se pensar e ver os jovens enquanto sujeitos construtores de suas próprias histórias, protagonistas de suas relações e determinantes nas transformações sociais.

Tomar os jovens a partir desse ponto de vista (ou seja, os jovens enquanto sujeitos construtores de suas próprias histórias, protagonistas de suas relações, e determinantes nas transformações sociais) é colocar na contramão das teorias metafísicas posturas e teorias que os vêm, não enquanto sujeitos passivos e submissos a ordem estabelecida, mas sim enquanto sujeitos concretos, históricos, políticos, contestadores do sistema, sujeitos marcados por diferentes transformações físico e biológicas, mas também ético, político e social (ARAUJO; ALVES, 2013).

É diante disso que, esboçada as duas concepções de juventude acima, reforçamos que aqui também tomamos a dialética materialista como a melhor corrente a representar as intensões da presente pesquisa, principalmente porque os jovens da

Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá, não se caracterizam enquanto seres passivos e imutáveis que estão em uma fase da vida entendida como simples transição para a vida adulta, mas ao contrário, são sujeitos construtores da história, dinâmicos em suas relações, e que vistos a partir do ponto de vista das classes sociais, “[...] sofrem diferentemente os impactos da sociabilidade do capital [...]” (ARAUJO; ALVES, 2013, p, 247).

O saber do trabalho

Outra categoria que também hoje não se encontra alheio as duas linhas filosóficas anteriormente citadas é o saber do trabalho. Permanentemente pleiteado entre as duas classes fundamentais – classe do capital e classe dos trabalhadores – o saber do trabalho vem se constituindo em espaço de disputa por carregar em si a “[...] síntese das relações sociais que os homens estabelecem na sua prática produtiva em detrimento do momento histórico” (KUENZER, 1989, p. 183) em que vivem.

Por engendrar em seu interior um conjunto de valores, ideias, normas, técnicas e concepções, o saber que é gestado no trabalho é compreendido como um espaço, que por sua origem e natureza, produz o *lócus* onde as classes se educam e apreendem o movimento contraditório da realidade. Enquanto espaço que produz esse movimento, esse saber é negado, reprimido e expropriado daqueles que os produzem, os trabalhadores, isso porque,

A burguesia parece perceber que se o *lócus* do educativo para ela esteve na prática social e produtiva, para a nova classe, os trabalhadores, está também aí o *lócus* onde se educam, onde se sabem, constroem sua identidade coletiva e constroem um saber social contra hegemônico; conseqüentemente, será aí (na prática social) que a burguesia tentará o verdadeiro controle e a negação do direito a verdadeira educação dos trabalhadores (ARROYO, 2012, p. 124, grifos do autor).

Tentando manter a prática social, ou seja, o *lócus* de produção do saber, sob o seu domínio e controle, a burguesia vai engendrando “[...] um movimento de negação da legitimidade do saber da gente comum, e de negação da legitimidade dos trabalhadores enquanto produtores de saber e de cultura” (ARROYO, 2012, p. 112), isso porque, estabelecer o movimento contrário, ou seja, reafirmar positivamente para os trabalhadores um saber produzido através do seu próprio trabalho, é legitimá-los enquanto produtores desse saber, e portanto, permitir-lhes a tomada de consciência

de que o que é produzido pelo trabalho da classe trabalhadora é produto dessa e, portanto, a pertencente.

É por essas e outras razões que a burguesia não aceita pacificamente que o saber construído no trabalho fique sob o domínio exclusivo dos trabalhadores, pois esse saber, no movimento de sua constituição, é aquele que pode despertar naqueles (nos trabalhadores) atitudes contestadoras diante das relações que são por eles experimentadas, se assumindo nesse contexto, o saber, como um instrumento de negação e questionamento dessas relações.

Enquanto instrumento de negação e questionamento das relações impostas aos trabalhadores, o saber do trabalho também se revela como “[...] campo social de disputa e, ao mesmo tempo, resultado da disputa” (GRZYBOWSKI, 1986, p. 51), pois, é elemento que demarca os interesses em conflito o que corrobora para a afirmação de que “as classes sociais, nas suas disputas por hegemonia, têm necessidade de elaborar e difundir concepções de mundo, conhecimentos e habilidades, padrões de conduta moral e projetos sociais, adequados aos seus interesses” (Idem).

É nesse sentido que, no que tange o interesse do grupo social dos pescadores, dos quais os jovens dessa pesquisa são os intervenientes, os saberes do trabalho que em comum executam seriam aqueles que, entre outros, alicerçariam as suas concepções de mundo, bem como, seus projetos, o que revelaria que esse grupo é formado por sujeitos que não só sofrem as interpéreas de um modo de produção que lhes alija os benefícios sociais do trabalho, mas também de homens e mulheres trabalhadores que no movimento de suas atividades práticas aprendem valores, condutas, normas e ideias novas; em suma, saberes, que vão lhes permitindo se reconhecerem e, portanto, se organizarem a partir do que fazem, o que os fortalece enquanto classe, pois cria nesses marcas identitária como por exemplo; expressões lingüísticas e modos peculiares de lhes dá com o meio que os rodeia, o que demonstra que esses sujeitos, diante de suas necessidades, não apenas transformam a natureza, mas também, resinificam essa de acordo com “[...] seus interesses, dando conta de suas especificidades sociometabólicas” (RODRIGUES, 2012, p. 248).

Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa: o que já foi produzido sobre essa entidade?

A inquietude de se buscar entender como a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá articula suas lutas e interesses diante de um sistema capitalista hegemônico na região do Baixo Tocantins, tem conduzido nos últimos anos diversos pesquisadores e estudantes das áreas das ciências humanas e sociais a voltarem suas atenções e pesquisas para essa instituição e os sujeitos que a ela compõe.

Hoje ao fazermos uma busca em bibliotecas e sites de pesquisa¹¹, já são vários os trabalhos e publicações que podemos encontrar sobre a Z-16¹². Esses, na tentativa de compreender a partir de ações concretas a realidade política, social, econômica e cultural na qual se encontram a Colônia e os sujeitos que a ela compõe, têm trazido como ponto central de discursão as mais variadas temáticas entre as quais podemos aqui citar; os saberes sociais dos pescadores; os acordos de pesca feito por esses sujeitos; as lutas que eles travam com o sistema para exigir direitos, etc.

Tendo em vista que hoje já são vários os trabalhos e publicações sobre a Z-16 de Cametá, resolvemos apresentar aqui apenas aquelas (publicações) que tem maior aproximação com a temática por nós desenvolvido e que, portanto, nos ajudam a compreender melhor o nosso objeto.

Entre as diversas temáticas que mais se aproximam da presente pesquisa destacamos a desenvolvida na dissertação de mestrado de Martins, publicada em 2011 com o título “Trabalho, educação e movimentos sociais: um estudo sobre o saber e a atuação política dos pescadores da Colônia Z-16, no município de Cametá-Pa”. Nessa pesquisa Martins (2011) se propõe a fazer uma análise dos saberes produzidos

¹¹ Para melhor compreendermos o nosso objeto de pesquisa primeiramente buscamos fazer um estado da arte sobre o que já foi publicado em relação a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá. Nesse sentido, a procura nas bibliotecas: da Universidade Federal do Pará, do Campus Universitário do Tocantins (Ufpa/Cametá); biblioteca municipal de Cametá, bem como, em site de pesquisas como Google, Scielo e banco de teses e dissertações da Capes, nos ajudaram a fazer um levantamento sobre as principais produções acadêmicas que têm como temática principal a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá.

¹² Do universo de trabalhos e publicações encontrados sobre a Z-16, fazem parte: “Pra onde sopram os ventos? Práticas educativas dos pescadores de Cametá” (Org. BARRA, 2015); “Pescadores artesanais de Cametá: formação histórica, movimentos e construção de novos sujeitos” (FURTADO & BARRA, 2004); “Pescadores do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha em uma área amazônica” (FURTADO, 1993); “REVISTA Caamutá” (2001); “REVISTA Ver-o-Pará” (2005); “Trabalho, saberes sociais e identidade: a experiência de pescadores artesanais no Estado do Pará” (RODRIGUES & ARAUJO, 2013); “Saberes do trabalho da pesca de jovens ribeirinhos no município de Cametá-Pará-Brasil: questões de identidade e formação do trabalhador” (RODRIGUES & SILVA, 2014); “Trabalho, educação e saberes dos trabalhadores da Colônia Z-16 de Cametá-Pa” (MARTINS; RODRIGUES; RODRIGUES, 2014).

no trabalho dos pescadores, bem como a verificação de como se dá a atuação política educativa desses sujeitos no contexto social de seus movimentos.

Objetivamente, desenvolve um estudo que vem mostrar que os pescadores são sujeitos de saberes e que esses mesmos saberes nascem a partir de suas relações com o mundo do trabalho da pesca. Concluindo sua pesquisa, Martins (2011) frisa que a temática saberes do trabalho da pesca e a atuação política dos pescadores necessitam serem mais aprofundadas, pois “[...] são questões que ainda precisam de outras análises, de que outros estudos podem partir para fortalecer a reflexão em torno da temática apresentada” (MARTINS, E., 2011, p. 108).

Dando indícios de seguir as recomendações de Martins (2011), outro autor que elegeu a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá como objeto de estudo foi Barra que em 2013 publicou sua dissertação de mestrado que tinha como título “A relação trabalho e educação no contexto dos acordos de pesca em Cametá/Pa: uma alternativa econômica ou uma prática de resistência? ”

Assumindo como foco principal estudar os acordos de pescas enquanto formas estratégicas para a gestão de recursos capitados pela Colônia Z-16 de Cametá, Barra (2013) buscou estudar como esses acordos de pesca se desenvolviam em uma instituição como a Z-16 de Cametá. Para isso, teve que direcionar suas análises e interpretações para entender, entre outras coisas, as relações de fortalecimento de classe dos pescadores enquanto necessidade para lutarem por seus interesses, que por sua vez perpassavam por uma melhor organização desses sujeito em torno de uma instituição que os representasse enquanto categoria.

Outro autor que também elegeu a Z-16 de Cametá como objeto de investigação construindo a partir dessa sua Tese de doutorado foi Rodrigues com o trabalho intitulado: “Saberes sociais e luta de classes: um estudo a partir da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 – Cametá/Pará”.

Quando da conclusão de seu curso de doutorado, Rodrigues (2012) apresentara sua tese que tinha como propósito investigar

[...] a relação entre saberes sociais e luta de classes, analisando-se a atuação daqueles como elementos potencializadores de uma consciência de classe para si. [Tratava-se] de uma pesquisa [...] junto a pescadores artesanais ligados à entidade representativa, a Colônia Z-16, sediada no município de Cametá, nordeste do Pará, Amazônia, Brasil [...] (RODRIGUES, 2012b, p. 9).

Com o desenvolvimento da tese, Rodrigues (2012) pôde esclarecer de que forma está se dando as lutas empreendidas entre a classe dos pescadores artesanais de Cametá materializados essa na Colônia de pescadores artesanais Z-16 de Cametá-Pa e o sistema Capital personificado na região na hidrelétrica de Tucuruí.

Assim, com sua tese, Rodrigues (2012) visualiza nas categorias saberes sociais e luta de classe um viés de estudos que pode estar contribuindo com o fortalecimento do grupo social dos pescadores, porque pautado na realidade político-social desses sujeitos. É assim que, ao concluir sua pesquisa, o autor destaca que os saberes da pesca estão a possibilitar um fortalecimento de classe para si, além de uma coesão identitária dos sujeitos pescadores (RODRIGUES, 2012).

Enfim, apesar de hoje já encontrarmos uma relevante produção acerca da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa que deram respostas a problemas políticos, econômicos e sociais levantados pelos pesquisadores em um determinado momento histórico, não podemos desconsiderar que essa mesma história está em movimento e que a Z-16, vista por esse prisma (do movimento da história), tem cada vez mais se constituído enquanto um organismo vivo. Diante disso, há de se considerar que os problemas científicos que por hora inquietaram os pesquisadores aqui citados a voltarem seus estudos para a Colônia Z-16 responderam a anseios e indagações que em um determinado momento histórico os inquietaram. Contudo, há sempre de se considerar que o conhecimento não se esgota em si mesmo, o que nos permite afirmar que a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá e os sujeito que a ela compõe, fazem parte da história e como tal, estão em constante movimento e transformação, porque em movimento e transformação estão os homens.

Então, se a Z-16 e seus membros estão em uma dinâmica constante de movimento com a história, as contradições vão se mostrando e, por conseguinte, revelando problemas outros que as novas pesquisas científicas podem se propor buscar compreender. Diante disso é que surge o problema de pesquisa do presente estudo, onde se faz o seguinte questionamento: *os jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z- 16 de Cametá- Pa, que fizeram curso técnico de Aquicultura oferecido pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá) e hoje mantem uma relação com o mundo do trabalho da pesca, utilizam os conhecimentos*

sistematizados e adquiridos em tal curso como elementos de formação da identidade pescadora, potencializando tal identidade ao relacionar esses conhecimentos aos saberes produzidos e aprendidos no cotidiano da pesca?

QUESTÕES QUE NORTEARAM A PESQUISA

Assumindo que nessa pesquisa precisamos avançar com nosso objeto de estudo buscando enxergar esse em seu sentido concreto de constituição, ou seja, para além do dado fático que no plano das imediatezidades é facilmente captado pelo senso comum (KOSIK, 2002), elegemos como **questões a nortearem** essa pesquisa os seguintes questionamentos:

I- Como os jovens pescadores, que adquiriram os conhecimentos científicos sistematizados pelo curso de Aquicultura, utilizam esses, de modo a tornarem elementos de sua prática de trabalho e, conseqüentemente, elementos da formação de sua identidade pescadora?

II- Que conhecimentos técnicos-científicos do curso de Aquicultura e que saberes do trabalho da pesca vêm sendo utilizados pelos jovens da Z-16 na formação de sua identidade pescadora?

III- Como é que na formação da identidade pescadora dos jovens da Z-16 está se dando a relação entre conhecimentos técnicos-científicos e saberes do trabalho da pesca?

OBJETIVOS

Geral

✓ Analisar como os conhecimentos técnicos-científicos do curso de Aquicultura, bem como, os saberes do trabalho da pesca, estão a corroborar a formação de uma identidade pescadora em jovens que hoje mantem uma relação com o mundo do trabalho da pesca.

Específicos

✓ Identificar quais os conhecimentos científicos adquiridos no curso de Aquicultura e também quais os saberes do trabalho da pesca estão participando da formação da identidade pescadoras dos jovens afiliados na Colônia Z-16 de Cametá-Pa.

✓ Compreender, através da materialidade histórica e concreta dos jovens da Z-16 de Cametá, como os conhecimentos do curso técnico em Aquicultura juntamente com os saberes do trabalho da pesca, formam a identidade pescadora.

✓ Analisar a formação da identidade pescadora dos jovens da Z-16 enquanto fenômeno resultante de conhecimentos construídos quer no espaço de uma instituição formal de ensino, quer no cotidiano prático do trabalho da pesca

A METODOLOGIA

Metodologicamente a presente pesquisa foi construída em duas etapas que aqui consideramos como fundamentais: a primeira refere-se a pesquisa bibliográfica, que se consistiu num levantamento das principais produções que nos possibilitaram compreender os conceitos de identidade, juventude, saberes, trabalho e qualificação ao fulgor de uma perspectiva crítica e reflexiva. Assim, foi buscando entender esses conceitos no sentido de compreendermos o nosso objeto, que nos aproximamos da concepção de identidade defendida por Bogo (2010); de juventude defendida por Frigotto (2004) e Araujo e Alves (2013); de saberes defendida por Grzybowski (1986) e Damasceno (1995); de trabalho defendido por Marx (2008); de qualificação defendido por Machado (1996). Essas referências além de possibilitarem a compreensão dessas categorias, também fundamentam a presente pesquisa.

Já a segunda etapa consistiu na pesquisa de campo que compreendeu: a aplicação das entrevistas semiestruturadas (THIOLLENT, 1985) junto aos jovens pescadores que fizeram o curso técnico de Aquicultura e hoje mantem uma relação com o mundo do trabalho da pesca, coleta das entrevistas a partir da técnica de gravação (MINAYO, 2012), transcrição e análise do material coletado (FRANCO, 2007).

Também nessa fase definimos as abordagens, que no caso da presente pesquisa é, qualitativa, do tipo, estudo de caso, que sustentada em um referencial

marxista, possibilitará com que o fenômeno da identidade seja compreendido a partir do movimento das contradições vividas e produzidas pelos jovens da Z-16, tendo como instrumento de apreciação desse movimento a análise de conteúdo, conforme discussão presente no capítulo primeiro desta dissertação.

Na metodologia também tomamos como fonte de pesquisa o Plano de Curso que é o documento, entre outros, que hoje referencia e normatiza o funcionamento do curso técnico de Aquicultura oferecido pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá).

O CURSO TÉCNICO DE AQUICULTURA

Antes de alargarmos nossas discussões sobre qual é a real relação do curso técnico de Aquicultura com a formação da identidade pescadora dos sujeitos jovens que hoje, afiliados à Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá, vivem da atividade artesanal da pesca, achamos prudente primeiramente nos delimitamos em definir o que vem a ser a própria arte/ação da Aquicultura.

Para Oliveira (2009, p. 71)

Aquicultura é considerada uma atividade multidisciplinar, referente ao cultivo de diversos organismos aquáticos, incluídos neste contexto plantas aquáticas, moluscos, crustáceos e peixes, sendo que a intervenção ou manejo do processo de criação é imprescindível para o aumento da produção. Talvez a mais importante diferença em relação ao conceito da pesca, é que este último arremete a ideia de exploração de recursos naturais de propriedade pública ou descaracterizada de proprietário.

Do ponto de vista da definição acima, duas proposições se apresentam como válidas para a presente pesquisa. A primeira, em uma ordem inversa as colocações acima feitas por Oliveira (2009) é que, em termos de diferença entre a ação da pesca e a prática da Aquicultura, aquela (a pesca) se sustenta na ideia de uma exploração mais direta dos recursos naturais, quer essa se dê nos espaços públicos ou privados, ao contrário dessa (a aquicultura), que tem na criação em cativeiro e, portanto, em um manejo de caráter privado, sua principal característica (Oliveira, 2009).

A segunda proposição, é que a Aquicultura é uma atividade que se destina não apenas ao cultivo de um único organismo aquático, mas sim, a um amplo conjunto

desses seres, o que, do ponto de vista da ampliação das possibilidades do cultivo de organismos marinhos, essa atividade se apresenta como uma opção de amplas possibilidades para aqueles que dela fazem uso.

Em termos de juventude pescadora que aqui se constituem como sujeitos da presente pesquisa, o curso técnico de Aquicultura representa a possibilidade do cultivo de forma racional e sistematizada de uma gama variável de organismo aquáticos, em outras palavras, representa

[...] uma possibilidade de se lhe dá com uma grande quantidade variável de espécies de peixes e camarões que é hoje encontrado no rio Tocantins, [isso porque], nesse rio, não há só um tipo de peixe ou até mesmo de camarão, mas há também uma quantidade muito grande de tipos de peixes e a Aquicultura, para os pescadores da Colônia, vem ajudar exatamente nisso, ajudar o pescador a lhe dar com as várias espécies que se tem hoje no Tocantins (INFORMANTE A).


Nesse sentido, eis porque, em 2009, o Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá) se propõe a ofertar o curso Técnico de Aquicultura integrado ao ensino médio para o contingente estudantil, mais especificamente para aqueles que, terminando o Ensino fundamental, estavam por iniciar a segunda etapa da educação básica, o Ensino Médio.

No que tange as finalidades do curso de Aquicultura ofertado pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá), este

[...] visa preparar profissionais para atuarem no campo da atividade aquícola, tendo como referência os princípios e valores contidos na nova Legislação de Educação Profissional, Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9394/96, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Profissional de Nível Técnico, no Decreto Federal 5.154/04, no Parecer 16/99 – CNE/CEB, nas Resoluções 04/99- CNE/CEB, 350/00 e Referenciais Curriculares Nacionais de Nível Técnico na Área de Recursos Pesqueiros e ao CNCT - regulado pela Res. CNE/CEB n.03/2008 E A LEI nº 11.741, de 2008 que inclui a seção IV-A – “Da Educação Profissional Técnica de Nível Médio” – a LDB (PARÁ, 2010, p, 6).

Assim, é um curso que tem como eixo norteador de suas finalidades a lógica do mercado se pautando para isso nas leis, decretos, pareceres e resoluções que hoje norteiam a política educacional do país.

No que tange a organização curricular, o curso técnico de Aquicultura hoje ofertado pelo Centro Integrado de Formação Profissional, está a se estruturar da seguinte forma:

 Escolas Tecnológicas SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO DO BAIXO TOCANTINS							
DESENHO CURRICULAR							
CURSO TÉCNICO EM AQUICULTURA – SUBSEQUENTE							
TURNO: DIURNO		CARGA HORARIA:1.215		AULA :45 MIN	ANO	2009	
AREAS DO CONHECIMENTO		DISCIPLINAS			C. H. TOTAL		
					C.H. R	C.H.A	C.H.S.
FORMAÇÃO TECNOLÓGICA	1º FASE	ESTUDO DA AQUICULTURA	Português Instrumental	45	60	3	
			Informática Básica	45	60	3	
			Introdução à aquicultura	60	80	4	
			Ecologia e Educação Ambiental	60	80	4	
			Higiene e segurança no trabalho	45	60	3	
			Controle de Qualidade do Pescado	75	100	5	
			Biologia Aquática	75	100	5	
	2º FASE	CONTROLE DA QUALIDADE DO PESCAO	Fundamentos de economia e comercialização	60	80	4	
			Administração e legislação aquícolas	60	80	4	
			Técnicas de elaboração de projetos aquícolas	45	60	3	
			Extensão aquícola	60	80	4	
			Empreendedorismo no agronegócio	45	60	3	
			Beneficiamento do pescado	75	100	5	
			Estatística aplicada à aquicultura	60	80	4	
	3º FASE	PRODUÇÃO AQUICOLA	Fund. de nutrição e sanidade de org. aquáticos	60	80	4	
			Topografia e construções aquícolas	60	80	4	
			Limnologia e qualidade da água na aquicultura	75	100	5	
			Piscicultura	75	100	5	
			Carcinicultura	75	100	5	
			Novas oportunidades na aquicultura	60	80	4	
	TOTAL CARGA HORARIA			1215	1620		
Estágio				200			
TOTAL CARGA HORARIA				1.820			

Fonte: Plano do curso técnico

O que o quadro acima está a revelar é que o curso técnico aqui em questão possui uma organização pedagógica que busca formar os educandos a partir tanto dos pressupostos gerais do currículo (base comum) quando nos pressupostos específicos (a aquicultura) e é buscando analisar os conhecimentos desenvolvidos por esse curso nos jovens pescadores, principalmente aqueles relacionados com a prática da pesca, que tentaremos averiguar como a formação da identidade pescadora está a se formar.

A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Estruturalmente, o presente texto se divide em quatro seções que buscam discutir a formação da identidade pescadora dos jovens que concluíram o curso técnico de Aquicultura pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá) e hoje mantem relações com o mundo do trabalho da pesca.

A primeira seção intitulada *O aporte teórico-metodológico da pesquisa*, apresenta as bases teóricas e metodológicas que nortearam a construção da pesquisa, buscando deixar claro que essa se sustentará em uma base epistemológica pautada no materialismo histórico dialético, tendo como abordagem a pesquisa qualitativa, sendo essa do tipo estudo de caso. Também enfatiza que os dados serão coletados através do uso da entrevista semiestruturada e analisados através dos procedimentos da análise de conteúdo. Também na citada seção é enfatizado que será utilizado, como fonte de pesquisa, o Plano de Curso que é o documento, entre outros, que hoje referencia e normatiza o funcionamento do curso técnico de Aquicultura oferecido pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT-Cametá).

A segunda seção que traz como título *A juventude de modo geral e os jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z- 16 de Cametá- Pa, em particular*, é aquela que busca fazer algumas reflexões sobre a juventude de modo geral e os jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá- Pa, em particular. No geral, buscou-se conceituar o que é a juventude hoje, tomando como ponto de partida um recorte de classe (FRIGOTTO, 2004). No particular, foram construídas algumas reflexões sobre os jovens da Z- 16 de Cametá- Pa, buscando deixar claro que esses

são sujeitos plurais em suas relações, o que lhes possibilita a formação de uma identidade pescadora não estática e imutável, mais sim, dinâmica e em movimento.

Também nessa seção foi traçada uma discussão sobre a juventude da Colônia Z-16 de Cameté e a formação da identidade pescadora. Nessa discussão advoga-se que a identidade pescadora pode estar sendo formada a partir do movimento dialético do todo, no qual estão operando juntas, tanto as determinações do modo tradicional da vida dos trabalhadores da pesca quando do *modus operandi* do capital. Nesse sentido, a formação da identidade pescadora é tomada enquanto síntese de várias relações, ou seja, enquanto resultado não só do modo tradicional de vida dos pescadores, mas também de outras esferas da vida social dessa fazendo parte o *modus operandi* do capital.

Já a terceira seção faz uma discussão sobre *Trabalho, saberes e qualificação*. Essa discussão inicia-se com algumas considerações sobre trabalho para poder assim discutir saberes e qualificação. Essa ordem de discussão foi estabelecida, uma vez que se parte do princípio de que ainda hoje o trabalho é central na vida dos homens (MARX, 2008) e, portanto, determinante nas relações desses, quer essas sejam com saberes ou com a qualificação. Uma outra justificativa para iniciarmos essa terceira seção a partir da discussão sobre trabalho é que entendemos que assim ficará mais fácil traçarmos uma compreensão das relações que esse, os saberes e a qualificação determinam na vida dos jovens da Colônia Z-16 de Cameté que já concluíram o curso técnico de Aquicultura e hoje estão a manter relações com o mundo trabalho da pesca.

Por fim tratamos da quarta e última seção. Nessa, intitulada *Juventude, Trabalho e Educação: a formação da identidade pescadora enquanto resultado de um movimento real de lutas, contradições e aprendizados*; tecemos uma análise dos dados empíricos buscando comprovar que a partir da aquisição de um conjunto de novos conhecimentos, práticas e técnicas provenientes do curso técnico de Aquicultura, os jovens, por nós entrevistados, foram transformando suas atividades laborais de pescadores em práticas que, segundo eles, por serem de natureza “difícil, penosa e exigente” (INFORMANTE E) foi lhes impondo a necessidade da busca por novos aprendizados para que assim pudessem tentar modificar a natureza hostil, degradante e desumanizante que aquele (o trabalho) vinha assumido. Foi analisando essas modificações, a fim compreende como a formação da identidade pescadora

está a se dá nos jovens sujeitos dessa pesquisa que dividimos essa última seção em quatro subseções.

Na primeira que foi por nós intitulada como *“Do trabalho difícil, penoso e exigente, ao curso de Aquicultura: os jovens pescadores e a qualificação para o trabalho da pesca”*, buscamos mostrar como os jovens que assumiram o exercício da pesca como profissão, ao compreenderem a materialidade desse trabalho como sendo de natureza hostil, foram adquirindo, através do curso técnico de Aquicultura, elementos para que pudessem transformar tal trabalho em uma atividade, que do ponto de vista físico e humano, pudesse se torna mais possível de ser realizada, ao passo que para isso passaram a se utilizar de alguns conhecimentos, técnicas e práticas adquiridos durante o curso, transformando assim não só seus ofícios de pescador, mas também a identidade que com esse nasce.

Na segunda denominada *“Os jovens pescadores, o curso de Aquicultura e a formação da identidade pescadora”*, foi onde construímos uma reflexão que buscou mostrar que a utilização dos novos conhecimentos e práticas adquiridos no curso de Aquicultura e hoje presentes no processo laboral da pesca dos jovens está a fazer com esses se reconheçam como pescadores, não mais única e exclusivamente a partir dos saberes que empiricamente construíram no trato cotidiano com o ofício de pescador, mas também, a partir do conjunto de conhecimentos e práticas que buscados e adquiridos no curso técnico de Aquicultura, hoje se fazem presentes em suas atividades, modificando e transformando seus processos de trabalho e, conseqüentemente, suas subjetividades e identidades.

A terceira subseção que tratou da *“formação da identidade pescadora enquanto resultado de relações reais dos jovens”* foi onde se evidenciou que o curso de Aquicultura, para esses sujeitos, é uma formação que lhes permite atuar de maneira mais consciente no desenvolvimento do trabalho da pesca, o que revelou que esses sujeitos tomam tal formação como uma qualificação para a vida e não para o mercado de trabalho (MÉSZÁROS, 2008).

E por fim, a quarta e última subseção, que tratando do *“Curso de Aquicultura e as transformações de comportamentos, posturas e identidade pescadora”* foi o espaço onde evidenciou-se que, os conhecimentos, técnicas e práticas adquiridos no curso de Aquicultura, vão provocando, no movimento da aprendizagem dos jovens, transformações não somente no plano objetivo de suas ações, mas também no plano

subjetivo, pois operam mudanças tanto em âmbito imediato das ações desses sujeitos, quanto em âmbito mediato, isso porque à medida que as mudanças imediatas vão ocorrendo, esses sujeitos também, de maneira mediata, vão se transformando, tornando-se trabalhadores da pesca mais conscientes da necessidade da construção de uma realidade, a menos inóspita possível, reconhecendo assim, que há a urgência de uma efetiva mudança das antigas práticas de trabalho por outras que agridam menos a natureza, o que os tornam críticos de suas próprias ações e, conseqüentemente sujeitos outros de ações outras e, portanto, de identidades outras.

1 O APORTE TEÓRICO- METODOLÓGICO DA PESQUISA

Na presente pesquisa, assumimos uma metodologia que se sustentou em uma base epistemológica pautada no materialismo histórico dialético prescrito pelo Alemão Karl Marx (1818- 1883), tendo como abordagem a pesquisa qualitativa, sendo essa do tipo estudo de caso. Enquanto aos dados, para se coletar esses, o procedimento que se utilizou foi o uso da entrevista semiestruturada e a análise de conteúdo como técnica de apreciação desses. Também aqui tomamos como fonte de pesquisa o Plano de Curso que é o documento, entre outros, que hoje referenda e normatiza o funcionamento do curso técnico de Aquicultura oferecido pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá).

Indicados os instrumentos e o arcabouço teórico que nortearam os procedimentos dessa pesquisa, há de se considerar também que aqui o que se buscou foi articular a metodologia com o problema de pesquisa e os objetivos, de forma a entendermos a formação da identidade pescadora dos jovens da Z-16 de Cametá, não a partir da imediatez fática na qual, a uma primeira vista, se encontram esses sujeitos, mas sim a partir do movimento real produzido por eles, uma vez que os consideramos como sendo ativos e, por tanto, produtores de suas próprias relações materiais, políticas, sociais, culturais e educacionais.

Assim, entendendo que o saber produzido no trabalho da pesca pelos jovens pescadores da Z-16 está a desenvolver-se concomitantemente com os conhecimentos científicos buscados no curso técnico de Aquicultura que por eles foi frequentado, o que aqui se buscou foi transcender a imediatez do objeto pesquisado para se chegar à sua concretude que nos mostrasse as verdadeiras estruturas por trás do fenômeno pesquisado nos permitindo entender, a partir da dinamicidade histórica construída pelos jovens, como os saberes da pesca e os conhecimentos sistematizados e adquiridos no curso de Aquicultura foi lhes formando uma identidade pescadora.

Para isso, tendo consciência de que a empiria, em uma pesquisa científica, por si só não dá respostas que possam transcender a pseudoconcreticidade dos fatos, permitindo assim ir para além da aparência para se atingir a essência (Kosik, 2002), partimos do princípio de que a realidade pesquisada, a partir de uma perspectiva histórica, pressupõe uma articulação na qual o método esteja amalgamado com uma base científica a qual permita que o conhecimento a ser produzido acerca da formação

da identidade pescadora dos jovens possa ser sintetizado e entendido a partir do movimento real produzido por esses sujeitos.

É por isso que na presente pesquisa assumimos como base científica o materialismo histórico dialético, por entendermos que esse nos fornecerá as categorias do método do marxismo como **a totalidade, a mediação, a práxis e a contradição** como referências que nos conduzirão no desenvolvimento dos procedimentos de análise, fornecendo-nos assim, instrumento metodológico que nos guiarão em nosso fazer científico, o qual nos possibilitará articular; o local ao universal a partir da categoria **totalidade**; bem como entender as **mediações** que os jovens da Z-16 fazem entre o mundo do trabalho da pesca e os conhecimentos técnico-científicos adquiridos no curso de Aquicultura; as **práxis** que esses sujeitos desenvolvem em seu cotidiano de trabalho para se firmarem diante da negação que o capital faz de sua identidade pescadora, e por fim, a **contradição** na qual estão envolvidos esses sujeitos por viverem em uma sociedade de classes.

1.1 O MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO COMO BASE CIENTÍFICA DA PESQUISA

Admitir o materialismo histórico dialético como base científica para sustentar os nossos pressupostos metodológicos implica mais do que escolher uma simples teoria para a investigação da formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia de Pescadora Artesanais Z-16 de Cametá, isso porque, tal método é em si uma

[...] postura, ou concepção de mundo; enquanto um método que permite a apreensão radical (que vai à raiz) da realidade e, enquanto práxis, isto é, unidade de teoria e prática na busca da transformação e de novas sínteses no plano do conhecimento e no plano da realidade histórica (FRIGOTTO, 2010, p. 79).

Quando temos o materialismo histórico dialético como “postura ou concepção de mundo”, bem como “enquanto práxis”, buscamos entender o objeto pesquisado não em sua imediatez, ou seja, seu “fetichismo aparente e objetivo criado pelo senso comum” (KOSIK, 2002, p. 61), mas o que buscamos é entender o objeto em sua concretude, como unidade de múltiplas determinações. Nesse dispendioso “navegar” do aparente para a essência, “[...] esse método mostra como se transforma a matéria e como se realiza a passagem das formas inferiores às superiores” (idem, p. 51)

possibilitando assim se chegar a um novo conhecimento, ou melhor, uma nova síntese e, por conseguinte, uma nova postura a ser assumida diante da realidade.

É buscando entender a realidade a partir de uma perspectiva histórica, entendendo que o real é produto dos sujeitos e que esses em sua dinamicidade constroem seus mundos e o modelam de acordo com seus interesses, e esses (os interesses) por sua vez, só podem ser apreendidos a partir do movimento verdadeiro do objeto, é que defendemos aqui que a formação da identidade pescadora dos jovens deve ser estudada não enquanto um fenômeno produto do mundo das ideias, mas sim enquanto resultado, uma síntese da matéria, uma vez que

[...] para se ter uma compreensão adequada da realidade, não se pode nem partir nem permanecer no mundo das ideias. É preciso buscar a conexão do que elas têm com a realidade objetiva. Só essa conexão permitirá entender o que os homens pensam, por que pensam desse modo e também as ideias errôneas que eles criam a seu respeito (TONET, 2009, p. 12).

É assim, buscando na realidade objetiva, ou seja, na vida material dos homens, que pretendemos analisar a formação da identidade pescadora dos jovens da Z-16 de Cametá buscando entender essa não como produto das abstrações criadas pelo senso comum, mais sim enquanto resultado das relações materiais produzidas pelos homens.

É tendo como base primordial a matéria e defendendo essa em oposição as explicações idealistas do mundo, que Marx e Engels (2009, p. 31) assim se posicionam em relação a tal oposição: “A produção das ideias, das representações, da consciência, está em princípio diretamente entrelaçada com a atividade material e o intercâmbio material dos homens”. Assim, a afirmação feita pelos autores reforça a proposição de que a matéria assume o único meio pelo qual o homem pode verdadeiramente conhecer o mundo. Por esse viés de análise, a consciência torna-se dependente da matéria, pois é só essa (a matéria) que carrega o verdadeiro significado da coisa em si, portanto, é somente a matéria que é capaz de revelar as estruturas do objeto possibilitando dessa maneira com que a consciência as internalize.

Mas se por um lado admitimos que o domínio da matéria é condição necessária para se conhecer a coisa em si, por outro, advogamos que para chegarmos as

verdadeiras estruturas da matéria faz-se necessário o uso da dialética, que segundo Kosik (2002, p. 9) “[...] trata da coisa em si”. Contudo, “[...] a coisa em si não se manifesta imediatamente ao homem” (idem, 9), pois a matéria, ou melhor, o objeto traz consigo um duplo sentido – o abstrato e o concreto – e cabe ao pesquisador buscar enxergar esse (duplo sentido), examinando o fenômeno em sua totalidade e também em suas particularidades, pois esse (o fenômeno) ao mesmo tempo que revela a sua essência, a esconde.

Sendo assim, há a necessidade de buscamos estratégias para enxergamos a realidade por trás do fato pesquisado e para isso o método proposto por Marx é de essencial importância, pois nos dá as ferramentas necessárias para a construção de nossa pesquisa, a saber – o materialismo histórico dialética. Mas afinal, o que é o materialismo histórico dialético?

Para facilitar o entendimento do que é o método de Marx e qual a sua importância para essa pesquisa, julga-se necessário conhecer a diferença entre materialismo dialético e materialismo histórico.

De acordo com Kopnin (1978, p. 224), ao tratar da dialética como lógica formal e teoria do conhecimento, o materialismo dialético

[...] é um método universal de movimento do pensamento no sentido de novos resultados. As leis da dialética atuam como princípio lógicos de transição a um novo conhecimento, de síntese de conhecimento, que leva a interrupção da gradualidade. A criação de uma nova teoria incorpora como momento obrigatório o surgimento de uma nova qualidade, a negação dos resultados antecedentes com a repetição de alguns momentos destes da nova síntese.

O materialismo dialético permite que os fenômenos que se pretende estudar sejam apreendidos a partir do movimento da consciência e da matéria, pois, é através de tal movimento que as estruturas do fenômeno se mostram revelando suas composições interna, ou seja, sua essência. Contudo, há de se frisar que “[...] a essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo inadequado, parcial, ou apenas sob certos ângulos e aspectos, [sendo assim], [...] a essência não se dá imediatamente; é mediada ao fenômeno e, portanto, se manifesta em algo diferente daquilo que é [...]” (KOSIK, 2002, p. 15) precisando para se revelar, do materialismo dialético, que “[...] não é uma instância verificada do conhecimento obtido, mas, meio e método de transformação do conhecimento real por meio da análise crítica do

material factual, concreto, um modo de análise concreta do objeto real, dos fatos reais” (BENITE, 2009, p. 9).

Objetivamente o materialismo dialético, no movimento do objeto estudado, possibilitará com que o pesquisador internalize subjetivamente as transformações que a matéria sofre mostrando as verdadeiras intenções e determinações que vão se revelando à medida que o objeto é analisado, permitindo a formação de uma nova síntese do conhecimento sobre a coisa pesquisada.

Em termos mais diretos, significa afirmar que tal materialismo, é a “[...] maneira de pensar elaborada em função da necessidade de reconhecermos a constante emergência do novo na realidade humana [...]” (KONDER, s/d, p. 39). Precisamente, é tentar apreender a partir da realidade humana as construções materiais e históricas que o homem em seu peregrinar no espaço e tempo estabelece entre si e os outros, ou seja, é buscar na matéria, que é produto dos homens, portanto é histórica, as bases para uma inquirição que conduza o pesquisador para além da mera descrição do objeto pesquisado conduzindo-o a novas descobertas.

Já o materialismo histórico,

[É a ciência do marxismo] que designa uma visão do desenrolar da história que procura a causa final e a grande força motriz de todos os acontecimentos históricos importantes no desenvolvimento econômico da sociedade, nas transformações no modo de produção de troca, na conseqüente divisão da sociedade em classes distintas e na luta entre essas classes. (ENGELS, 1892 *apud* BOTTOMORE, 2012, p. 383)

Tomar o materialismo histórico como uma ciência que busca entender as relações sociais a partir da evolução material e histórica do homem, não significa simplesmente voltar-se para a história como mera descrição de fatos e acontecimentos, ao contrário, significa ir para além das descrições buscando ver nas inversões da história como as práticas sociais dos homens são reveladoras de contradições e assim o quanto os fenômenos sofrem alterações, alterações essas que só são perceptíveis na realidade concreta.

Com o materialismo histórico, as revelações obtidas do fenômeno pesquisado não são descobertas especulativas, mas são possibilidades reais que permitem conhecer as verdades ocultadas pelo senso comum criado cotidianamente pelos

homens. Assim, utilizar tal ciência como base norteadora de pesquisa significa transcender as formas pragmáticas dadas aos homens e suas representações e avançar para o mediato que o fenômeno esconde. Pautado nisso é que Marx e Engels, em *Ideologia Alemã* (2009, p. 37), deixam claro o método que estão propondo para a história, um método que parte de bases reais.

Não se parte do que os homens dizem, representam ou imaginam, nem tampouco do homem predicado, pensado, representado ou imaginado, para chegar, partindo daqui, ao homem de carne e osso; parte-se do homem que realmente atua e, partindo de seu processo de vida real, se expõe também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos deste processo de vida [...] Tão logo se expõe este processo ativo de vida, a história real deixa de ser uma coleção de fatos mortos, ainda abstratos, como o é para os empiristas, ou uma ação imaginária de sujeitos imagináveis como o é para os idealistas.

O materialismo histórico busca nas ações práticas dos seres humanos as verdadeiras intenções por trás dos atos e ações, por isso é que para o marxismo a história é feita por indivíduos reais, de ações reais e contradições reais. Diante dessa perspectiva, deve-se partir desses (indivíduos reais) para se expor o desenvolvimento real da coisa pesquisada, pois é na história dos homens enquanto sujeitos sociais e concretos, que as múltiplas determinações se revelam desvendando o mundo reificado das relações mostrando que as ideologias, as dependências e subordinação na qual os homens, em sua maioria se encontram, não são relações naturais.

Portanto, vincular o materialismo dialético, que é o estudo do movimento da consciência e do fenômeno, e o materialismo histórico, que é o estudo do movimento da matéria na história, com a pesquisa sobre formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá é de essencial importância, pois auxiliará na compreensão da formação de tal identidade, entendendo essa como um fenômeno social que como tal sofre as mais diversas determinações dos sujeitos que constituem a sociedade. É nesse sentido que afirmamos que o método de Marx nos ajudará a entender que o fenômeno da formação da identidade pescadora nos jovens da Z-16 de Cametá- Pa, não é uma construção fortuita e descolada daquilo que os pescadores e, mais ainda, os jovens pescadores são, mas ao contrário, são formações pautadas nas relações históricas sociais desses sujeitos, e que enquanto tal, só são passíveis de serem compreendidas

a partir da apreensão crítica da realidade e das ações humanas construídas por esses sujeitos.

1.2 O MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO E A PESQUISA QUALITATIVA: justificando o uso conjunto da abordagem que qualifica com o método materialista

Assim como admitimos que essa pesquisa se sustenta em uma base epistemológica marxista, também aqui não abrimos mão do uso conjunto dessa base com os procedimentos próprio da chama pesquisa qualitativa.

Se por um lado a referência marxista nos dá a base científica que nos conduzirá a uma análise crítica de nosso objeto, por outro, as pretensões e a natureza da presente pesquisa, nos colocam a necessidade de fazermos uso dos procedimentos próprios da chamada pesquisa qualitativa. É diante disso que afirmamos que para nos orientar na construção deste estudo também nos utilizamos da abordagem qualitativa, mais precisamente dos procedimentos próprio do tipo de pesquisa, o estudo de caso.

Mas antes de nos determos especificamente nos procedimentos próprios do tipo de pesquisa, o estudo de caso, é prudente deixarmos claro que desde já temos consciência da discussão que se tem traçado dentro da academia quanto à possibilidade ou não de se desenvolver estudos nos quais se faça uso conjunto dos procedimentos próprios da abordagem qualitativa com a epistemologia marxista. Contudo, comungando das ideias de alguns autores, dentre os quais, Freitas (2002), Araujo (2012), Brandão (2002) e Minayo (2012) que advogam que o uso conjunto dessas abordagens é atributo de boas pesquisas (ARAUJO, 2012), começamos por justificar que ao elegermos a abordagem qualitativa para essa pesquisa, já de entrada estamos assumindo a real impossibilidade de outras abordagens, entre as quais, a fenomenologia, o positivismo, ou até mesmo a quantitativa, possibilitarem a construção de respostas críticas quanto as verdadeiras estruturas que estão determinando a formação da identidade pescadora dos jovens aqui investigados.

Também advogamos o uso conjunto dessas duas abordagens, por entendermos que na relação de complementariedade, a aplicação de uma não descaracteriza o uso da outra. Essa ideia de complementação fica claro principalmente quando se reconhece que apesar da pesquisa qualitativa ser usada de maneira ampla, “[...] esta amplitude não resulta numa descaracterização de modelos” (MARTINS, L., 2006, p.

4). Desse modo, além dos procedimentos próprios da abordagem qualitativa, as pesquisas também podem fazer uso de outros métodos, entre os quais; a teoria sistêmica, a perspectiva sócio-histórica, a etnologia e o materialismo histórico dialético (idem).

Outro ponto importante que também nos ajuda a entender que há sim uma real possibilidade de se aplicar em pesquisas marxistas os procedimentos próprios da chamada pesquisa qualitativa, se encontra nas teses defendidas por Freitas (2002). Essa autora ao estudar as produções de autores como Vygotsky, Bakhtin e Luria¹³, defende que a perspectiva sócio-histórica, que tem o materialismo-dialético como pano de fundo, pode sim fundamentar o trabalho de pesquisa em sua forma qualitativa (ARAUJO, 2012), uma vez que

[...] essa outra forma de fazer ciência, que envolve a arte da descrição complementada pela explicação e **que pode ser encontrada na pesquisa qualitativa com enfoque sócio histórico**, realizaria a síntese sonhada por Luria, Vygotsky e Bakhtin (FREITAS, 2002, p. 26, grifo nosso).

Outra questão que também precisamos esclarecer, pois esclarecendo-a também justificamos o uso conjunto das abordagens aqui em questão, está contido na tese que parte do princípio de que antes de nos utilizarmos de qualquer procedimento relacionado a pesquisa qualitativa, primeiramente precisamos apontar de que perspectiva estamos qualificando. Em pesquisas sociais essa tese é pertinente por dois motivos. Primeiro, pelo reconhecimento das mais diversas conceituações que a abordagem qualitativa apresenta hoje para aqueles que têm necessidade de fazer uso dessa abordagem¹⁴. Segundo, que não basta apenas afirmar que se vai fazer pesquisa qualitativa, “[...] mas deve-se, sempre, em função da coerência pretendida, deixar clara a perspectiva a partir da qual se entende o termo ‘qualitativo’, qualificando-o” (ARAUJO, 2012, p. 12). É diante disso que afirmamos que o qualitativo que aqui

¹³ Segundo Freitas (2002), esses autores defendem a insuficiência das chamadas ciências exatas na investigação científica que tem o homem como objeto de estudo e em contrapartida, propõe o uso conjunto de alguns procedimentos próprios da pesquisa qualitativa associados a pesquisa histórica, que por sua vez, tem filiação ao materialismo histórico dialético de Marx.

¹⁴ Hoje ao fazermos um levantamento sobre o que é a abordagem qualitativa, encontramos uma variedade de definições, que por sua vez, estão ancoradas nas mais diversas correntes teóricas e filosóficas. Nesse sentido, não é raro encontrarmos a abordagem qualitativa sendo pautada em referenciais como o materialismo histórico dialético, o positivismo, o empiricismo, o idealismo, entre outros.

elegemos, não é qualitativo somente porque identifica a qualidade da realidade e do fenômeno, mas porque qualifica a realidade e o fenômeno de forma crítica, o que nos dá a possibilidade de entender esses (a realidade e o fenômeno) em suas íntimas relações estruturais, quer essas sejam, culturais, econômicas, políticas ou sociais. É nesse sentido que o qualitativo para nós passa a ser considerado atributo dos homens, e não das coisas (GRAMSCI, 1991).

Por fim, porém não menos importante, um outro elemento que nos ajuda a entender e justificar o uso conjunto dos procedimentos metodológicos aqui em questão, é o problema de pesquisa. De acordo com Brandão (2002), é o problema de pesquisa que irá apontar quais serão os instrumentos e abordagens que possibilitarão ao pesquisador construir os caminhos metodológicos que irão lhes permitir, ao final da pesquisa, dá respostas coerente as indagações inicialmente feitas. Assim afirma essa autora, ao discutir a abordagem quantitativa e qualitativa usados pelos pesquisadores em educação e ciências sociais,

[...] a questão que se coloca, [...], não é se as abordagens que se utilizam de materiais quantitativos são mais ou menos adequadas a fenômenos sociais do que as que utilizam os materiais qualitativos; **a questão está em ser capaz de selecionar os instrumentos de pesquisa em consonância com os problemas que se deseja investigar** (BRANDÃO, 2002, p. 28, grifo nosso).

Assim, nos valendo da afirmação da autora acima, entendendo as suas recomendações como válidas para essa pesquisa, afirmamos que no presente estudo o problema de pesquisa nos coloca como exigência, além da referência marxista, também o uso dos procedimentos próprios da chamada pesquisa qualitativa, uma vez que para entendermos a formação da identidade pescadora dos jovens em sentido amplo e crítico, além do contato direto com os sujeitos da pesquisa, também teremos de nos utilizar da observação e da descrição, que por sua vez, são procedimentos próprios da abordagem qualitativa.

1.3 A ABORDAGEM QUALITATIVA E O TIPO DE PESQUISA O ESTUDO DE CASO COMO SUBSÍDIOS METODOLÓGICOS PARA A COMPREENSÃO DA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PESCADORA

Como já enfatizado anteriormente, a partir dessa seção passaremos a nos deter de forma mais específica na abordagem qualitativa, em particular no tipo de pesquisa, o estudo de caso.

A opção por trabalharmos com a abordagem qualitativa se justifica, entre outras razões, por dois motivos principais. Em primeiro lugar, por entendermos que a presente pesquisa se insere num conjunto de trabalhos científicos¹⁵ que sustentam a inviabilidade do universo da produção humana, da qual faz parte os costumes, a arte, a cultura, a identidade, etc., serem traduzidos em números e indicadores quantitativos (MINAYO, 2012), e em segundo lugar, por concordarmos que ao investigarmos a formação da identidade pescadora ao fulgor do qualitativo, adicionando-se a esse uma perspectiva crítica, estaremos vislumbrando uma real possibilidade de gerarmos um conjunto de indicadores mais concretos e contextualizados porque pautado na realidade política, social, econômica e cultural dos pescadores, o que talvez não seja possível em uma investigação alicerçada em uma lógica doutrinária, “[...] fundamentada em categorias gerais não historicizadas” (FRIGOTTO, 2010, p. 79), que geralmente conduzem os resultados de pesquisas à “[...] apresentação de proposições que nem sempre surgem da verificação do real concreto” (SALOMON, 2006, p.331).

Apontados os motivos pelos quais optamos pela escolha da abordagem qualitativa, cabe aqui também destacarmos que para superarmos as falsas verdades advindas da descrição e da empiria que em um primeiro contato com o objeto, podem surgir, o qualitativo do qual partiremos tem suas bases filosóficas alicerçadas em uma abordagem crítica e reflexiva que tenta responder a questões humanas particulares, considerando “[...] o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes [...]” como sendo “[...] um conjunto de fenômenos humanos [...]”, que por sua vez, são entendidos “[...] como parte da realidade social” (MINAYO, 2012, p. 21).

¹⁵ Minayo (2012), Thiollent (1985), Araujo (2012).

Demarcado as nossas justificativas iniciais e apontado o qualitativo que é por nós assumido, é oportuno neste momento também deixarmos claro que o fenômeno o qual investigamos nessa pesquisa (a formação da identidade pescadora) é entendido aqui também como parte da realidade social humana, e enquanto tal, deve ser compreendido em seu sentido macro: como algo não descolado da realidade social em que os homens produzem as suas condições de existência, e em seu sentido micro: como uma particularidade, mais precisamente **um caso**¹⁶, que para ser capitado em sua totalidade necessita ser analisado nas suas múltiplas relações de contradição, mediação e práxis, que são as categorias analíticas, que “[...] deverão dar o necessário suporte à relação pesquisador-objeto de pesquisa durante todo o desenrolar do trabalho, iluminando todos os procedimentos” (KUENZER, 2008, p. 64).

O que nos leva a considerar a formação da identidade pescadora como sendo uma particularidade, um caso, primeiramente é o fato de que nessa pesquisa estamos trabalhando com a epistemologia marxista, ou seja, partimos da concepção de que a “[...] identidade, seja ela individual ou coletiva, é parte constitutiva de um movimento [...]” (BOGO, 2010, p. 117). Em razão disso, o que defendemos aqui é que não há uma única identidade, mas sim várias identidades. Essas por sua vez são constituídas por particularidades e especificidades que as tornam única diante das outras. É nesse sentido que a identidade pescadora de jovens é tomada aqui enquanto um caso, pois, diferente de todas as outras identidades, essa apresenta características e peculiaridades que lhes são próprias, como por exemplo; ser formada por um conjunto de hábitos e costumes típicos da vida interiorana; ter o trabalho da pesca enquanto um determinante de sua formação; se constituir com valores, práticas e atitudes que são construídos nas relações com o mundo do trabalho, da cultura e do lazer, etc.

Uma outra particularidade da formação da identidade pescadora que também à caracteriza enquanto um caso, está relacionado aos sujeitos que assumem essa identidade, os pescadores, e mais especificamente nessa pesquisa, os jovens

¹⁶ De acordo com Chizzotti (2006, p. 136), um caso “constitui-se de uma busca intensiva de dados de uma situação particular, de um evento específico ou de processos contemporâneos”. Partindo da compreensão desse autor, nesta pesquisa tratamos da formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá- Pa enquanto uma síntese resultante das relações humanas, que enquanto tal, pode ser entendida como uma parte da realidade social, uma particularidade humana, que por suas características e em um sentido amplo, pode ser entendido e estudado enquanto um caso.

pescadores. Isso fica evidente principalmente por duas especificidades que são peculiares dos sujeitos dessa pesquisa.

A primeira é que os jovens pescadores, vivem um tempo-espaço diferente de outros jovens não-pescadores¹⁷, ou seja, enquanto os jovens não-pescadores, mais especificamente os jovens residentes nas cidades, vivem um tempo e espaço marcado pela dinâmica própria dos grandes centros urbanos, e portanto, formam suas identidades com elementos fortemente centrados nas relações urbano- cêntrico, os jovens pescadores, por sua vez, vivem um mundo que, demarcado pelas suas relações com o campo, vai sendo construída a partir das interações com a produção artesanal, os saberes tradicionais, a cultura popular, ou seja, um mundo tipicamente interiorano que marca não só a particularidades da vida desses sujeitos, mas também, especifica a formação de uma identidade que vai sendo construída com ingredientes próprios da singularidade de um mundo que lhes é peculiar.

A segunda especificidade, diz respeito as relações de sindicalização e representatividade mantidas entre os sujeitos dessa pesquisa e a Z-16 de Cameté. Diferente de outros jovens não- pescadores; que geralmente só vivenciam as relações sindicais quando conseguem negociar sua força de trabalho em uma grande instituição capitalista; das quais as empresas, indústrias e comercio são exemplos clássicos¹⁸, os jovens pescadores, desde muito cedo entendem a importância que a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cameté tem enquanto entidade representativa e sindical, pois vivenciam de perto a materialidade dessa instituição, quando, por exemplo, no período de proibição da pesca, recebem o seguro-defeso por meio da Colônia; quando, em suas participações e debates, por meio das reuniões promovidas pela Z-16, se envolvem politicamente nas decisões e rumos que a instituição toma; quando, buscando qualificação, na tentativa de adquirir as

¹⁷ Consideramos aqui jovens não-pescadores aqueles sujeitos que diferente dos pescadores, vivem um tempo-espaço estruturado no mundo urbano o qual se opõe totalmente ao tempo-espaço dos jovens pescadores que têm suas vidas marcas e determinadas por um conjunto de relações tipicamente interiorana, na qual os ciclos das marés, os saberes tradicionais, os hábitos caboclos, entre outros, são traços distintivos que objetiva e subjetivamente identificam esses sujeitos.

¹⁸ Fazemos referência aqui aos setores empresariais, industriais e comerciais, por entendermos que desde a muito tempo, são com esses setores que, de forma mais explicita existe, ou pelo menos deveria existir, uma relação sindical entre o patronato e trabalhadores e, ainda, por entendermos empiricamente que é somente no momento em que os jovens, principalmente aqueles de relações urbanas, conseguem vender sua força de trabalho para esses setores do grande capital, que eles se aproximam dos sindicatos. Contudo, observamos também que é uma aproximação que se caracteriza, não por envolvimento, mas sim por mera formalidade.

ferramentas do mundo globalizado, participam dos cursos de informática organizados e promovidos pela Z-16, etc.

É a gente desde criança, a gente já vai entendendo que a Colônia para nós ela é de muita importância. Ela é importante porque ela é o sindicato do pescador, é ela que garante pra nós o benefício do seguro todo ano, [...] também é nela que a gente é ouvido, as nossas opiniões porque a gente faz reunião, e também, é nela que o pescador tem chance de fazer alguns cursos como o curso de informática que agora tem lá [...] é uma instituição que pra nós tem grande significado (INFORMANTE E).

Em outras palavras, diferente de outros jovens e suas outras relações, os jovens pescadores vivem hoje um conjunto de particularidades que lhes são próprias, particularidades essas que em suas relações de totalidade são mediadas por suas especificidades que hora se fazem presentes no próprio processo de formação de identidade, hora nos sujeitos dessa identidade, hora na instituição que lhes representa.

Em síntese, uma identidade que vai sendo formada por um conjunto de complexos que a luz do movimento vai assumindo propriedades que lhes são próprias, o que vai nos permitindo, com o recorte feito nessa pesquisa¹⁹, entender a formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z- 16 de Cametá- Pa, enquanto um caso, que para ser entendido como tal deve ser investigado a luz de uma abordagem própria, nessa questão em particular, **o estudo de caso**. Mas afinal, o que é um estudo de caso?

Para Yin (2001, p. 32) o estudo de caso pode ser entendido como uma inquirição “[...] empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. É nesse sentido que a investigação da formação da identidade pescadora ganha a importância de ser averiguada ao fulgor dessa abordagem, pois de acordo com a definição desse autor, é um fenômeno que vem assumindo propriedades e estruturas próprias de um acontecimento contemporâneo no qual hoje,

¹⁹ O recorte a que nos referimos diz respeito tanto a base epistemológica que sustenta essa pesquisa quanto ao objeto. No que tange a base epistemológica, o recorte feito é a favor do referencial marxista como método de análise e interpretação dos fatos investigados. Já o recorte do objeto, é aquele que assume a formação da identidade pescadora como fenômeno de investigação.

além do saber do trabalho da pesca, também podem estar participando os conhecimentos técnicos- científicos apreendidos pelos jovens da Z-16 de Cametá no curso técnico de Aquicultura, como também, por se caracterizar como um fenômeno, que a luz da realidade concreta (KOSIK, 2002), só pode ser entendido em suas múltiplas determinações, dentro de um contexto de vida real, que é onde os limites entre o fenômeno estudado e seu contexto de movimento não estão claramente definidos (YIN, 2001).

Na prática, o fenômeno que aqui nos propomos à investigar, além de ter a concreta possibilidade de estar imbuído de aspectos e particularidades que no movimento das contradições poderão se revelar reforçando sua caracterização enquanto um caso, também tem no dinâmico ambiente natural de sua ocorrência (LUDKE & ANDRÉ, 2003), ou seja, nas relações da vida real, quer dos sujeitos da pesquisa, quer da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá, que é o lócus dessa investigação, fonte direta de dados, e portanto, ambiente onde deve se incidir todos os esforços para, na tentativa de clarear os limites entre o fenômeno e o contexto pesquisado, “[...] se descobrir por trás dos produtos e das criações, a atividade e operosidade produtiva [...]” (KOSIK, 2002, p. 25) em que se opera o fenômeno da formação da identidade pescadora em particular, sem contudo deixar de considerar as suas múltiplas determinações como um todo.

1.4 OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS, OS EIXOS NORTEADORES DAS ENTREVISTAS E O REGISTRO DA PESQUISA

Levando em consideração a natureza epistemológica, o problema, os objetivos e a metodologia proposta para a presente pesquisa, assumimos aqui a aplicação da entrevista semiestruturada como principal instrumento de coleta de dados, sem, contudo, abrimos mão do uso da observação participante e da análise documental como recurso auxiliar, e da gravação, como recurso de registro. Também aqui apresentamos os eixos centrais que nortearão o roteiro das entrevistas.

Como entrevista semiestruturada, que Thiollent (1985) define como não-diretiva, tomamos aqui aquela que

[...] não propõe ao entrevistado uma completa estruturação do campo de investigação: ‘é o entrevistado que detém a atitude de exploração’. A partir da instrução transmitida pelo entrevistador, por exemplo: [...]

[Pode me dizer como é que você está aplicando na prática da pesca os conhecimentos técnicos-científicos adquiridos no curso de Aquicultura, o qual você fez?], o entrevistado define como quiser o 'campo a explorar' sem se submeter a uma estruturação pré-determinada (p. 85).

A entrevista semiestruturada, aos moldes proposto por Thiollent, é aquela que maior liberdade dá aos entrevistados possibilitando-lhes discorrer o mais naturalmente possível sobre o tema que lhes é colocado. Nesse sentido, as respostas obtidas pelo pesquisador vão ganhando um tom de caráter interacional, o que possibilita uma geração de dados mais espontâneas, e por tanto, mais fidedigna a realidade e ao fenômeno pesquisado.

Em termo de formação de identidade pescadora, a entrevista semiestruturada é aquele instrumento que possibilitará a obtenção de informações diretamente construídas no diálogo com os jovens que serão criteriosamente selecionados por essa pesquisa, onde, através de uma interação aberta entre quem pesquisa e quem é pesquisado, sem imposição na relação do diálogo, o pesquisador, por meio de um porta-voz, adquirirá como dados científicos “[...], o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor” (MINAYO, 2012, p. 64).

Na prática, esse tipo de entrevista possibilitará com que os entrevistados façam uma leitura tanto geral quanto particular da realidade que os cerca. Em outras palavras, a entrevista semiestruturada é aquela que vai permitir, por um lado, com que os sujeitos entrevistados expressem abertamente as suas impressões, percepções e constatações primeiras do mundo, e por outro, possibilitará com que esses mesmos sujeitos falem de si, suas particularidades; o que poderá revelar as contradições, negações e mediações das quais partem para compreender seus espaços, seus pares, ou seja, suas relações.

É nesse sentido que as entrevistas semiestruturadas seguirão um roteiro, um guia, que pautado em quatro eixos norteadores principais: **a) Novos conhecimentos que foram incorporados na prática da pesca; b) Benefícios que o curso trouxe para a pesca artesanal; c) Conhecimentos do curso que se relacionam com a prática da pesca; d) A prática do jovem pescador que fez o curso de Aquicultura,** possibilitarão a obtenção de dados concretos que criticamente analisados poderão

permitir a compreensão real das transformações lógicas materiais sob as quais hoje pode estar se dando a formação da identidade pescadora dos jovens da Z-16 de Cametá.

Em termos operacionais, é a partir dos quatro eixos anteriormente citados que serão elaboradas as 10 questões²⁰ que darão as entrevistas semiestruturadas corpo investigativo. Contudo, essas questões não serão estanques e fechadas, pois de acordo com Pádua, (2000, p. 67):

O pesquisador organiza um conjunto de questões sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.

Com essa perspectiva, a intenção é desenvolver questões que possam possibilitar a coleta de dados, que na análise crítica da formação da identidade pescadora dos jovens, permitam a construção de respostas concretas e, portanto, coerentes, ao problema de pesquisa levantado.

Também nesta pesquisa, com uma postura de caráter não essencial, mais sim com uma perspectiva de auxiliar as entrevistas semiestruturadas, iremos nos utilizar da observação participante e da análise documental. Partindo do pressuposto de que “[...] a *entrevista*, quando analisada, precisa incorporar o contexto de sua produção e, sempre que possível, ser acompanhada e complementada [...]” (MINAYO, 2012, p. 66, grifo da autora) por outras fontes de informações, elegemos aqui, a utilização da observação participante e a análise documental do Plano de curso do curso de Aquicultura, como estratégia para complementar as entrevistas semiestruturadas.

Tomamos a observação participante como recurso auxiliar para essa pesquisa, por entender que essa, além de possibilitar

[...] ao pesquisador obter as percepções das pessoas e expressões por intermédio de sentimentos, pensamentos e crenças [...], [também permitirá a constatação das] construção não-verbais, como expressões faciais, gestos, tom de voz, linguagem corporal e outros tipos de interação social que sugerem significados sutis da linguagem [...], [além de permitir], acrescentando-se ainda a esses elementos, o

²⁰ Nos limitamos à apenas 10 questões por entendermos que esse total é suficiente para, além de estabelecermos um diálogo aberto com os nossos informantes, também obtermos informações suficientes para as nossas análises. Assim, como vamos aplicar entrevistas semiestruturada, as 10 questões por nós eleitas funcionaram apenas como um guia que nos ajudará a instigar o nosso objeto no sentido de estabelecermos uma conversa espontânea e natural com os nossos informantes.

conhecimento tácito, que é pessoal e intuitivo, dificilmente articulado pelos indivíduos, mas que pode ser demonstrado pelas ações dos mesmos (VIANA, 2003, p. 55).

Assim, tendo claro que a formação da identidade pescadora dos jovens da Z-16 de Cametá não se constitui enquanto uma estrutura axiomática em que seus constructos estão, a uma primeira vista, expostos e facilmente capitados pela enfática postura empírica do pesquisador, a utilização da observação participante se justifica nessa pesquisa como sendo uma estratégia auxiliar, que complementando as entrevistas semiestruturadas, poderá ajudar “[...] a vincular os fatos e suas representações e a desvendar as contradições entre as normas e regras e as práticas vividas cotidianamente pelo grupo ou instituição observados”(MINAYO, 2012, p. 71).

Já a análise documental, é aquela que tomada aqui também como recurso auxiliar

[...] consiste em identificar, verificar e apreciar os documentos com uma finalidade específica e, nesse caso, preconiza-se a utilização de uma fonte paralela e simultânea de informação para complementar os dados e permitir a contextualização das informações contidas nos documentos (SOUZA, KANTORSKI, LUIS, 2011, p. 223).

É assim, tentando complementar e contextualizar as informações obtidas através da aplicação das entrevistas semiestruturadas, que vamos nos utilizar da análise documental, aplicando esse procedimento junto ao Plano de Curso do curso de Aquicultura, entendendo que esse documento poderá ajudar a melhor esclarecer as declarações e afirmações que os informantes darão quando questionados sobre os conhecimentos e técnicas aprendidas no curso por eles frequentado.

Nesse sentido, é pertinente esclarecer que ao ser tomada nessa pesquisa como uma estratégia de complementação, a análise do Plano de Curso, deve ser assumida com o devido cuidado para não tomar os dados em si como um conjunto de constructo que de forma imediata podem responder a todos os questionamentos feitos por essa pesquisa. Daí a importância de se tomar esse documento como um recurso complementar, mas sempre tendo claro que os documentos também são fontes que “[...] Expressam e resultam de uma combinação de intencionalidades, valores e discursos que são constituídas pelo e constituintes do momento histórico” (EVANGELISTA, 2012, p, 63).

Nesse caso, o que fica claro é que, se por um lado o uso da entrevista semiestruturada se constitui como principal instrumento de coleta de dados para essa pesquisa, por outro, o uso conjunto com a observação participante e a análise documental, se constitui em uma estratégia mais ampla de compreensão dos dados, o que pode permitir ao pesquisador relacionar o particular ao universal, sem, contudo, correr o risco de cair numa perspectiva atomizada e, portanto, restritiva de compreensão do fenômeno que se pesquisa.

Com efeito, se nesta pesquisa, partimos do pressuposto de que tanto a aplicação das entrevistas semiestruturadas, quanto o uso da observação participante com a pesquisa documental, constituem os procedimentos mais adequados a auxiliar a captura e compreensão dos dados, também aqui enfatizamos que, na perspectiva de melhor resguarda esses (os dados), o uso de instrumentos de registro como a gravação e a filmagem se tornam indispensáveis na garantia de uma maior fidedignidade das análises aos dados coletadas.

No que se refere a presente investigação, a estratégia que vamos empregar para registrarmos as nossas entrevistas será a gravação de áudio, e para isso, nos utilizaremos de equipamentos de gravação tipo, celulares ou gravadores digitais, o que em termos operacionais poderá possibilitar um registro fiel de todas as expressões verbais que os informantes, aguçados pelo pesquisador, possam expressar em sua oralidade.

Com relação a formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia Z-16 de Cameté-Pa, desde já justificamos que não visualizamos outra forma de registro das entrevistas que serão feitas com esses sujeitos a não ser nos utilizando das técnicas de gravação de áudio. Advogamos essa técnica como indispensável para essa pesquisa, em primeiro lugar por possibilitar com que possamos conservar as entrevistas, de modo que tenhamos na hora da transcrição, a real possibilidade de decodificarmos as falas de modo exato como o produzido pelo informante, e em segundo lugar, por evitar com que, no momento das análises, possamos correr o risco de transcrever e apreciarmos as falas de modo vago e impreciso, uma vez que, com as gravações em mãos, teremos a chance de retomar as entrevistas ouvindo essas na íntegra quantas vezes se fizerem necessário.

De modo geral, tomando as entrevistas semiestruturadas, as observações participantes, a análise documental e as técnicas de gravação como estratégias

indispensáveis para o bom desempenho dessa pesquisa, estamos assumindo que o problema da formação da identidade pescadora dos jovens da Z-16 de Cametá, enquanto resultado de forças que ultrapassam a simples subjetividade e objetividade dos sujeitos, pode ser investigado com um conjunto de procedimentos e técnicas metodológicas que, se não revelarem toda a verdade que se encontra por trás do fenômeno pesquisado, pelo menos mostrará parte dessa, o que, em termos de conhecimento, representa um avanço, uma vez que, além de ajudar a criar novas reflexões sobre o objeto pesquisado, pode também, em um jogo dialético de afirmação e negação, formar uma perspectiva crítica e reflexiva não só em relação ao que se pesquisou mais também sobre a realidade como um todo.

1.5 OS SUJEITOS DA PESQUISA, SUAS CARACTERIZAÇÕES E O CRITÉRIO DE SELEÇÃO

Os sujeitos dessa pesquisa são jovens, que na materialidade cotidiana de suas vidas têm com o ofício da pesca íntima relação porque com essa convivem dominando suas práticas e saberes ao mesmo tempo em que dessa são críticos por entenderem que somente o trabalho da pesca não lhes garante os subsídios mínimos necessários para o sustento de suas famílias o que lhes impulsiona a buscarem outros meios, como por exemplo, os cursos técnicos, como alternativas outras de superação da negação que as condições, cada vez mais precárias do trabalho da pesca, lhes impõe.

São jovens que na dinâmica social de suas vidas, sofrem as determinações de um modo de produção que lhes dificulta uma efetiva aproximação com os meios vitais de reprodução de uma vida construída a partir do pleno acesso aos bens culturais, políticos e educacionais, o que os limita de poder assim programar uma vida “para além do hoje e do agora”, conduzindo-os a um presente e futuro interditados ou em suspenso (FRIGOTTO, 2011).

Em outras palavras, os jovens dessa pesquisa são sujeitos que oriundos da classe trabalhadora e, portanto, tomados não como sujeitos abstratos, têm suas vidas demarcada pela cisão e fração de classe por viverem “um tempo de um capitalismo que lhes interdita o futuro ou produz-lhes uma existência social truncada” (idem, p. 100), o que lhes provoca uma condição juvenil fragmentada e muito fortemente marcada por um processo de adultização precoce (FRIGOTTO, 2004).

Em termos dialéticos, é uma juventude que por ter sua vida fortemente impactada pelas relações capitalistas de produção, se reportam a outras dinâmicas de tempos e espaços diferentes do mundo do trabalho da pesca, sem, contudo, perderem totalmente os vínculos com essa. Ou seja, são jovens que além de manterem uma relação com o mundo da pesca, também estão buscando se apropriar dos conhecimentos técnicos-científicos de áreas afins desse mundo, e para isso, tem tomado o curso de Aquicultura, como ponto de partida.

Em linhas gerais, os sujeitos dessa pesquisa são jovens que estando na faixa etária entre 15 e 29 anos, sendo egressos do curso técnico de Aquicultura, estando hoje afiliados à Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa e, portanto, mantendo uma relação com o mundo do trabalho da pesca, falarão de suas próprias experiências, tanto as relacionadas aos saberes do mundo da pesca, quanto as relacionadas com os conhecimentos técnicos-científicos adquiridos no curso de Aquicultura. Em outras palavras, são jovens que analisados na perspectiva da formação de sua identidade pescadora, falarão de si.

Foi nesse sentido que entrevistamos 5 (cinco) desses jovens, que identificados na pesquisa como Informante A, Informante B, Informante C, Informante D e Informante E, foram dialogando conosco, no sentido de exporem, através de uma conversa aberta, suas subjetividades e objetivo a partir dos eixos norteadores²¹ que foram por nós propostos. A justificativa para delimitarmos o número de entrevistados dessa pesquisa em apenas 5 informantes se sustenta pela representação destes para com a elucidação do assunto estudado, não se tratando de uma questão de amostragem (MICHELAT, 1985), portanto, mas da compreensão de que esses indivíduos ao fazerem parte de um conjunto de sujeitos que hoje mantém uma relação com o mundo do trabalho da pesca, também buscam alternativas outras, a exemplo do curso técnico de Aquicultura, que estar a lhes possibilitar melhor se adequarem no espaço-tempo em que vivem.

É em razão disso que a compreensão da formação da identidade pescadora vai ser construída a partir de uma perspectiva tanto subjetiva quanto objetiva. Subjetiva porque será compreendida a partir da própria clareza que os jovens têm de como os conhecimentos da área da Aquicultura, juntamente com os saberes do trabalho da

²¹ Tais eixos são apresentados na página 46, na subseção 1.4 que trata dos “Instrumentos de coleta de dados, os eixos norteados das entrevistas e o registro da pesquisa”.

pesca, vão lhes formando a identidade pescadora, e objetivo porque, partindo do pressuposto de que a coisa em si é constituída também com propriedades do imediato aparente (KOSIK, 2002), a formação da identidade pescadora vai se formando com estruturas, que, se por um lado podem ser facilmente capturadas no plano visível comum, por outro, é o ponto de partida para se desvendar o “[...] claro- escuro de verdade e engano” (idem, 15) que nas relações cotidianas do trabalho da pesca, escondem as verdadeiras estruturas da identidade pescadora.

1.6 O TRATAMENTO DOS DADOS: uma interpretação a partir da análise de conteúdo à luz da referência marxista

No que tange a análise e interpretação dos dados, esses estarão estribados na análise de conteúdo que pautado no referencial marxista possibilitará uma interpretação acurada das informações coletadas permitindo assim com que a formação da identidade pescadora dos jovens da Z-16 de Cameté seja vista a partir de uma perspectiva crítico-reflexiva, o que, em termos operacionais, poderá direcionar os resultados da pesquisa para uma possível confirmação ou rejeição do problema de pesquisa inicialmente levantado.

Assumirmos a análise do conteúdo como procedimentos de apreciação dos nossos dados, por ter esse método na mensagem “[...] verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental [...]” (FRANCO, 2007, p. 12) seu ponto de partida de investigação. Assim, com a metodologia da presente pesquisa planejada para trabalhar com dados em formato de mensagens verbais, a análise de conteúdo é aquela que aqui melhor se adequa, pois, além de permitir com que o pesquisador possa “[...] utilizar uma ou várias operações, em complementariedade, de modo a enriquecer os resultados, ou aumentar sua validade, aspirando assim a uma interpretação final fundamentada” (BARDIN, 2012. 48-49), é também aquela que, procurando conhecer aquilo que está por trás das palavras, “[...] visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológicas, sociológica, histórica, etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares” (idem, p. 50) mas sempre tendo claro que o particular é parte constitutiva do todo e que assim, relacionando parte/ todo, numa perspectiva de totalidade, os dados possam se tornar reveladores de informações concretas do objeto pesquisado.

Em termos de formação de identidade da juventude da Z-16 de Cametá, trata-se de um procedimento de análise que poderá admitir a real possibilidade de se compreender analiticamente de que maneira o saber do trabalho da pesca e os conhecimentos técnicos-científicos adquiridos nos cursos de Aquicultura estão a formar a identidade pescadora dos sujeitos jovens afiliados a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa. Neste sentido dois aspectos são importantes na análise dos dados: o descritivo e o analítico.

O descritivo é fundamental para apreensão da dinâmica que no imediato da manifestação do fenômeno se reflete no cotidiano dos pescadores. Neste caso, a descrição na qual vamos nos apoiar, é aquela que não ficará presa só e somente só nos constructos descritivos, pois aliada ao referencial marxista e fazendo uso de algumas de suas categorias, como as já mencionadas: totalidade, mediação, práxis, e contradição, buscará através do imediatismo do objeto estudado, encontrar as pistas que possam nos conduzir para o mediato, sempre tendo claro que as descrições não são axiomas intransponíveis, mas que pelo contrário, são relações dadas que nos permitem avançar para além das formas reificadas (KOSIK, 2002).

Já o analítico é quem fundamentará teórica e criticamente a estrutura e a dinâmica do que se encontra no bojo da totalidade concreta do fenômeno pesquisado, ou seja, daquilo que está posto na trajetória da aparência a essência das múltiplas determinações da formação da identidade pescadora (KOSIK, 2002). Nesse sentido, é o analítico que autorizará se fazer uma reflexão profunda sobre o objeto pesquisado, possibilitando assim com que se analise a formação da identidade pescadora de maneira crítica e criativa, oportunizando, dessa maneira, se enxergar o objeto pesquisado como resultado de contradições, afirmações e negações que em um primeiro momento de análise não se revelam com o imediato.

Em termos conceituais, tomamos aqui a análise de conteúdo como sendo “[...] um conjunto de técnicas [que busca] compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações” (SEVERINO, 2007, p. 121). Na prática, é um procedimento metodológico de análise que vai nos possibilitar enxergar, através das mensagens construídas pelos sujeitos investigados, as manifestações ideológicas e representações que permeiam as relações sociais, políticas e culturais que os pescadores, e em particular para essa pesquisa, os jovens pescadores, constroem em intercâmbio com o universo do qual fazem parte.

Operacionalmente falando, esse procedimento de análise que tem a mensagem; seja ela verbal, gestual ou documental; como objeto (BARDIN, 2012, p. 49), vai permitir com que se entenda, a partir da materialidade das construções vocabulares dos sujeitos dessa pesquisa, as intensões, oposições e aproximações que os jovens da Z-16, em suas práxis, constroem junto a outros sujeitos e espaços, o que, portanto, pode revelar como a formação da identidade pescadora está se formando para esses sujeitos.

O que estamos querendo sinalizar é que analisando as mensagens coletadas por essa pesquisa sob a luz da análise de conteúdo, poderemos verificar se na formação da identidade pescadora dos jovens, as ideologias criadas pelo capital, tenta homogeneizar vontades e atitudes, que os jovens entrevistados podem revelar em suas falas como não sendo vontades suas. Diante disso, esse procedimento é de fundamental importância para essa pesquisa, pois poderá nos aproximar dos elementos, que por hora podem ou não estar contribuindo na formação da identidade pescadora dos jovens.

Por fim, para essa pesquisa, a análise de conteúdo significará analisar a fala dos informantes a luz do referencial marxista que tendo seu substrato na matéria, ou seja, na vida material construída pelos jovens da Z-16, inquirirá na reprodução de suas mensagens as ideologias que por hora são formadas, quer pela vivência prática do mundo da pesca, quer da vivência cotidiana das relações de ensino técnico do curso de Aquicultura, verificando assim como esses dois universos estão a influenciar a formação da identidade pescadora nos sujeitos jovens da Colônia Z-16 de Cametá-Pa.

2 A JUVENTUDE DE MODO GERAL E OS JOVENS DA COLÔNIA DE PESCADORES ARTESANAIS Z- 16 DE CAMETÁ- PA, EM PARTICULAR

Nesta seção vamos fazer algumas reflexões sobre a juventude de modo geral e os jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá- Pa, em particular. No geral, buscaremos conceituar o que é a juventude hoje, tomando como ponto de partida um recorte de classe (FRIGOTTO, 2004). No particular, teceremos algumas reflexões sobre os jovens da Z- 16 de Cametá- Pa, buscando deixar claro que esses são sujeitos plurais em suas relações, o que lhes possibilita a formação de uma identidade pescadora não estática e imutável, mais sim, dinâmica e em movimento.

2.1 JUVENTUDE: uma visão geral

Se é verdade que nos últimos anos o processo de expansão do capital tem provocado no mundo grandes transformações em âmbito social, político, econômico e cultural, (BOGO, 2010), também não é menos verdade que tais transformações vêm acompanhadas de um reducionismo e obscurecimento no que tange a compreensão dos conceitos de homem e suas fases de desenvolvimento humano- infância, juventude, idade adulta e velhice.

Assim, quando tomamos, por exemplo, a fase que compreende a juventude²², como objeto de análise e investigação, e tentamos, em função dessa conceituá-la; a definição mais corriqueira e banal que geralmente encontramos, quase sempre parte do pressuposto de que “[...] a entrada da juventude se faz pela fase da adolescência e é marcada por transformações de ordem biológicas, psicológicas e de inserção social” (DAYREL & GOMES, 1999, p, 3).

Para uma perspectiva crítica de análise, essa definição assumiria uma visão singular²³ do que é ser jovem hoje, pois, consideraria juventude apenas como uma transição para a vida adulta na qual as transformações de ordem físicas, biológicas e psicológicas seriam os pontos centrais que identificariam essa fase da vida. Nesse sentido, a juventude compreenderia apenas aqueles sujeitos que, entre outras

²² Nessa pesquisa juventude é tomada não como uma mera fase de desenvolvimento do homem, mas como uma construção humano-social na qual as relações políticas, econômicas, culturais e sociais são bases reais e, que, portanto, constituem e são constituinte dessa fase da vida (FRIGOTTO, 2009; ARAUJO & ALVES, 2013).

²³ Segundo Frigotto (2011, p. 99) “Juventude no singular apenas existe enquanto definição geracional para caracterizar a população entre 16 e 29 anos de um país ou determinada região”.

características teriam em comum: a faixa etária, o fato de ainda residirem com os pais, estarem numa fase escolar que compreende o ensino médio, etc.

Contrária a essa compreensão, encontramos aquela que tomada a partir de uma perspectiva crítica e reflexiva, compreende a juventude não como sendo uma transição, mas sim, **uma construção humana social**, onde os indivíduos que compõe essa fase da vida são encarados não enquanto resultado de uma abstração, mas como sujeitos sociais concretos, que apesar de demarcados pela cisão e fração de classe, vão se constituindo enquanto detentores de direitos e deveres diante de uma sociedade cindida em classe (FRIGOTTO, 2011).

Quando assumida a partir de uma perspectiva de classe, a juventude aparece não mais enquanto uma singularidade, mas sim expressão plural que compreende um conjunto de sujeitos de relações históricas e sociais, que tendo suas vidas afetadas diretamente pelas condições e contradições de uma sociedade classista, não aceitam o conformismo e a passividade como imposição, o que lhes permite projetar-se para um sempre desafio de lutarem por seus interesses, constituindo-se assim, em “sujeitos de potencial rebeldia e contestação” (FRIGOTTO, 2009), o que vai nos permitindo entender essa fase da vida não enquanto transitoriedade, mas sim, processo em construção.

Tomada enquanto processo em construção, a juventude, longe de ser um tema de fácil conceituação, é, desde o início, um assunto complexo e controverso.

Esta complexidade e esta controvérsia têm início com a dificuldade de ter-se um conceito unívoco de juventude, tanto por razões históricas quanto sociais e culturais. Assim, é necessário, de imediato, não tomá-la de forma rígida. **Mais adequado seria, talvez, falar, como vários autores indicam, em juventudes, especialmente se tomarmos um recorte de classe social.** Ao optarmos por essa compreensão, podemos levar em conta particularidades e até aspectos singulares sem cair numa perspectiva atomizada (FRIGOTTO, 2004, p. 1, grifos nossos).

Nesse sentido, tomamos aqui a fase de desenvolvimento humano conhecida como juventude a partir de uma perspectiva de classe, por entendermos que essa se apresenta imersa em uma vasta gama de relações e, portanto, caracterizada como “[...] teimando em ser uma unidade do diverso econômico, cultural, étnico, de gênero, de religião, etc” (Idem).

Assumimos essa definição por entendermos que a juventude hoje, e mais ainda a juventude da classe trabalhadora, é composta por sujeitos de construções históricas sociais reais, pois vivem a materialidade prática do cotidiano que em uma relação contraditória lhes constitui enquanto indivíduos dinâmicos e contestadores da realidade por eles experimentada, desenvolvendo-se assim enquanto seres humanizados que não assumem uma única maneira de ser jovem, mas que pelo contrário, se apresentam enquanto sujeitos de múltiplas identidade que dependendo das situação concretas, são por eles assumidas.

Contudo, se, por um lado ao conceituarmos juventude, consideramos essa a partir de uma perspectiva de classe e, portanto, como sendo dinâmica e construtora de suas próprias histórias, por outro não podemos omitir o fato de que a juventude da classe trabalhadora, entre outros segmentos humanos, é o que mais tem sofrido com as ações do capital²⁴. Diante disso, não há como falar dessa juventude descontextualizando-a da dualidade classista na qual se encontra, ou seja, discutir esse momento da vida humana da juventude da classe trabalhadora sem levar as relações capitalistas de produção em consideração é uma discussão que certamente produzirá um entendimento enviesado do que é essa juventude hoje, uma vez que as relações cada vez mais estão sendo produzidas e determinadas pelo mercado.

Isso porque, o mercado, no dizer de Bogo (2010, p. 11- 12), “[...] que nas relações de produção e consumo, não apenas criam objetos para os sujeitos, mas também sujeitos para os objetos”, vai impondo a todos os segmentos da sociedade gostos e costumes de uma cultura capitalizada, onde “todas as relações sólidas e enferrujadas, com seu séquito de venerandas e antigas concepções e visões, se desmancham” (MARX & ENGELS, 2012, p, 47).

É nesse jogo de desmanche de relações que a juventude da classe trabalhadora sente de forma sobremaneira os impactos e perversidades de um sistema que não é capaz de lhes oferecer estruturas sólidas de relações que possam lhes garantir, por exemplo, políticas públicas efetivas ou relações trabalhistas estáveis e seguras. O que

²⁴ Segundo Eric Hobsbawm (2000), hoje, a despeito dos mandos e desmandos do sistema capital, a juventude, entre outros segmentos da sociedade, seria aquela que mais sofreria com as ações perversas e desumanas desse sistema. De acordo com esse autor, os reflexos dessa perversidade e desumanização se expressariam principalmente pela profunda despolitização e alienação dos jovens. Nesse sentido, “A despolitização dos jovens é um dos problemas mais óbvios e complexo de nossa época. Não é nada claro qual será o papel dos jovens na política do século XXI” (p. 117).

essa juventude tem vivenciado com o sistema capitalista é uma constante fragmentação e, por vezes, um sentimento de não pertencimento, que tende a não permitir com que esses sujeitos se enxerguem a partir de uma unidade, mas sim de forma fracionada e unilateral.

Entendendo a juventude da classe trabalhadora sob esse prisma, o que se pode considerar é que o capital, além de negar os direitos²⁵ hoje conquistados por esses sujeitos, tende a atingir esses cada vez mais no sentido do enfraquecimento de suas relações de direitos e deveres, provocando nesses, um sentimento de “um não achar-se” no tempo- espaço. Assim, por não ser assumida dentro das relações capitalistas como “[...] uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir, nos diferentes tempos e espaços sociais” (ARAUJO & ALVES, 2013, p, 247), mas simplesmente como uma “[...] etapa com um início e um fim pré- determinados, ou ainda, [...] como um momento de preparação que será superado quando entrar na vida adulta” (DAYREL & GOMES, 1999, p, 3- 4), a juventude de modo geral, e mais ainda, a juventude da classe trabalhadora, dessa fazendo parte a pescadora, está cada vez mais tendo que produzir suas vidas, no sistema capitalista, de forma “provisória e em suspenso”²⁶ (FRIGOTTO, 2004, p. 3).

Diante disso, buscar enxergar a juventude da classe trabalhadora e mais especificamente, a juventude pescadora, à luz das mazelas e descasos produzidos pelo sistema capital, é condição necessária para se entender esse segmento da vida humana a partir de uma perspectiva não romantizada. Isso porque, se para os jovens de classe burguesa viver a juventude em sua plenitude está cada vez mais difícil²⁷,

²⁵ Direito de ter uma vida digna, com possibilidade de viver a juventude em sua plenitude e assim poder fazer as escolhas que lhes permitirão construir as bases que definirão quem esses sujeitos serão no futuro. Direito a uma educação pública, laica, gratuita e de qualidade que possa lhes assegurar uma formação a mais ampla possível para que assim possam programar suas vidas e traçar os rumos e os caminhos que melhor lhes permitam viver minimamente com dignidade. Direito a saúde de qualidade, cidadania sem discriminação, segurança para viver sem medo, etc. Enfim, direitos que verdadeiramente lhes permitam programar e concretizar futuro.

²⁶ A ideia de vida provisória e em suspenso é tomado por Frigotto (2009) de Viktor Frankl, “um psicólogo que ficou preso nos campos de concentração na época de Hitler e que ao sair na década de 1940 comparava a situação dos presos do campo de concentração, dos que viviam em sanatório se curando da tuberculose e dos desempregados, como uma situação psicossocial de provisoriedade de vida truncada e de vida em suspensa”.

²⁷ Segundo Frigotto (2004, p. 2), os jovens pobres sentem-se “infelizes” por não poderem usufruir as promessas do consumismo e os filhos da burguesia por serem levados a um estado de permanente insatisfação com o que consomem. Tomando-se a questão do futuro de jovens filhos de pais com altos salários – gerentes, executivos de grandes empresas (funcionários do capital) –, no contexto de crise do sistema capitalista encontramos problemas que, embora de outra natureza em relação aos jovens de classe trabalhadora, os torna “infelizes”.

para os jovens da classe trabalhadora e, mais ainda, para os jovens pertencentes ao grupo social dos pescadores, que constroem suas vidas cotidianamente as margens dos rios, ou seja, em contexto diferentes dos jovens da cidade, viver a materialidade do ser jovem se torna ainda mais penoso e angustiante, pois “[...] os dilemas que as pessoas nesta faixa etária enfrentam, no caso da Amazônia, com agravantes significativos, como [...] às precárias condições de vida e a falta de escolas que absorva a todos nesta fase de sua formação [...]” (SILVA, S., 2013, p. 81) os colocam em uma condição de vida ainda mais crítica e desumana.

2.2 OS JOVENS DA COLÔNIA Z-16 DE CAMETÁ- PA, EM PARTICULAR

Tratando-se especificamente dos jovens pertencentes à classe dos pescadores, viver a materialidade da juventude se torna ainda mais penoso e angustiante, pois, além de estarem imersos em uma realidade tipicamente interiorana onde o “[...] Estado, não raras vezes, se abstém de atuar com propriedade” (RODRIGUES, 2012b, p. 16), também têm de construir a materialidade de suas vidas a partir da entrada precoce no mundo do trabalho, o que faz com que tenham que encurtar a infância e adiantar a fase adulta. Nessa lógica, os jovens pescadores não vivem a plenitude do ser jovem, ou quando vivem, essa vem acompanhada de incertezas e inseguranças quanto a construção de um futuro estável e promissor. Isso revela que esses sujeitos,

[...] sob o capitalismo, [...] estão cindidos por relações sociais estruturalmente desiguais- relações de classe - que condicionam o acesso aos bens vitais ou à reprodução da vida biológica, social, cultural e educacional. [...]. Entretanto, mantidas as clivagens de classe [...], um aspecto, mesmo que diverso em sua natureza, atinge a juventude em sua dimensão geracional: um tempo de um capitalismo que lhes interdita o futuro ou produz uma existência social truncada e em suspenso (FRIGOTTO, 2011, p. 99-100).

Nesse sentido, ignorar que os jovens pescadores são sujeitos de relação de classes, significa não levar em consideração que esses são sujeitos produtores das interações sociais, e mais que isso, são produtos dessas interações. Dessa forma, suas origens, suas raízes e cultura são o resultado de um processo histórico que a partir de um movimento real e concreto vem se desenvolvendo mostrando que os jovens pescadores, a partir de suas práticas pesqueiras, também são produtores da histórias, e que, portanto, não podem ser vistos e entendidos apenas na sua condição

de transitoriedade, onde o jovem é um 'vir a ser' tendo no futuro na passagem para a vida adulta, o sentido de suas ações no presente.

Assim, ao buscar entender os jovens pescadores a partir de um movimento real nas relações sociais, é necessário considerar esses a partir de uma perspectiva crítica-reflexiva, pois esses sujeitos são socialmente produzidos, tendo, no jogo das relações sociais que são construídas no contexto de suas vidas prático-cotidianas, suas influências maiores. Ou seja, o conjunto de sujeitos que compõe a juventude pescadora, por ser socialmente construído, não pode ser considerado em si mesmo único e exclusivamente receptor de influências externas, pelo contrário, os jovens pescadores, aos moldes da lei da dialética, unidade e luta dos contrários, ao mesmo tempo em que se unifica, pois se ver enquanto jovens, agem enquanto jovens, vivem enquanto jovens, estão em uma mesma faixa etária, vivendo as mesmas dúvidas e incertezas, também se opõe, contestando e se rebelando contra as ações do capital que nega seu modo peculiar pescador de ser jovem, fragilizando lhe a identidade.

Diante disso, não há como negar que

Os jovens a que nos referimos nessa análise têm "rosto definido". Pertence à classe ou fração de classe de filhos de trabalhadores [...] que produzem a vida de forma precária por conta própria, no campo e [...] em regiões diversas e com particularidades socioculturais e étnicas (FRIGOTTO, 2004, p. 181).

Os jovens pescadores da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa constroem sua juventude a partir de uma gama de relações que estabelecem ora com seus pares, ora com a natureza, ora com a sua religião, ora com a cultura, enfim, com as mais diversas situações e pessoas que fazem parte de suas relações pessoais e impessoais. Sendo assim, a juventude para os filhos dos pescadores é momento de construção biológica e histórica-social, que não pode ser encarada e entendida como desprovida de ações concretas carregadas de objetividade e subjetividade que, de forma direta e indireta, formam e determinam a vida e a humanização desses sujeitos.

Por essa ótica, pode-se afirmar que a juventude, para os filhos do grupo social dos pescadores, representa um momento de construção humano social que alicerçada em bases concretas determinam nesses sujeitos dimensões ético, político, sociais e culturais que vai lhes permitindo constituírem-se enquanto uma pluralidade de sujeitos determinados por um modo peculiar de vida, o interiorano, que na dinâmica

concreta do cotidiano lhes possibilita formar e estabelecer as bases e identidades que dialeticamente vai lhes definindo no presente quem serão, como viverão, e como construirão suas relações enquanto sujeitos humanos, no futuro.

Portanto, se conceituam juventude, para o grupo social dos pescadores sem considerar o contexto histórico, social, cultural, desses sujeitos estar-se-á contribuindo para uma apressada definição desse grupo social. É por isso que, na reflexão aqui exposta, consideramos a juventude pescadora no contexto da contradição social a qual está inserida, pois entendemos que os jovens que vivem do trabalho da pesca estão tendo sua vida organizada a partir de uma gama variável de influências²⁸, que estão conduzindo esses não raras vezes para uma identidade pescadora, marcada por múltiplas determinações, quer essas sejam culturais, políticas, sociais, ético e econômicas, relações essas que na vivência prática do cotidiano vão possibilitando a formação da identidade enquanto sínteses para além das imediatezidades, mas sim enquanto um complexo de relações pelos pescadores experimentadas, e é isso que buscaremos desenvolver na próxima seção.

2.3 OS JOVENS DA COLÔNIA Z-16 E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PESCADORA

Tratando-se especificamente da formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia Z-16 de Cametá, que além de concluírem o curso técnico de Aquicultura, mantém relações com o mundo do trabalho da pesca, buscamos nessa subseção fazer uma discussão do processo de formação da identidade pescadora tentando mostrar que essa, à luz do movimento real das conexões sociais estabelecida entre os homens e a sociedade, pode estar se constituindo a partir de um conjunto de relações produto do modo tradicional de vida dos pescadores e também das múltiplas determinações do *modus operandi* do sistema capital.

No movimento real, os jovens pescadores da Colônia Z-16 de Cametá não estão a produzir de forma isolada e solta, como se afastados estivessem do resto do mundo, as relações que determinam objetiva e subjetivamente a formação de sua identidade pescadora, pelo contrário, ao edificarem concretamente as qualidades reais que

²⁸ Entre as várias influencias podemos citar as advindas do mundo do trabalho, da escola, da comunidade a qual pertence, da igreja, etc.

permitem com que se tornem e se enxerguem enquanto pescadores, consciente ou inconscientemente, estão materializando um conjunto de elementos, como por exemplo; saberes, conhecimentos, valores e atitudes, que em sua totalidade, dão forma e conteúdo, não no sentido pragmático, mas no sentido dialético, à identidade por eles assumida.

Sendo assim, a identidade pescadora desses jovens, em sua constituição, é formada não por um amontoado de saberes e conhecimentos que adquiridos em contextos diferentes vão se somando e tendo como resultado final uma identidade que os define como pescadores (formação da identidade pescadora sob a ótica pragmática). A formação da identidade pescadora dos jovens que fizeram curso técnico de Aquicultura e hoje mantem relações com o mundo do trabalho da pesca é dialética no sentido de que no movimento de interação desses jovens com seu meio social, conhecimentos e saberes são adquiridos, internalizados, reformulados e atualizados, apresentando assim como síntese uma identidade que não está pronta e acabada, mas sim em constante transformação, porque em transformação estão os jovens e os conhecimentos e saberes por eles adquiridos.

Nesse sentido, a totalidade do conjunto de elementos que se materializam na formação da identidade pescadora dos jovens da Z-16 são resultados de construções históricas-sociais de vida desses sujeitos das quais participam influências tanto do modo tradicional de vida dos pescadores, a exemplo da **cultura, saberes, costumes e valores desse povo**, quanto do *modus operandi* do capital, desse fazendo parte, por exemplo; **os hábitos e vícios que cada vez mais tendem a direcionar os jovens para um servilismo que os aprisiona e os deixa dependentes do mercado**. É nesse movimento que a identidade pescadora para os jovens da Z-16 de Cametá, aos moldes lukacsiano, vai se constituindo enquanto uma síntese de “complexo composto de complexos” (LUKÁCS, 1969, p. 1) do qual vão fazendo parte estruturas, tanto de ordem burguesa, quanto do modo tradicional de vida dos trabalhadores, aqui representado pelos pescadores da Z-16²⁹.

²⁹ Não estamos aqui a considerar que há uma oposição entre o modo tradicional de vida dos pescadores e o *modus operandi* do capital, como se de um lado estivessem os pescadores artesanais vivendo em um mundo totalmente desprovido das influências do sistema capital, e de um outro, tal sistema totalmente impossibilitado de influenciar o modo tradicional de vida dos pescadores. Para nós, tanto um quanto outro estão em estreita relação, pois, reciprocamente ambos são produtos de um modo de produção, que é o capitalista, que em sua essência é perverso, desumano e, portanto, classista.

Mas, apesar de ser produto constituído por elementos advindos tanto do modo tradicional de vida dos pescadores quanto do *modus operandi* do capital, a identidade pescadora não pode ser compreendida como “[...] um ‘todo’ constituído por ‘partes’ funcionalmente integradas. Antes, é uma totalidade concreta inclusiva e macroscópica, de máxima complexidade, constituída por totalidades de menor complexidade” (NETTO, 2011, p. 56), onde o processo real de compreensão de suas partes constitutivas só é possível no movimento histórico do todo.

Em termos mais objetivos, buscar compreender a formação da identidade pescadora a partir do movimento histórico do todo, no qual estão operando juntas, tanto as determinações do modo tradicional da vida dos trabalhadores da pesca quanto do *modus operandi do capital*, é ter claro que os jovens da Z-16 que fizeram curso técnico de Aquicultura e mantem relações com o mundo do trabalho da pesca constroem sua identidade não unilateralmente determinado por apenas uma dimensão da vida social, mas sim, a partir de um amalgamar de dimensões da vida real que no todo assumem peculiaridades e propriedades quer do modo tradicional de vida dos pescadores, quer do *mudos operandi* do capital.

Nesse sentido a identidade pescadora dos jovens da Z-16 de Cametá vai se formando como sendo o resultado de duas grandes forças antagônicas entre si que determinam a formação da identidade pescadora dos jovens de maneiras não homogêneas. Em outras palavras, essa identidade vai se constituindo como o resultado da relação antagônica capital-trabalho, sendo, pelo primeiro (capital), manipulado, desarticulado e em certa medida negado, enquanto que o segundo (trabalho) materializa-os como importantes instrumentos para a coesão e construção hegemônica do grupo social dos pescadores (RODRIGUES, 2012).

Sendo assim, entendemos que o modo tradicional de vida dos pescadores determina a identidade a partir de um conjunto de elementos, entre esses os saberes que estão ligados ao cotidiano prático do trabalho da pesca, e o *modus operandi* do capital através dos conhecimentos da ciência e da técnica que são por esse *modus* apropriados, e no caso dos jovens da Z-16 de Cametá, fornecido a esses em doses homeopáticas (SMITH, 1988) por meio do curso técnico de Aquicultura³⁰.

³⁰ Para se compreender como o sistema capital administra em doses homeopáticas os conhecimentos da ciência e da técnica é imprescindível que se considere que, “[...] ao longo da história do modo de produção capitalista, o acesso ao conhecimento foi sempre regulado pelas forças dominantes a partir

Apesar de formada a partir das duas grandes forças citadas acima, não há como negar que, entendendo o sistema capitalista como aquele que se apropria e detém os conhecimentos da ciência e da técnica e que apenas disponibiliza esses em doses homeopáticas aos jovens pescadores através do curso técnico de Aquicultura, na relação de determinação das duas grandes forças capital-trabalho³¹, que estão à influenciar a formação da identidade pescadora, o sistema capital, por deter os meios de produção material, é aquele que impõe seus gostos e vontades, até porque, de acordo com Marx & Engels (2009, p. 67, grifos dos autores),

[...] a classe que é o poder *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder *espiritual* dominante. A classe que tem a sua disposição os meios para a produção material dispõe assim, ao mesmo tempo, dos meios para a produção espiritual, pelo que lhe estão assim, ao mesmo tempo, submetidas em média as ideias daqueles a quem faltam os meios para a produção espiritual.

Assim, partindo do princípio marxista de que “as ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes”, a identidade pescadora pelos jovens da Colônia Z-16 assumida tende cada vez mais a ser uma síntese de múltiplas determinações das quais participam não só os elementos ligados ao mundo do trabalho da pesca, mas também os elementos determinados pelo *modus operandi* do capital. Nesse sentido, a identidade, objeto da presente pesquisa, não pode ser assumida como estanque e imutável, formada única e exclusivamente com os determinantes da pesca, como por exemplo, os saberes, os costumes e tradições desse universo, mas sim dinâmica e, portanto, em constante transformação, pois no

de suas necessidades de controle sobre a classe trabalhadora. No século XVIII, Adam Smith, bem como outros teóricos da economia, constituíram vozes avançadas em relação a mentalidade da época, ao ressaltarem a necessidade de que os trabalhadores dispusessem de acesso a situações de aprendizagem dos conceitos elementares. Tais teóricos consideravam que a instrução mínima dos trabalhadores era necessária a construção e manutenção da hegemonia, tornando-os, também apitos, a se inserirem, convenientemente, na produção. Entretanto, era importante regular o grau dessa instrução a partir do que era considerado indispensável à adaptação do trabalho fabril e a nova ordem societária. Nas palavras de Saviani, a famosa frase de Smith ‘instrução para os trabalhadores, porem em doses homeopáticas’ significava ‘é preciso um mínimo de instrução para os trabalhadores, e este mínimo é positivo para a ordem capitalista, mas, ultrapassando esse mínimo, entra-se em contradição com essa ordem social’ (SAVIANI, 1994, p. 60). A cada fase histórica subsequente [do sistema capitalista] corresponde um mínimo, gradativamente alargado e mais complexo de conhecimento, não apenas por necessidade da produção e da sociabilidade como em decorrência das lutas dos trabalhadores, em um processo marcado pelas contradições inerentes à própria organização societária. Um princípio, entretanto, manteve-se inalterado, fundamental às forças dominantes: manter sob controle as condições de acesso ao conhecimento, para assegurar seu poder” (RUMMERT, 2011, p. 151-152).

³¹ De um lado o trabalho, que aqui o tomamos a partir do recorte – o modo tradicional de vida dos pescadores – e, de outro o capital, aqui representado pelo seu *modus operandi*.

universo dos jovens que aqui pesquisamos, também estão presentes produtos controlados pelo capital como por exemplo, as telecomunicações e seus celulares, tabletes e notebooks, a eletricidade que alimenta o uso de TVs a cabo, etc, produtos esses que de alguma forma atingem e influenciam o modo de ser e estar no mundo dos jovens em geral, e assim, dos jovens da Colônia Z-16 de Cametá-Pa, no caso da presente pesquisa, em particular.

Tomada por essa perspectiva, e diante de uma vasta extensão de produtos oferecidos pelo mercado que despertam desejos e vontades determinando a subjetividade, e portanto, identidades nos jovens aqui estudados, assumimos que a formação da identidade pescadora cada vez mais pode estar tendendo a mesclar elementos urbanos e rurais que no jogo dialético se negam e se firmam em uma constante tentativa de superar aquilo que é, em uma sempre busca por um vim a ser. Assim, entende-se que essa formação da identidade dos jovens que fizeram curso técnico de Aquicultura e hoje mantém relações com o mundo do trabalho da pesca está para além do envolvimento desses sujeitos única e exclusivamente com os saberes relacionados ao mundo do trabalho da pesca, mas também com outras esferas da vida social, constituindo-se assim enquanto produto da omnilateralidade humana (GRAMSCI, 1991) quer esta esteja “[...] ligada ao mundo da escola, por exemplo, ou à realidade urbana com suas simbologias e formas de trabalho, aqui também tomada como exemplo” (RODRIGUES, 2014, p. 4).

Profícua é essa perspectiva que assume a formação da identidade enquanto produto da omnilateralidade humana porque entende que essa é síntese não de um determinismo³² que a pressupõe ser definida “[...] por uma natureza dada, universal, mas sim [...] concreta [...] concebida, [...] [ou seja], síntese das relações sociais que se estabelecem na produção de sua existência” (FRIGOTTO, 2010, p.85). Nessa perspectiva, enquanto relações sociais, a formação da identidade pescadora, que é um produto das relações dos homens e, mais especificamente, dos homens pescadores³³, desses fazendo parte os jovens, resultaria das diversas experiências

³² Aqui o determinismo está sendo considerado na perspectiva que o entende como o [...] erro de supor que, porque um acontecimento foi historicamente causado, estava destinado a acontecer antes de ter sido causado [...] (BOTTOMORE, 2012, p. 145-146).

³³ A expressão “homens pescadores” é aqui empregado não no sentido de estabelecer uma diferença entre gênero masculino e feminino, o que poderia conduzir a uma interpretação de que apenas os homens pescam e as mulheres não. O termo, “homens pescadores” é aqui empregado no sentido mais amplo do termo, ou seja, no sentido parte-todo, onde consideramos que, ao empregar a parte (homens pescadores), estar-se-á a expressar o todo (homens e mulheres pescadoras).

concretas vividas e desenvolvidas por esses sujeitos nas diversas esferas da vida social na qual a escola é relação presente.

Considerar a escola enquanto uma relação social e, portanto, influente na formação da identidade pescadora, é entendê-la demarcada política e socialmente por relações de força e de poder, pois efetivamente,

[...] enquanto instituição que se insere no interior de uma formação social, onde as relações sociais de produção capitalista são dominantes, tende a ser utilizada como uma instância mediadora, nos diferentes níveis, dos interesses do capital (FRIGOTTO, 2010, p. 202).

Tomado sob esse ponto de vista, as influências e mediações que são estabelecidas pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá) na vida daqueles que o frequentam, não vão se constituindo em forma neutra, inofensiva e desprovida de interesses, mas ao contrário, vão se dando com objetivos, metas e finalidades bem demarcadas, pois estão a serviço de uma força dominante, o capital, que em suas relações de produção e dominação precisam se estabelecer em todas as esferas da vida social – dessa fazendo parte aquelas que determinam a formação das identidades dos sujeitos –, para poder assim “[...] se expandir por toda parte, estabelecer vínculos onde quer que seja” (MARX & ENGELS, 2012, p. 47).

Mas, apesar de ser uma instituição a serviço do capital, pois não apenas cumpre a função de “[...] fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gera e transmite um quadro de valores que legitima os interesses dominantes” (SADER, 2008, p. 15), o Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins vai se estabelecendo para aqueles que o frequentam também enquanto relação social e, portanto, espaço de contradição, porque, apesar de reproduzir as estruturas existentes, “[...] é ao mesmo tempo, uma ameaça à ordem estabelecida por oferecer a possibilidade de contribuir para a libertação” (GADOTTI, 1992, p. 150) dos que lá buscam formação. Claro isso fica, quando observamos que, ao mesmo tempo que cumpre objetivos, metas e finalidades do sistema dominante³⁴, o CIEBT-Cametá também possibilita o desenvolvimento de

³⁴ No Projeto Político Pedagógico (s/a, p. 67-68, grifos nossos) do CIEBT- Cametá, assim se expressa o objetivo do Centro: “O CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO DO BAIXO TOCANTINS tem por objetivo ofertar cursos técnicos em Administração, Alimentação Escolar, Informática, Manutenção Suporte Informática, Agropecuária, Agroindústria, Agronegócio, Mídias didáticas, Secretariado

capacidades, valores, atitudes e saberes que de maneira consciente, ou não, vão transformando a subjetividade e, portanto, a identidade dos jovens estudantes.

No caso dos jovens da Colônia Z-16 que lá fizeram o curso técnico de Aquicultura e hoje mantem relações com o mundo do trabalho da pesca, o desenvolvimento dessas capacidades, valores, atitudes e saberes, hoje podem estar lhes favorecendo o desenvolvimento de algumas de suas habilidades, principalmente aquelas relacionadas com o trabalho da pesca, o que em termos de formação e identidade pescadora pode permitir supor um indício de uma contra hegemonia a lógica do capital, porque produz uma coesão e, portanto, um reconhecimento de classe entre os jovens não só pelo trabalho que em comum praticam, a pesca, mas também pelos conhecimentos e técnicas que são por eles adquiridos e buscado naquela instituição de ensino.

Visto por essa ótica, o CIEBT-Cametá, enquanto relação social que habilita profissionalmente os jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa que lá frequentam³⁵, vai, no movimento do ensino-aprendizagem, disponibilizando os conteúdos que compõe os conhecimentos e técnicas para esses jovens, ao passo que esses, ao levarem aqueles (os conhecimentos e técnicas) para a prática da pesca, acabam por reelaborar os saberes que anteriormente já tinham sobre essa prática e, assim, modificando e, conseqüentemente, reafirmando uma identidade pescadora, que agora composta com outros conhecimentos, pode estar se potencializando.

Nesse sentido, estreito é o vínculo mantido entre o Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins e os jovens que estão a manter relações com o mundo do trabalho da pesca, porque permite a esses (os jovens), através daquele (o CIEBT-Cametá), a obtenção não apenas de um conjunto de valores e ideias que os prepara, enquanto mão de obra, para o mercado de trabalho, mas também, no movimento de afirmação e negação dessa finalidade primeira, os permite ampliar um conjunto de habilidades que anteriormente já dominavam, a saber, aquelas relacionadas com o

Escolar, Agricultura, Aquicultura, Informática, Técnico em Zootecnia, Técnico em Vendas, Técnico em Segurança no Trabalho, Montador e Reparador de Computadores, Auxiliar Administrativo e Meio ambiente [...], assegurando dessa forma o acesso em programas que tenham como base em sua matriz curricular o ensino voltado para a geração de renda e emprego, como por exemplo, o (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego) PRONATEC, visando dessa **formar profissionais para atuarem no mercado de trabalho** de forma cidadã e produtiva” (grifos nossos).

³⁵ No caso particular dos jovens, sujeitos dessa pesquisa, ao terminarem o curso de Aquicultura saem do CIEBT-Cametá certificados como técnicos em Aquicultura.

trabalho da pesca, pois no momento em que se deparam e internalizam os conhecimentos sistematizadamente elaborados por aquela instituição de ensino, suas práticas vão se modificando e conseqüentemente seu ser, e assim também suas identidades.

É diante disso que aqui advogamos que as formações identitárias são resultado não somente de uma única dimensão da vida social, como por exemplo o trabalho que em comum os homens tenderiam a desenvolver, mas é sim produto de um conjunto de múltiplas determinações que no movimento histórico desses homens vai lhes transformando o ser e assim imprimindo formas outras de identidade.

Enfim, no que tange os sujeitos dessa pesquisa, entendemos a formação de sua identidade pescadora como produto de múltiplas determinações sociais, pois são formados por relações as mais diversas nas quais estão envolvidos. Nesse sentido, pertinentes são as considerações de Rodrigues (2014, p. 12) quando afirma:

[...] que não se pode falar em juventude e identidade no sentido de a mesma constituir-se tão somente da pesca, mas a partir de um conjunto de elementos materiais a determinarem sua identidade, como o estudar [...], o viver o mundo do lazer, pois participam das festas organizadas pela Colônia Z-16, das missas, etc [...]. Não se pode deixar de considerar, contudo, que essa identidade múltipla da juventude sob análise também decorra da própria materialidade excludente do modo de produção capitalista, no sentido de lhes impor a necessidade de transcender o mundo da pesca para o mundo do estudo, da busca do ensino médio, das aulas de informática a fim de conseguir a empregabilidade e aumento da renda, principalmente quando se considera o Índice de Desenvolvimento Humano de Cametá.

Em suma, levando em consideração as colocações acima feitas por Rodrigues (2014), o que fica claro é que a formação da identidade dos jovens pescadores e, por conseguinte o próprio ser jovem, está sendo gestado por um conjunto de relações cotidianas mantidas por esses sujeitos, relações estas que por uma imposição de reconfiguração do seu modo de vida pelo capital³⁶, tem conduzido as novas gerações associadas a Z-16 à construção de uma materialidade de vida e, por conseguinte, de

³⁶ No que tange os pescadores da Colônia Z-16 de Cametá, segundo Rodrigues (2012b), as reconfigurações do modo de vida que aqui nos referimos se deu em decorrência da implantação, na região, do grande projeto minero-energética, a Hidrelétrica de Tucuruí, que após a sua implantação provocou uma grande escassez de pescado para os ribeirinhos que ficaram do lado oposto do grande lago, reconfigurando assim seus modos de trabalho da pesca e conseqüentemente de vida desses sujeitos.

formação de identidade para além do mundo da pesca, e o curso técnico de Aquicultura é um exemplo disso. Assim os jovens pescadores vão construindo suas vidas a partir de relações, espaços e sujeitos outros que estão fora do mundo do trabalho da pesca, adquirindo dessa maneira elementos para a formação de uma identidade pescadora que por hora convive com experiências e conhecimentos, a exemplo dos conhecimentos técnicos e científicos adquiridos no curso de Aquicultura, que se colocam lado a lado com as experiências e saberes do trabalho da pesca.

2.4 AS LEIS DA DIALÉTICA E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PESCADORA

Partindo do princípio de que a formação da identidade pescadora se constitui enquanto tal no movimento histórico produzido pelos pescadores, nessa subseção buscamos fazer algumas ponderações teóricas que possam contribuir para o entendimento de como os jovens formam essa identidade, tomando essa enquanto síntese de várias relações, das quais estão participando o modo de vida tradicional dos sujeitos que pescam e o *modus operandi* do capital, conforme já discutido na seção anterior. Assim, o exercício que aqui será feito buscará observar a formação dessa identidade para além das imediatezidades empíricas, considerando para isso as leis fundamentais da dialética.

Engels (s/d) (apud TRIVIÑOS, 2013, p. 65), tomando as leis da dialética a partir de uma perspectiva materialista de concepção de mundo, define essas como sendo

[...] extraídas da natureza, assim como da história da sociedade humana. Não são elas outras senão as leis mais gerais de ambas as fases do desenvolvimento histórico, bem como do pensamento humano. Reduzem-se elas, principalmente, a três: 1. a lei da transformação da qualidade em quantidade e vice-versa; 2. a lei da interpenetração dos contrários (lei da unidade e “Luta” dos contrários); 3. a lei da negação da negação.

Em termos de formação de identidade pescadora da juventude da Z-16 de Cametá, entende-se que essas leis poderão ajudar a compreender como é que no movimento real, a formação de sua identidade se efetiva e se transforma a partir das relações sociais vividas cotidianamente pelos jovens que fizeram curso técnico de Aquicultura e hoje mantem relações com o mundo do trabalho da pesca.

2.4.1 A formação da identidade pescadora no movimento das leis da dialética

Para investigarmos a formação da identidade a luz da dialética, elegemos para essa pesquisa três leis que são consideradas básicas no estudo do movimento da matéria: a lei da passagem da qualidade à quantidade e vice-versa; a lei da unidade e luta dos contrários e a lei da negação da negação.

A lei da passagem da **qualidade à quantidade e vice-versa**, “[...] é uma lei geral do desenvolvimento do mundo material” (TRIVIÑOS, 2013, p. 67). É através dessa lei que é construído o conhecimento que diz respeito ao processo de formação da matéria. Mas, para que essa lei se efetive de forma concreta é necessário que ocorram transformações ora nas características externas do objeto (mudanças qualitativas), ora nas características internas desse (mudanças quantitativas).

Por mudanças qualitativas entendemos aquelas, que entre outras mudanças, ocorrem no plano visível do objeto, ou seja, são aquelas mudanças que se dão na estrutura externa da coisa e que permitem de imediato com que se identifique que o objeto mudou. Já as mudanças quantitativas são aquelas que por, na maioria das vezes, não serem percebidas no plano visíveis, exigem uma aproximação dos sujeitos com o objeto, pois são transformações que, não raras vezes, ocorrem internamente na matéria e, portanto, só podem ser identificadas a partir de um conhecimento mais íntimo com esse. Essas mudanças são aquelas que estão relacionadas com peso, medida, volume, etc (TRIVIÑOS, 2013).

Assim, no processo de reconhecimento de um objeto, há um conjunto de características que permitem com que uma coisa signifique o que é e não outra. Ou seja, o objeto em sua constituição possui um conjunto de propriedades como cor, forma, tamanho e qualidade (propriedades qualitativas) que o definem como único, o que admite com que o reconheçamos de maneira exclusiva, impossibilitando com que se confunda esse com outros objetos. Essas propriedades são chamadas de **qualidade** e correspondem às particularidades que permitem com que o objeto seja identificado de modo imediato.

Contudo, conforme já afirmado anteriormente, a matéria em sua totalidade não é constituída única e exclusivamente de propriedades qualitativas, mas também de estruturas quantitativas. É por isso que conhecer propriedades como peso, volume, composição, densidade, etc., de um objeto, são possibilidades reais que permitem

enxergar a matéria em seu aspecto de **quantidade**, uma vez que “[...] a quantidade caracteriza o objeto [...] sob o ponto de vista das dimensões, o peso e o volume” (TRIVIÑOS, 2013, p. 66).

Também, considerando que essas propriedades, tanto qualitativas, quanto quantitativas não são estáticas, ou seja, estão sujeitas a alterações, pode-se afirmar que a matéria está em constante movimento, e é através desse movimento que essa (a matéria) vai se modificando e modificando suas propriedades. Contudo, há de se destacar que nem todas as mudanças que ocorrem na qualidade ou quantidade provocam alterações na matéria.

Para que as mudanças se efetivem de maneira concreta, ou seja, a ponto de transformar a matéria em outra coisa diferente daquilo que ela é, é necessário que essas (as mudanças), no processo de desenvolvimento da matéria, sejam **essenciais**, ou seja, que provoquem alterações quer nas características, quer nas estruturas do objeto.

A título de exemplificação, tomemos os efeitos negativos produzidos pela implantação da Hidrelétrica de Tucuruí na região Tocantina e suas implicações na vida e, por conseguinte, na formação da identidade pescadora dos sujeitos daquela região. Ao ser implantada na década de 70, a Hidrelétrica de Tucuruí veio alterando substancialmente o modo tradicional de vida dos moradores das ilhas que têm a pesca como meio principal de subsistência, pois iniciou um processo de diminuição e escassez de peixes na região, consequência direta do represamento do rio provocado pela instalação da barragem. Com isso, o número de sujeitos, que têm o trabalho da pesca enquanto meio de subsistência, também diminuiu, haja vista que ao não garantirem mais os meios de subsistência através do trabalho exclusivo da pesca, os pescadores foram abandonando essa atividade e cada vez mais procurando em outros espaços como “[...] o funcionalismo público e a escolarização superior, voltada para profissões diferentes do mundo da pesca” (RODRIGUES, 2014, p. 5), alternativas outras que lhes garantissem a sobrevivência, enfraquecendo assim a identidade pescadora por eles outrora assumida.

Produto direto do trabalho da pesca e concretamente materializado nos sujeitos que assumem tal trabalho, a identidade pescadora, enquanto fenômeno social que aproxima os pescadores fortalecendo os laços de união e unidade de classe, tem refletido de maneira direta as consequências negativas da implantação da Hidrelétrica

de Tucuruí na região (RODRIGUES, 2012b). Diretamente ligado à diminuição do número de pescadores e consequência dessa, a identidade pescadora, produto do envolvimento dos sujeitos com o trabalho da pesca, está cada vez mais tendenciando a se fragmentar e se perder, haja vista que, ao buscarem outros espaços de trabalho, aqueles que pescam estão deixando de se assumir como pescadores adotando identidades outras como a de feirantes, agricultores, funcionários públicos, etc.

Dialeticamente, as mudanças que a hidrelétrica de Tucuruí provocou seriam **essenciais**, pois afetaram as estruturas da organização de um conjunto de sujeitos que não mais conseguindo se reconhecer a partir daquilo que fazem, cada vez mais foram se afastando de uma organização de classe que no todo se dá a partir de uma identidade que os aproxima.

Em síntese, a lei de transformação da qualidade em quantidade e vice-versa é uma lei da dialética que revela que a matéria em sua totalidade é constituída de propriedades complexas, sendo essas, tanto de natureza qualitativa quanto quantitativa. Essa lei também considera que a matéria está em constante transformação, ou seja, que fazendo parte de um movimento real, sofre alterações que modificam suas estruturas quer no âmbito da qualidade, quer no âmbito da quantidade. Contudo, para que essas modificações possam ser substanciais a ponto de transformar um objeto em outro, as alterações têm de se materializar de maneira concreta, ou seja, tem de ser essenciais.

A lei da unidade e luta dos contrários, é aquela que tendo o fenômeno em movimento, “[...] determina [...] **o principal e o essencial no desenvolvimento de um todo**” (KOPNIN, 1978, p. 104, grifos do autor).

Para entendermos essa lei mais uma vez vamos relacioná-la com a formação da identidade pescadora. Segundo Ademar Bogo (2010, p. 27), “A questão da identidade está primeiramente ligada a categoria unidade e luta dos contrários”. Para esse autor:

Uma coisa não pode existir sem que haja o seu oposto, e somente pode se chegar à verdade, quando se conseguir encontrar o seu contrário assim como vida e morte, senhor e escravo, burguesia e proletariado etc. essas são contradições que se enfrentam, por isso, uma, mesmo sendo oposta a outra, depende dela para existir com suas próprias características, num intenso processo de superação, quando as contradições adquirem outras características, novos contrários aparecem interligados.

A luz dessa afirmação, a identidade pescadora para existir enquanto tal necessita de um oposto, ou melhor, de uma identidade de não pescador; essa, por sua vez, materializa-se a partir dos elementos produzidos pelo *modus operandi* do capital, que, ligado a interesses diferentes dos pescadores, coloca-se contrário a esses numa sempre tentativa de submetê-los a seu controle.

Assim, sendo a síntese material de duas grandes potencialidades: uma pautada no modo tradicional de vida dos pescadores e outra no *modus operandi* do capital, a identidade pescadora assume, no jogo do movimento dialético, a materialização de uma totalidade de elementos que interna e externamente estão em constante negação, que se dá não simplesmente por representarem contextos diferentes, mas, de maneira real, por serem a concretização de interesses totalmente antagônicos que se repelem mutuamente, produzindo movimentos de intensa tentativa de superação uma em relação a outra. É nesse movimento de superação produzido pelos contrários que ao mesmo tempo em que há uma aproximação das potencialidades, formando uma unidade, há também uma negação e exclusão entre essas; e assim, a identidade ao mesmo tempo que é pescadora não à é, sendo sempre dialeticamente falando, um vir a ser, pois além de carregar em si as qualidades daquilo que é, carrega também as características daquilo que será (BOGO, 2010, p. 27).

Enquanto um vir a ser, a identidade pescadora internamente carrega a superação das contradições imediatas ao mesmo tempo em que estabelece outras mediatas com novas características e qualidades revelando assim a existência real de um jogo antagônico de interesses; e é nesse jogo que a identidade de não pescador se revela, uma vez que essa, ao assumir uma perspectiva totalmente contrária àquela (a identidade pescadora) que atende os reais interesses da classe pescadora, vai impondo outras vias de possibilidade de formação de identidade na constante tentativa de superação daqueles elementos que emanam dos reais interesses dos sujeitos que pescam.

Assim, ao assumir que há uma perspectiva de contradição e oposição no processo real de formação de identidade, a identidade de não pescador, que se oculta por trás das aparências que são produzidas no movimento empírico das constatações, revela-se. É por isso que buscar enxergar a identidade pescadora apenas olhando para os elementos fáticos da realidade é uma prática que não revela as verdadeiras estruturas por trás das aparências, uma vez que as constatações empíricas falseiam

a realidade, não permitindo uma verificação verdadeiramente analítica das relações concretas que estão engendrando a formação da identidade. Essa por sua vez só é possível ser visualizada, com todas as suas contradições, através do movimento real no qual está emergindo.

Assumir que é o movimento produzido pela formação de identidade pescadora o modo único pelo qual se é capaz de conhecer, de maneira não alienada, as verdadeiras estruturas da identidade pescadora, é um princípio indispensável, que além de fornecer esclarecimentos reais que levam em consideração a totalidade da constituição da identidade, também revelam de que maneira está se materializando tal identidade. Porém, ao produzir o movimento de auto constituição, a identidade pescadora também revela que os contrários que a constituem não são independentes um do outro, mas que são dependentes e até mesmo se interpenetram. É nesse sentido que Triviños (2013) nos esclarece que:

Os opostos estão em **interação** permanente. Isto é o que constitui a **contradição**, ou seja, a luta dos contrários. [...] Os contrários interpenetram-se, porque em sua essência tem alguma semelhança, alguma **identidade**, que alcança quando se soluciona a contradição, quando se realiza a passagem dos contrários de um para o outro (p. 69, grifos do autor).

É nesse sentido que a identidade pescadora vai se formando como um todo, constituído de contradições que a todo momento se repelem e se aproximam, mas sempre assumindo a perspectiva de superação. Assim é que, por exemplo, os jovens pescadores ao mesmo tempo em que participam do universo da pesca, praticando essa, também participam do universo da não-pesca, ocupando espaços e tempo com outras atividades que estão para além do mundo pesqueiro. É por isso que negar as contradições em que vivem os sujeitos que pescam é o mesmo que negar a formação da identidade pescadora enquanto síntese de oposições que tem no método dialético a real possibilidade de captar “[...] a ligação, a unidade, o movimento que engendra os contraditórios, que os opõe, que faz com que se choquem, que os quebra ou os supera” (LEFEBVRE, 1995, p. 238).

A lei da negação da negação é aquela que expressa as relações entre o antigo e o novo. No dizer de Triviños (2013, p. 72):

[...] na luta dos contrários, o novo que surge não elimina o velho de forma absoluta. O novo significa o novo objeto, uma nova qualidade,

mas o novo possui muitos elementos do antigo, os elementos que são considerados positivos na estrutura do novo e que, de acordo com as circunstâncias onde se desenvolverá o novo, continuam existindo neste.

De acordo com a definição exposta acima, o novo não significa eliminação total do velho. Nesse sentido, a identidade pescadora, por estar em um constante movimento, vai se auto construindo eliminando aquelas estruturas que não são mais positivas em sua constituição e mantendo outras que na totalidade se apresentam como indispensáveis em seu todo. Ou seja, no movimento real de síntese da identidade pescadora ocorre uma constante negação, e, por vezes, eliminação entre os complexos que a constituem, ficando aqueles que de alguma maneira interessam ora para o grupo social dos pescadores, ora para a classe burguesa. É nesse jogo de eliminação que “[...] a identidade se relaciona com o movimento das negações constantes [...]” (BOGO, 2010, p. 28), e a realidade pelos pescadores experimentada é um exemplo claro disso.

Os pescadores ao produzirem seu modo de vida tradicional e, portanto, os elementos constitutivos de sua identidade que estão diretamente ligados aos seus interesses, em meio a uma realidade que lhes nega as condições mínimas de existência, voltam-se contra essa realidade também negando-a. Em termos mais diretos, na dialética da convivência de relações práticas do cotidiano, a negação que os pescadores produzem para com a realidade se dá através do não conformismo e busca de alternativas que possam superar a realidade por eles imediatamente encontrada.

Por exemplo, os jovens que pescam, ao constatarem as precariedades em que vivem seus pares, entendem que há a necessidade de buscarem outras maneiras para tentar superar essas hostilidades que lhes fragmentam enquanto sujeitos que se identificam a partir daquilo que fazem, ou seja, sujeitos que se identificam a partir do universo do trabalho da pesca. Assim, para fortalecerem seu grupo social e, por conseguinte, sua identidade, os jovens têm encontrado em espaços, como as instituições de ensino, uma possibilidade para tentar não deixar perecer seu grupo. É nesse sentido que esses sujeitos vêm se apoderando dos conhecimentos técnicos-científicos sistematizados e produzidos pelas instituições de ensino técnico como por exemplo o Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá),

reconfigurando tais conhecimentos e incorporando esses aos saberes, que resultante da pesca, marcam fortemente a constituição de uma identidade constituída pelo trabalho que os pescadores executam.

É nesse contexto que ocorre o estabelecimento de uma identidade que em sua base formativa é constituída por antigas e novas estruturas. As antigas materializam-se nos saberes centenários, desenvolvidos e aprendidos no cotidiano prático do trabalho da pesca, fruto da tradição; as novas se fazem presente no conhecimento técnico-científicos das instituições de ensino.

Assim, à luz da lei “negação da negação”, a identidade pescadora em sua totalidade é um complexo de estruturas antigas e novas que no movimento produzido pela história vai se efetivando, assumindo uma potencialidade que no todo resulta de estruturas contrárias, mas que, imersas em uma sociedade de classe, aproximam-se e fortalecem o grupo social dos pescadores, pois negam as imposições pragmáticas e imediatistas de um sistema perverso e desumano como o capital. É nesse sentido que a identidade pescadora está em intensa negação com vista a superar de maneira imediata aquilo que é, pois busca se nutrir de relações outras, como os conhecimentos científicos sistematizados pelas instituições de ensino, para se manter enquanto materialidade objetiva de classe que vive espaços contraditórios e pragmáticos.

Em síntese, enquanto resultado da “negação da negação”, a identidade que os jovens vão assumindo e que, portanto, vai lhes permitindo se reconhecer enquanto pescadores é produto de um conjunto de estruturas antigas e novas que no movimento dos sujeitos vão se somando e se negando apresentando assim como síntese final um modo de se identificar que em sua unidade carrega consigo valores, costumes e hábitos que não são imutáveis, mas que se reformulam a medida que esses sujeitos (os jovens) vão estabelecendo relações com outros espaços e sujeitos, pois lhes permitem o exercício da autoaprendizagem e, portanto, da autotransformação.

3 TRABALHO, SABERES E QUALIFICAÇÃO

Nesta seção, nossas discussões serão tecidas a partir de três categorias; Trabalho, Saberes e Qualificação³⁷, que tomadas como fundamentais para a compreensão da formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia Z-16 de Cametá, são apresentadas aqui a partir de um conjunto teórico³⁸ que não fugindo ao referencial por nós assumido, o marxista, nos ajudam a compreender o nosso objeto de estudo a partir das relações entre essas três categorias e os jovens pescadores, sujeitos dessa pesquisa.

Levando em consideração que as categorias trabalho, saberes e qualificação são elementos que não podem ser desprezados no entendimento da formação da identidade pescadora dos jovens da Z-16, uma vez que investigamos essa identidade a partir do trabalho da pesca, dos saberes nesse gerados e da qualificação que os jovens buscam no Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá), iniciaremos essa seção primeiramente fazendo considerações sobre a categoria trabalho para poder assim discutirmos a categoria saberes e, depois, a categoria qualificação. Estabelecemos essa ordem de discussão por partimos do princípio de que ainda hoje o trabalho é central na vida dos homens (MARX, 2008) e, portanto, determinante nas relações desses, quer essas sejam com saberes ou com a qualificação.

3.1 O TRABALHO

Para melhor conhecer os meandros pelos quais a identidade pescadora está a se formar nos jovens aqui pesquisados, optamos por iniciar as reflexões dessa seção primeiramente conceituando o que é o trabalho. Contudo, antes de fazermos tal conceituação, é prudente que tenhamos claro que para essa categoria existem as mais diversas concepções e abordagens, entre as quais, a burguesa, que estrutura “[...] uma concepção ou representação de trabalho que se iguala a ocupação,

³⁷ Resolvemos incluir aqui uma discussão sobre qualificação por dois motivos: primeiro por ter claro que o curso de Aquicultura é uma formação que, embora minimamente direcionado para o mercado de trabalho, está a qualificar os jovens pescadores, e segundo, porque ao frequentarem tal curso, os jovens conhecem e vivem experiências novas e, à medida que conhecem se qualificam.

³⁸ Desse conjunto teórico são referências indispensáveis para essa pesquisa: com a categoria trabalho, Marx (2008), Saviani (2007); com a categoria saberes, Grzybowski (1986), Damasceno (1995); com a categoria qualificação, Machado (1996) e Ramos (2005).

emprego, função ou tarefa [...]” (FRIGOTTO, 2012, p. 21), o que nos conduz a, desde já, deixarmos claro qual a concepção que vamos nos pautar para discutimos essa categoria.

Para tratarmos da categoria trabalho, nesse texto vamos assumir como corrente epistemológica, as concepções defendidas por Marx, para quem o trabalho é

Antes de tudo, [...] um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 2008, p. 211).

Conforme a definição exposta acima, o trabalho vem se caracterizando como mediação que se coloca entre o homem³⁹ e a natureza⁴⁰, onde aquele (o homem) para suprir suas necessidades materiais se apropria da natureza transformando-a e suprimindo suas indigências. Contudo há de se considerar nessa relação que o trabalho não é uma transformação mecânica da natureza, pois o homem ao agir sobre essa, modificando-a, modifica-se a si mesmo. Ou seja, para além de uma simples interação, ao condicionar a natureza às suas necessidades transformando-a, o homem também se condiciona à natureza e a partir de uma relação de movimento dialético transforma a sua própria natureza humanizando-se e recriando-se a cada interação.

Nessa lógica defendida por Marx (2008), o homem, através do trabalho, supre suas necessidades mais imediatas e desenvolve outras necessidades mediatas que faz com que a relação homem natureza seja uma constante e sempre mediada pelo trabalho. Assim, é através do trabalho que o homem desenvolve sua essência humana, pois, ao colocar em movimento sua corporeidade para se apropriar da matéria natural, modificando essa de acordo com sua vontade, transfere para o objeto

³⁹ O conceito de homem não é um conceito abstrato, a-histórico; pelo contrário, é um conceito concreto. Nessa concepção o homem não se define por uma natureza dada, universal, mas como um devir histórico que se faz, se produz pelo trabalho. A pergunta concreta, histórica, que põem adequadamente a apreensão do conceito de homem não é, pois, o que é o homem, mas como é produzido o homem. O homem concreto é concebido, então como uma síntese das relações sociais que se estabelece na produção de sua existência (FRIGOTTO, 2010, p.85).

⁴⁰ Natureza aqui concebida como realidade material infinita no espaço e no tempo. Desta realidade surgem os mecanismos que continuam sendo materiais; dos organismos, surgem os processos psíquicos, que são como os organismos, também materiais (SALOMON, 2000, p. 197).

construído sua objetividade fazendo com que o produto do seu trabalho seja um reflexo humanizado daquilo que o homem é. Nessa relação também há de se considerar que ao construir os materiais do qual tem necessidade apreende e aprende na relação, e assim, desenvolve sua subjetividade modificando-o a si mesmo.

Por esse ínterim, o homem, que pelo trabalho se racionaliza, vai desenvolvendo suas potencialidades psíquico-motoras, político-sociais, como também, ético-afetivas, estabelecendo interações de aprendizagem, e assim, vai se educando, criando conhecimentos, valores e atitudes que de forma direta vão lhe constituindo como ser concreto conhecedor de sua própria realidade.

Visualizado a partir desse aspecto, o trabalho humano assume uma dupla perspectiva: o histórico e o ontológico. Histórico porque é resultante da interação dos homens com seus pares e desses com a natureza, interação essa que vem se dando através do tempo e espaço e que como resultado deixa para as gerações posteriores um conjunto de valores, atitudes e conhecimentos (bens imateriais), e não só isso, mas também, os próprios bens materiais resultantes das interações que o homem estabelece com a natureza, ou seja, os produtos que em estado natural são transformados através do trabalho humano em coisas úteis para suprir as necessidades do homem como por exemplo; utensílios, roupas, casas, entre outros.

Assim, ao receberem esse conjunto de bens materiais (utensílios, roupas, casas, entre outros) e imateriais (valores, atitudes e conhecimentos), as novas gerações não apenas recebem um legado deixado pelos seus descendentes antecessores, mas, sobretudo, assumem a possibilidade de desenvolverem outros conjuntos de bens materiais e imateriais, e mais que isso, aprendem a superar as deficiências e limites que as gerações anteriores não ultrapassaram e, dessa forma, desenvolvem outros conhecimentos, valores e atitudes que na constante interação, questionamentos e reformulações de aprendizagem com a natureza, tendo o trabalho como mediador, vão surgindo e dando respostas outras para os problemas que por hora se apresentam.

Se por esse viés o trabalho é histórico, por outro lado o trabalho também é ontológico, pois é próprio da espécie humana e, portanto, elemento formador da humanização do homem. Assim, somente o homem consegue exercer o trabalho de forma a transferir para o objeto construído características próprias da essência

humana, dando formas a natureza bruta lapidando-a de acordo com uma intenção previamente estabelecida cognitivamente. É a partir dessa perspectiva que

Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. **Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade.** No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato fortuito. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é mister a vontade adequada que se manifesta através da atenção durante todo o curso do trabalho. E isto é tanto mais necessário quanto menos se sinta o trabalhador atraído pelo conteúdo e pelo método de execução de sua tarefa, que lhe oferece, por isso, menos possibilidade de fruir da aplicação das suas próprias forças físicas e espirituais (MARX, 2008, p. 212, grifos nosso).

Em termos marxianos, o trabalho é elemento constitutivo único e exclusivamente da espécie humana. Somente os homens conseguem exercer o trabalho enquanto criação humana, pois diferentes dos animais que agem por extintos, e por tanto, não exercem o trabalho mais sim um saber fazer animal que é mecanicamente natural de sua espécie, o homem constrói o objeto primeiramente em sua mente depois põe em movimento seu corpo para materializa-lo enquanto objeto concreto.

Nessa relação de dinamicidade no qual o homem põe em movimento todo o seu corpo e sua mente ocorre o desenvolvimento das mais diversas capacidades humanas, momento de constituição da humanidade do homem “porque lhe permite o exercício da engenhosidade, da criatividade, do planejamento e da execução do seu querer [...]” (RODRIGUES, 2012b, p. 54). Por esse viés, com o trabalho, que é uma propriedade exclusivamente humana, e por tanto não alienante⁴¹, o homem vai criando e recriando sua realidade material e dessa forma vai aprendendo e

⁴¹ Assumimos aqui o trabalho como não alienante, pois estamos a considerar, pautado em Frigotto (2005, p. 58-59, grifos do autor) que essa categoria central da vida humana “[...] é um processo que permeia todo o ser do homem e constitui a sua especificidade. Por isso o mesmo não se reduz à *atividade laborativa ou emprego*, mas à produção de todas as dimensões da vida humana. Na sua dimensão mais crucial, ele aparece como atividade que responde à produção dos elementos necessários e imperativos à vida biológica dos seres humanos enquanto seres ou animais evoluídos da natureza. Concomitantemente, porém, responde às necessidades de sua vida cultural, social, estética, simbólica, lúdica e efetiva. Trata-se de necessidades, ambas, que, por serem históricas, assumem especificidades no tempo e no espaço”.

desenvolvendo os conhecimentos necessários para uma efetiva organização do tempo-espço no qual esse sujeito se apresenta. É também pelo trabalho humano e humanizante que o homem se organiza em grupo, o que lhes permite lutar por melhores condições de vida e de dignidade humana⁴².

Quando assumimos que o trabalho permite a organização dos sujeitos trabalhadores, também estamos a assumir que esse (o trabalho) é formação político educativo. Ou seja, é através do trabalho que os homens tomam consciência e aprendem sua realidade e, assim, deparando-se com as interpéreas da vida, tomam consciência que há a necessidade de se organizarem e lutarem por uma materialidade mais efetivamente igualitária, e para isso, planejam por meio de suas relações pessoais permeadas pelo trabalho, projetos humanizante de existência “[...] o que pode consubstanciar-se em luta de classe e, por extensão, organização social” (RODRIGUES, 2012b, p. 55).

É dessa forma que o trabalho humano é considerado histórico e ontológico, pois além de se constituir através da história humana, o trabalho é, à luz de uma perspectiva de fruição e desenvolvimento de todas as capacidades humanas, quer essas sejam lúdicas, políticas, sociais, psíquicas e motoras, o meio e o resultado pelo qual o homem se humaniza e desenvolve suas capacidades de aprender e dominar a natureza. Objetivamente, o trabalho desperta no homem a capacidade de apreciar, de questionar, liberando nesse as múltiplas potencialidades adormecidas no seu ser, aguçando sua íntima vontade de conhecer o mundo e de interagir com esse. Em síntese o trabalho é uma categoria propriamente humana.

Diante disso, assumindo que o trabalho aguça a curiosidade dos homens impulsionando esses para um sempre buscar conhecer/educar-se. Manacorda (1991, p, 135) discutindo o que é o trabalho em Gramsci, contribui com a presente discussão ao fazer a seguinte reflexão:

O trabalho [...] é essencialmente um elemento constitutivo do ensino, [...] não é um termo antagônico do processo educativo, ao lado do ensino em suas variadas formas, mas se insere no ensino pelo conteúdo e pelo método [...]. [Assim], ocorre a integração do trabalho como momento educativo no processo totalmente autônomo e primário de ensino.

⁴² A exemplo de tais organizações podemos citar os sindicatos de trabalhadores, as organizações sociais, as colônias de pescadores, entre outros.

À luz dessa afirmação, e para além da forma como o trabalho é gestado no sistema capitalista⁴³, o trabalho na perspectiva de Manacorda (1991) é ação exclusivamente humana que permite ao homem conhecer e se educar despertando em seu ser a auto capacidades de reflexão sobre suas ações e de seus pares, de “pensar, estudar, dirigir e questionar quem dirige” (NOZAKI, 2005), ou seja, o trabalho assume, em termos gramscianos, um princípio educativo⁴⁴ (cf. GRAMSCI, 1968). Logo, “Trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Isso significa que, rigorosamente falando, apenas o ser humano trabalha e educa” (SAVIANI, 2007, p. 152), conhece e constrói história e conhecimento.

Assim, o processo de se auto educar pelo trabalho vai despertando no homem uma vasta produção de conhecimentos e saberes que nas atividades práticas cotidianas ajudam esses a superarem as indigências da vida. Em se tratando de um sistema desumano como o capitalista⁴⁵, conhecer/educar torna-se uma questão de sobrevivência para o ser humano uma vez que é através do ato de conhecer/educar-se que o homem propõe soluções viáveis para os seus problemas cotidianos retirando assim das experiências práticas do dia a dia as soluções viáveis necessárias para lhes manter minimamente as condições sociais as quais lhes permitem continuar lutando por sua sobrevivência.

É essa compreensão de trabalho, que dará aqui uma via de análise da formação da identidade pescadora dos jovens da Z-16 de Cametá, posto que, essa categoria, se faz presente no universo dos jovens aqui pesquisados, que apesar de estarem buscando em outros espaços, como por exemplo nas instituições de ensino, outras formas para se estabelecerem no mundo capitalista, não deixam de manter com o mundo do trabalho da pesca, relações que objetiva e subjetivamente vai lhes

⁴³ Para o sistema capitalista “O trabalho, então, de atividade produtora imediata de *valores de uso para os trabalhadores*, se reduz à *mercadoria força de trabalho e tende a se confundir com emprego*” (FIGOTTO, 2005, p. 63, grifos do autor).

⁴⁴ O trabalho como princípio educativo deriva do fato de que todos os seres humanos são seres da natureza e, portanto, têm a necessidade de alimentar-se, proteger-se das interpéreas e criar seus meios de vida. É fundamental socializar, desde a infância, o princípio de que a tarefa de prover a subsistência, e outras esferas da vida pelo trabalho, é comum a todos os seres humanos, evitando-se desta forma, criar indivíduos ou grupos que exploram e vivem do trabalho dos outros. Esses na expressão de Gramsci, podem ser considerados mamíferos de luxo – seres de outras espécies que acham natural explorar seres humanos (idem, p. 60).

⁴⁵ No sistema capitalista o trabalho assume o formato de mercadoria. Isso faz com que os trabalhadores não se reconheçam diante do trabalho e do produto desse trabalho, o que faz com que se alienem diante daqueles que compram do trabalhador sua força de trabalho.

permitindo adquirir um conjunto de saberes e experiências que são próprias do trabalho da pesca.

Olhar para o trabalho, buscando entender como esse está relacionado com a formação da identidade pescadora dos jovens da Z-16 de Cametá, é assumir a possibilidade de que os jovens que fizeram o curso técnico de Aquicultura e hoje mantêm relações com o mundo trabalho da pesca, se auto desenvolvem porque aprendem com o trabalho que em comum os pescadores desempenham e ao aprender vão se transformando, e assim transformando suas indenidades. Nesse sentido, pelo trabalho constituímos nessa pesquisa uma importante referência que forja a identidade no gênero humano, até mesmo porque, conforme Marx e Engels (2009, p. 41) “[...] o que os homens são coincide com sua produção, tanto com o que produzem, quanto com o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais da sua produção”.

Assim, a compreensão do trabalho, assumido aqui como categoria histórico-ontológico, é fundamental para essa pesquisa, na medida que, ao não está desligada da vivência prática dos jovens aqui pesquisados, se revela como caminho possível que pode possibilitar uma compreensão ampla da formação da identidade pescadora, pois, para os jovens dessa pesquisa o trabalho é momento de intercâmbio com conhecimentos e saberes que na interação entre esses (os jovens) e o mundo do trabalho da pesca, nasce.

Sendo assim, assumindo que o trabalho é uma categoria histórico-ontológica que desperta os conhecimentos e saberes nos homens, e ainda, considerando que no presente texto buscamos nos aproximar da categoria saber social, então faz-se necessário problematizarmos o que vem a ser saber.

3.2 O SABER

Antes de emprendermos uma discussão mais direcionada e, portanto, específica sobre a categoria saber social, é pertinente que primeiro façamos um esforço, no sentido de aqui apresentarmos uma reflexão sobre a categoria saber. Entendemos que ao apresentarmos uma discussão, ainda que inicial sobre essa categoria, estamos tendo a real possibilidade de, ao discutirmos na subseção 3.2.2.3 sobre saber social, deixarmos claro desde já, de onde partimos e qual o nosso

embasamento para tratarmos desse tipo de saber (saber social) na referida subseção. Também aqui faremos uma distinção entre saberes e conhecimento.

Como ponto de partida para nossas discussões, tomamos aqui como definição inicial de saber aquela que o compreende

[...] como sendo evolutivo e cultural porque pessoal /relacional/contextual, podendo modificar-se com o tempo e a experiência, portanto provisório. O saber é estruturado sem deixar de estar constantemente em construção, constituindo-se de sistemas como conjuntos de elementos interdependentes. É afetivo porque relaciona-se com os sujeitos, a construção dos sujeitos, suas autoimagens, julgamentos, sentimentos, etc. (ZAIDAN, 2003, p. 84).

Note-se que esse postulado compreende saber não como elemento estático e imutável, que depois de criado permanece sempre o mesmo não sofrendo assim as influências do tempo-espaço e dos homens que o criaram, ao contrário, a definição acima apresentada compreende saber como sendo elemento em processo, que estruturado a partir de um conjunto de influências, como por exemplo; cultural, pessoal, contextual, relacional, afetivo, etc., vai evoluindo à medida que as transformações do meio em que se encontra vão acontecendo, e assim vai materializando sua existência “[...] na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens fazem no mundo e com os outros” (FREIRE, 1983, p. 66).

Isso nos faz compreender que não dá para falarmos de saber “[...] como se tratasse de uma categoria autônoma e separada das outras realidades sociais, organizacionais e humanas nas quais [...] [os homens] hoje se encontram mergulhados” (TARDIF, 2008, p.11). O saber, antes de tudo, é uma categoria que está relacionada com o pessoal, com a identidade, com as experiências de vida e com a história dos homens (Ibidem). Logo, falar de saber e sobre saber é levar em consideração que esse nasce e se desenvolve com os homens em suas relações dinâmicas e interacionais de vida; quer essas sejam “[...] com a natureza, quer com outros homens, servindo para resolver problemas do cotidiano, e, portanto, em

constante transformação, haja vista as diferentes necessidades humanas”⁴⁶ (RODRIGUES, 2012b, p. 38).

Tendo em vista que as necessidades humanas são as mais diversas, compreendemos que o saber, que é resultado e solução para algumas dessas necessidades, também se desdobra nos mais variados tipos, o que nos leva a entender que não há um único saber, **mas sim vários tipos de saberes**, pois,

Quando se observa o cotidiano [...] [dos homens] nota-se com muita clareza que há nesse uma diversidade de saberes que se inter cruzam e se interfecundam nesse espaço. Alguns desses saberes destacam-se como o **saber gestado na experiência de grupo**; ancorado no qual os [...] [homens] enfrentam os problemas do dia-a-dia; o **saber escolar**, necessário à formação da cidadania, quase sempre negado às camadas populares [...], o **‘saber social’**; fruto das lutas do grupo, originado na contestação, mas que cresce e desenvolve-se com a prática política e contribui substancialmente para a construção da identidade dos sujeitos sociais, etc., (DAMASCENO, 1995, p. 28-29, grifos nossos).

Tomando a citação acima como pressuposto que corrobora a afirmação de que não há um único saber, mas sim vários tipos de saberes, pois, quando observados a partir dos processos de vida real, resultam das diversas dimensões sociais que são vividas e experimentadas pelos homens (GRZYBOWSKI, 1986), concordamos com Rodrigues e Araujo (2012) quando afirmam que os mais diversos tipos de saberes hoje existentes seriam “[...] a perspectiva material do pensado e do vivido pelos homens em decorrência de suas relação contraditória como classe que sofre com a exploração da mais-valia”.

Concordamos com Rodrigues e Araujo (2012) porque para nós os vários tipos de sabres vão se constituindo como sendo o resultado dos concretos processos de desenvolvimentos da vida humana na qual as lutas, conflitos e contradições se efetivam, o que confirmaria que os homens em “[...] sua práxis cotidiana, não produzem apenas os bens materiais, mas ao fazê-lo elaboram ao mesmo tempo, ideias, representações, **saberes** que contribuem para a reprodução e a transformação social” (DAMASCENO, 1995, p. 21, grifos nossos).

⁴⁶ Por necessidades humanas compreendemos um conjunto de insuficiências quer essas sejam físicas, biológicas, intelectivas, humanas e sociais que precisam ser supridas pelos homens na sempre busca pela manutenção da vida, sendo essas necessidades, as mais diversas possíveis.

Em outros termos, os homens, em seus processos de vida real, ao tentarem incessantemente garantir a continuação da reprodução da vida humana, diante das mais diversas adversidades⁴⁷ que de alguma maneira comprometem a subsistência humana, vão construindo, do ponto de vista material, um conjunto de elementos dos quais a vida prescinde como por exemplo, casas, roupas e artefatos de trabalho, que entre outros, lhes permitem ir sobrevivendo e, portanto, garantindo com que a vida humana possa ir se perpetuando dia após dia.

Por outro lado, a vida humana vai se garantindo no mundo não apenas em função desses bens materiais que são produzidos pelos homens, mas também pelos bens imateriais como os conhecimentos, valores, habilidades, em suma, saberes, que com a produção dos bens materiais, surgem. Esses saberes permitem-lhes com que possam manter uma relação mais segura com o mundo que os rodeia, pois, a cada saber descoberto e apreendido há um aumento da potencialidade humana e, portanto, um aumento da possibilidade de sobrevivência do homem.

3.2.1 Diferença entre saber e conhecimento

Empiricamente, quando nos propomos a diferenciar os saberes dos conhecimentos, uma primeira saída que encontramos para tentarmos dá respostas a esse problema, foi buscar na caracterização semântica dessas duas concepções, possíveis indicativos explicativos de como uma concepção vem se opondo uma em relação a outra.

Contudo, ao partirmos de tal caracterização semântica, um primeiro ponto com o qual nos deparamos, foi que a questão da diferença entre saberes e conhecimento não se restringe simplesmente a reduzida esfera semântica que preconizaria certa oposição de conceitos entre saberes de um lado e, conhecimentos do outro. Para além disso, visto, a partir de uma perspectiva crítica, o que a oposição entre essas duas concepções semânticas revela é que, “[...] trata-se de [locuções] com forte carga ideológico-classista, [que opõe] o saber que atende aos interesses dos trabalhadores [de um lado] aos conhecimentos oriundos dos interesses do capital [do outro]” (RODRIGUES, 2012b, p. 38).

⁴⁷ Como adversidade que de alguma forma podem comprometer a existência humana aqui citamos as climáticas e as humanas. Dessa última tomamos como exemplo, as guerras.

Visto sob esse ponto de vista, Zaidan (2003), pautado em Fiorentini, Souza e Melo (1998), contribui para esse debate, haja vista que ao afirmar que o **conhecimento**, seria aquele que estaria ligado ao resultado da produção científica, oriundo de pesquisas, do acadêmico; e o **saber** a um modo de conhecer-saber menos rigoroso, mais relacionado à esfera da praticidade; já começaria a nos dá alguns indício da carga ideológico-classista a que se refere Rodrigues (2012b). Assim nos fala Zaidan (2003, p. 87) apoiando-se em Fiorentini, Souza e Melo (1998):

[...] o conhecimento aproxima-se mais com a produção científica sistematizada e acumulada historicamente com regras mais rigorosas de validação tradicionalmente aceitas pela academia; o saber, por outro lado, representaria um modo de conhecer-saber mais dinâmico, menos sistematizado ou rigoroso e mais articulado a outras formas de saber e fazer relativos à prática, não possuindo normas rígida formais de validação.

Diante das definições até aqui feitas, o que já dá para se depreender, é que enquanto o saber se caracteriza como sendo algo produzido a partir do informal, ou seja, a partir das relações construídas de maneiras espontâneas, relacionais e individuais, que “[...] fundado no [...] cotidiano [...], na experiência, [...] e no enfrentamento dos desafios [...]” (ZAIDAN, 2003, p. 87) se modificaria com o tempo, o espaço, o contexto e os sujeitos com ele envolvidos; o conhecimento, seria aquele que, produzido de maneira mais sistematizado, tenderia ao formal, ao científico; no qual poderíamos reconhecer “[...] preocupações de generalidade, de especialização temática ou problemática, coerência interna, sistematicidade e validade no desenvolvimento dos argumentos avançados [...]” (CARIA, 2002, p. 806) que tenderiam a dar “[...] resposta a determinadas questões enfrentadas pela humanidade” (TONET, 2013, p. 103).

O que vai ficando claro, então, é que partindo da caracterização semântica para se entender a diferença entre saberes e conhecimentos, quase sempre as concepções e definições que se apresentam trazem de forma apartadas: a) os conhecimentos como sendo uma construção formal sistematizada, e por isso, não raras vezes, ligada a classe daqueles indivíduos que, por dominarem os meios e os instrumentos de produções, produzem os conhecimentos em oposição aos saberes; e b) esses, (os saberes), por estarem ligados a esfera das produções empíricas informais, e por isso produzido pelo grupo dos sujeitos que não dominam, mais são sim, dominados nas relações de produção; como sendo o resultado das interações

práticas-cotidianas e, portanto, produto de um saber-fazer, que se manifesta, se desenvolve e, assim, se define, a partir dos sujeitos, do ambiente e do contexto em que é produzido.

Contudo, em Vázquez (2011), a concepção de conhecimento parece-nos englobar tanto o saber quanto o conhecer de que trata Zaidan (2003), tornando-se

[...] uma unidade com caráter pragmático-revolucionário, no sentido de que [o homem], ao intervir na realidade para a satisfação de interesses imediatos, também atua como materialidade para a transformação da sociedade [...] (RODRIGUES, 2012b, p. 38).

Sendo assim, o que é válido ressaltar das colocações acima feitas tanto por Vázquez (2011), quanto por Rodrigues (2012b), é que para o homem que atua, transforma e, assim, ressignifica a realidade, o resultado dessas atuações, transformações e ressignificações gerariam saberes que também compreendidos como conhecimentos, seriam tomados pelo homem, não de forma inconsciente, mais sim consciente, já que segundo Vázquez (2011, p. 187),

O resultado ideal, que se pretende obter, existe primeiro idealmente, como mero produto da consciência, e os diversos atos do processo se articulam ou se estruturam de acordo com o que se dá primeiro no tempo, isto é, o resultado ideal. Em virtude dessa antecipação do resultado que se deseja obter, a atividade propriamente humana tem um caráter consciente.

Não se trata, contudo, de uma consciência aos moldes de Feuerbach, para quem tal consciência estaria alheia a realidade material (cf. MARX & ENGELS, 2009). Mas se trata sim de uma consciência, que produto de uma subjetividade que nasce da relação direta do homem com a realidade social, vai produzindo naquele (no homem), uma consciência que vai se assumindo como produto e produtora do real, ou seja, das relações materiais pelos homens estabelecidas.

É assim que ao atuar sobre a realidade, o homem vai produzindo saberes e conhecimentos, como sendo produtos não de uma idealização, que apartada da realidade concreta, geraria para ele, o conjunto do saber- conhecer de que necessita para se estabelecer no mundo. Mas resultaria sim das concretas interações que ao longo de seu próprio peregrinar histórico, vai se forjando e assim, também mudando, reformulando e atualizando o saber e o conhecimento que a partir daí nasce.

É tomado a partir dessa perspectiva, que na presente investigação, saberes e conhecimentos são assumidos como elementos resultantes das interações reais dos homens com o mundo, e assim, produto das classes fundamentais em disputa, mas que mesmo assim não nos autoriza a aqui assumi-los enquanto duas categorias excludentes, mas, antes, como expressões correlatas (RODRIGUES, 2012b). É nesse sentido que concordamos com Tardif (2002) que, estudando os saberes docentes, não considera a categoria saberes distinta da de conhecimentos. Pelo contrário, esse autor toma esta última categoria como que englobada pela primeira, ao explicar que, o buscar analisar

Quais os saberes que servem de base ao ofício de professor? significa, em outras palavras, investigar [...] quais são os conhecimentos, o saber-fazer, as competências e as habilidades que os professores mobilizam diariamente nas salas de aula e nas escolas, a fim de realizar concretamente as suas diversas tarefas [...] (TARDIF, 2008, p. 9).

Em outras palavras, o que Tardif, (2008) está a afirmar é que conhecimentos, saber-fazer, competências e habilidades constituem, de um modo geral, também, saberes.

3.2.2 Saberes: tipos e conceituações

Quando se trata da categoria saberes, hoje são os mais diversos os estudos e publicações que tipificam e abordam esses⁴⁸. Esses estudos, dependendo do objeto em foco, apresentam os mais variados tipos de saberes como por exemplo; o saber da fábrica, o saber da escola, o saber operário, o saber do trabalhador, etc.

Na presente subseção nos limitaremos a apresentar três tipos de saberes: o saber tácito ou conhecimento tácito (ARANHA, 1997); o saber do trabalho (TARDIF, 2008; FRANZOI & FISCHER, 2015, p. 149) e, por fim, o saber social (GRZYBOWSKI, 1986; DAMASCENO, 1995). Apesar de elencarmos aqui apenas três tipos de saberes, que entre outros nos ajudarão a compreender que quando se trata de saber esse se desdobra em um cabedal inesgotável de tipos de saberes, cabe aqui justificar que em

⁴⁸ Trabalho e saber (SCHWARTZ, 2003); Saberes e Competências: o uso de tais noções na escola e na empresa (ARANHA, 1997); Saberes do trabalho: situando o tema no campo trabalho-educação (2015).

virtude da especificidade do nosso objeto e dos objetivos para ele traçados, para essa pesquisa iremos nos deter de forma mais aprofundada apenas no saber social, conforme a subseção 3.2.2.3.

O fato de nos aprofundarmos nessa pesquisa apenas no saber social se justifica, entre outros, por dois motivos que aqui tomamos como principais; o primeiro por compreendermos que diante dos estudos, pesquisas e publicações que tem como objeto central a categoria saber, hoje são os mais diversos os tipos e classificações para essa categoria e estender uma discussão no sentido de tentar abarcar um número maior de tipos de saberes é uma pretensão que aqui advogamos desnecessária, haja vista não ser esse o nosso objeto de estudo. O segundo está diretamente relacionado com o primeiro, pois, de acordo com nossas análises preliminares e a compreensão de que o saber é produto do social e enquanto tal nunca vai estar pronto e acabado, mais sim em constante processo de construção, no qual saberes surgem, saberes desaparecem, saberes se reformulam, etc., o saber produzido no trabalho dos pescadores da Colônia Z-16 de Cameté, que aqui tomamos como social⁴⁹, pode hoje está assumindo um papel de extrema importância na formação da identidade pescadora dos jovens por nós pesquisado, e por isso, merecendo maior destaque em sua compreensão.

3.2.2.1 O saber tácito⁵⁰

Aranha (1997) ao discutir em seu texto a importância do saber tácito para os trabalhadores, afirmou, pautado em Jones e Wood (1993) que esse tipo de saber é

[...] aquele que não se exprime formalmente, é desenvolvido na experiência individual; é difícil e, as mais das vezes, impossível exprimi-lo em uma linguagem codificada, formalizada, e ele se liga geralmente a uma situação específica (JONES & WOOD, 1993, p. 3 *apud* ARANHA, 1997, p. 14).

⁴⁹ Assumimos aqui que o saber produzido pelos pescadores é social pois, compreendemos esse como “[...] um conjunto de saberes partilhado por sujeitos que estão imersos em uma mesma realidade material, sujeitos a condicionantes sociais e estruturais ligadas à estrutura coletiva de seu trabalho cotidiano [...]” (RODRIGUES, 2012b, p. 45).

⁵⁰ Aranha (1997) postula que “saberes tácitos” têm também sido denominados “conhecimentos tácitos”, “qualificações tácitas”, “savoir-faire”, “saber do trabalhador”.

As colocações acima feitas por Aranha (1997) se apresentam como pertinentes para a compreensão do que é saber tácito por deixarem claro, entre outros, os aspectos que ajudam a identificar esse tipo de saber. Assim, segundo a autora, o saber tácito seria o produto de um conjunto de atributos dos quais a experiência individual, a dificuldade de ser expressado de forma sistematizado, a impossibilidade de ser construído a partir de uma única situação específica, etc., seriam as características principais que norteariam esse tipo de saber.

Visto a partir dessas características, esse tipo de saber assume a particularidade de um tipo de saber que construído e adquirido em ambientes não formais de educação, como por exemplo no trabalho, na família, nas comunidades, nas igrejas, etc., se estrutura e se gesta na informalidade, ou seja, fora dos espaços ditos formais de educação, não sendo assim, reconhecido como científico, mas que, contudo, é indispensável para os homens, principalmente no que tange seus processos de produção e formação humana.

O saber tácito se torna importante e, portanto, indispensável para o homem na medida em que lhes possibilita compreender e, assim, dominar conhecimentos como por exemplo da caça, da pesca, do plantio, do trabalho, etc., que em uma relação de manutenção da vida vai permitindo com que os homens garantam a sua sobrevivência e, assim, perpetuem no mundo sua espécie ao mesmo tempo que também aprendem, se transformam e se humanizam com esse (com o mundo). Em outros termos, falar de saber tácito é compreender que por mais que esse não seja reconhecido com status de saber formal, não pode ser considerado periférico ao homem, pois é produto desse sendo construído e gestado por esse “[...] tanto no processo de trabalho quanto na sua atividade social em geral” (SANTOS, 2006, *idem*).

Tentar compreender o saber tácito sem relacioná-lo com o homem e seus processos de trabalho ou de atividades sociais em geral é não considerar, em primeiro lugar, esse tipo de saber como sendo resultado de processos de atuação e experimentação humana, fruto de um intervir do homem sobre a realidade; e em segundo lugar, é não considerar esse (o homem) como dinâmico e produtivo, que para além de relações pré-estabelecidas, como por exemplo os comando de um trabalho em uma fábrica, também desenvolve, através de sua criatividade e engenhosidade, um conjunto de experiências e saberes que no dia a dia vai lhes transformando em

um ser cada vez mais humanizando porque fruto de sua interação com o mundo e com os outros homens.

Assim, o que vai ficando claro é que o saber tácito está diretamente ligado aos homens pois nascem das intervenções que esses fazem no mundo e, portanto, esse tipo de saber assume um “[...] processo contínuo e essencial em andamento [...] extremamente dinâmico, pois o homem é um ser dinâmico, estando presente esse tipo de saber em praticamente todos os processos [de produção e reprodução de vida humana]” (Ibidem).

Buscar compreender o saber tácito é levar em consideração que na constituição desse participam processos reais nos quais os homens, as relações materiais e o processo de vida real, são os elementos que a partir de uma interação intermediada pela ação humana vão permitindo com que conhecimentos se formule e reformulem, dando origem assim ao novo, ao não conhecido.

Contudo, desse novo também participam conhecimentos prévios já internalizados, outros saberes já dominados, técnicas apreendidas, etc. É nesse sentido que, “[...] Ainda que sejam feitas todas as ressalvas [...] pode-se afirmar que o [...] [saber] tácito não é apenas um elemento a mais [...] [apreendidos e adquirido pelo homem em seus processos reais de construção de vida] mas, constitui-se mesmo como [...] peça chave no andamento do processo de sua auto constituição]” (ARANHA, 1997, p. 16-17).

É visto por esse ângulo que compreendemos que esse tipo de saber não se constrói fora dos movimentos na qual os homens são tidos como o centro do processo, ao contrário, o saber tácito é um tipo de saber que se desenvolve

Através de uma prática [...] [humana] que inicia-se por construir uma imagem mental, ‘uma representação ideal’ das situações [concretas]. Essa imagem deve constituir-se de diversas informações e dados [e também] se articular aos conhecimentos prévios do [homem]. Essa imagem, reprodução mental [...] é construído a partir [da inserção do homem] no processo [de desenvolvimento da vida humana] [...] e inserida num conjunto de relações sociais [...] desses. Essas relações permitem-lhes obter informações específicas e necessárias para a [resolução de problemas do cotidiano] (VILLACENCIO, 1992, p. 10).

Partindo-se das colocações feitas acima podemos então considerar que quando se trata de saberes tácitos, um conjunto de elementos envolve a produção desse, pois,

antes de se figurarem no plano da abstração na mente humana esse tipo de saber se acha diretamente ligado aos processos materiais de construção de vida dos homens que por sua vez é apreendido e internalizado por esses no constante processo do aprender-fazendo gerando assim uma imagem a nível da estrutura cognitiva e, portanto, um saber que traz em si diversas informações e dados que se articulam aos conhecimentos prévios do homem, conforme já disposto a cima por Villacencio (1992).

Em termos de formação de identidade pescadora em jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá, podemos compreender que o saber tácito é um tipo de saber, entre outros⁵¹, que nasce na experiência do trabalho da pesca; caracterizando-se como aquele saber que é aprendido no cotidiano desse trabalho, portanto, em uma situação específica; desenvolvendo-se na experiência individual, pois, cresce e amadurece com a prática exclusiva dos próprios pescadores, e assim, difícil e até mesmo impossível de ser codificado por ser um saber próprio, único e, portanto, peculiar dos pescadores, fugindo assim aos meandros do culto e do erudito.

Visto por esse prisma, compreende-se então nessa pesquisa que o saber tácito é um tipo de saber real que se apresenta para o homem como caminho possível para a soluções de problemas, mas que, contudo, ainda não se destaca como um tipo de saber formal e, portanto, valorizado cientificamente, pois por ser fruto de relações empíricas informais, produto do popular, ainda é tido como indigno de se valorizado como conhecimento e, portanto, ficando à margem do erudito.

3.2.2.2 O saber do trabalhador

Antes de discutirmos a questão do saber do trabalhador é pertinente deixarmos claro que apesar de tratarmos desse, de forma sucinta e objetiva, não o faremos “[...] como fazem certos psicólogos e pesquisadores [...] da área[...], como se tratasse de uma categoria autônoma e separada das outras realidades sociais, organizacionais e humanas nas quais os [...] homens se encontram mergulhados” (TARDIF, 2008, p. 11). Ao tratarmos desse tipo de saber, o faremos considerando que

[...] o saber do trabalhador não é um saber *sobre* o trabalho, mas realmente do trabalho, com o qual ele faz corpo de acordo com formas

⁵¹ Compreendemos, ainda que empiricamente, que além do saber tácito, a formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa também se forma com outros saberes como por exemplo; o saber pesqueiro, o saber cultural, o saber artesanal, etc.

múltiplas de simbolização dos gestos e das palavras necessárias à realização concreta do trabalho. Estabelecer a distinção entre saber e o trabalho é uma operação analítica de pesquisadores ou de engenheiros do trabalho, mas, para um grande número de ofícios e profissões, essa distinção não é tão clara nem tão fácil no processo dinâmico de trabalho. (Idem, p. 17, grifos do autor).

Assim, a perspectiva por nós assumida para tratar do saber do trabalhador é aquela que o compreende como um tipo de saber que é “[...] plural e compõe-se de vários saberes proveniente de diferentes fontes” (TARDIF, LESSAR, LAHAYE, 1991 *apud* ZAIDAN, 2003, p. 88).

A nossa escolha por assumir o saber do trabalhador a partir dessa perspectiva se justifica, entre outros, por entendermos que ao tratarmos desse tipo de saber sob a ótica da pluralidade, ampliaremos o nosso horizonte de compreensão sobre esse saber, uma vez que não estaremos nos limitando a entendê-lo restrito apenas as suas particularidades e especificidades, mas sim enquanto resultado de múltiplos saberes que no movimento prático cotidiano dos trabalhadores, amalgamam-se estruturando-se e formando o saber desses sujeitos.

Nesse sentido, são importantes as afirmações que fazem Franzoi e Fischer (2015, p. 149) quando advogam que por saber do trabalhador entendem “[...] aquele que é produzido, mobilizado e modificado em situação de trabalho”. Consideramos as afirmações de Franzoi e Fischer (2015) importantes por compreender esse tipo de saber, não como o resultado de uma atividade da qual o trabalhador está totalmente alienado, exercendo um papel meramente mecânico, mas sim, como fruto de um fazer-aprender, que estruturado a partir de sua prática, faz brotar nesse sujeito aprendizados e macetes específicos que não são possíveis de serem adquiridos fora de sua prática, quebrando assim o paradigma de que esse saber é sempre fruto de uma formação/qualificação anteriormente adquirida à prática da atividade do trabalho.

Com efeito, o saber do trabalhador nem sempre é fruto de uma formação/qualificação anteriormente adquirida à prática da atividade do trabalho, mas é sim, o resultado de um processo em construção que se dá nas diversas esferas da vida social, tais quais, no cotidiano do trabalho, em reuniões de trabalhadores, nas reuniões sindicais, nos diálogos com seus pares, etc.

Na realidade, no âmbito dos ofícios e profissões, não creio que se possa falar de saber dos trabalhadores sem relacioná-lo com os

condicionantes e com o contexto de trabalho: o saber do trabalho é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objeto qualquer. Além disso, [esse saber], não é uma coisa qualquer que flutua no espaço: o saber dos trabalhadores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com as suas experiências de vida e com as suas histórias profissionais, com as suas relações com os [...] [colegas de trabalho] [...], etc (TARDIF, 2008, p. 11).

Se partimos do princípio de que o “saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objeto qualquer” consideramos que ao se tratar dos trabalhadores o saber desses sujeitos, tem, no trabalho por eles executado, origem, desenvolvimento e aplicação. Nesse sentido, o trabalho executado vai assumindo a centralidade na constituição desse tipo de saber. Contudo, algumas questões precisam ser levadas em consideração quando a questão é o saber do trabalhador.

A primeira consideração que precisamos fazer é que: a) o saber do trabalhador, apesar de estar relacionado com algumas finalidades pré-estabelecidas à prática desses sujeitos e, portanto, estáticas, como por exemplo; executar uma atividade pré-estabelecida, gerar um produto que seja comercializável no mercado de trabalho, etc., não nasce e se desenvolve única e exclusivamente a partir dessas finalidades. Assim, apesar de tais finalidades estarem presentes na prática cotidiana dos trabalhadores, os saberes que dessa (das práticas cotidianas) nascem, estão para além de tais finalidades, uma vez que o saber que aqui compreendemos como do trabalhador é “[...] evolutivo [...] [e, portanto, não estático] [...] porque pessoal/relacional contextual, podendo modifica-se com o tempo e a experiência [do trabalhador], por tanto provisório” (ZAIDAN, 2003, p. 84).

Já uma segunda consideração que também precisamos fazer é aquela que se pauta na afirmação de que: b) o saber do trabalhador deve ser adquirido antes do executar do trabalho. Para compreendermos essa consideração devemos primeiro esclarecer que há uma certa confusão na diferenciação entre saberes e conhecimentos. Para muitos, os termos conhecimento e saber são usados sem distinção de significado (FIORIENTINI; SOUZA E MELO 1998), isso faz com que se confunda o saber do trabalhador (um tipo de saber que é desenvolvido no trabalho), com o conhecimento que é adquirido pelos trabalhadores nos cursos de formação e qualificação, que se destinam para o trabalho.

Arroyo (2003) ao fazer uma discussão sobre trabalho, afirma que “[...] o próprio trabalho tem que ser visto como produtor de saberes” (p. 52), pois, é pelo trabalho que se registra um momento de constituição da humanidade do homem, porque lhe permite o exercício da engenhosidade, da criatividade, do planejamento e da execução do seu querer, o que, em termos de saber do trabalhador, registra-se como momento de criação, pois requestiona e recombina saberes “[...] reproduzindo em permanência novas tarefas para o conhecimento” (SCHWARTZ, 2003, p. 23).

Nesse caso então, a segunda consideração por nós aqui levantada que afirma que o saber do trabalhador deve ser adquirido antes da prática efetiva do trabalho, cai por terra, uma vez que não dá para tratarmos desse tipo de saber ou de qualquer outra produção humana deixando de lado a dimensão trabalho que segundo Rodrigues (2012b, p. 54) é o que gera “[...] tantos saberes quantas forem as necessidades demandadas pelos homens, permitindo-lhes o exercício de uma práxis sempre aberta ao novo [...]”.

Assim, ao discutirmos saber do trabalhador, além de entendermos que no geral, esse é o resultado plural de um conjunto de relações estabelecidos entre os trabalhadores e as diversas esferas da vida social na qual estão inseridos, também compreendemos, no específico, que esse apresenta suas particularidades como por exemplo; entre os vários tipos de saberes é aquele que é pensado, planejado, formulado e reformulado a partir de um executar de uma prática específica; é um saber que apesar de ser constituído a partir das diversas esferas da vida humana social, tem suas influências maiores nas dimensões sociais que estão relacionadas ao contexto do trabalho; é um saber que apesar de não ser reconhecido e valorizado como científico nasce a partir de uma atividade própria da espécie humana, o trabalho, pois, diferente dos animais, o homem é o único que consegue exercer o trabalho (MARX, 2008), etc.

Em suma, para se compreender o saber do trabalhador de maneira crítica e reflexiva, reiteramos que em primeiro lugar tem que se partir do princípio de que esse tipo de saber “[...] não existe de forma autônoma, pronto e acabado, mas é síntese das relações sociais que os homens estabelecem na sua prática produtiva em detrimento do momento histórico” (KUENZER, 1989, p. 183), e em segundo que o saber do trabalhador “[...] é plural compósito, heterogêneo porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer bastante diversos,

provenientes de fontes variadas e, provavelmente, de natureza diferente” (TARDIF, 2008, p. 18).

Portanto, esse tipo de saber é o resultado de múltiplas dimensões que determinadas pelo trabalho humano e o contexto histórico social dos sujeitos que o executam, denotam nesses a construção de habilidades, valores, atitudes e posturas, ou seja, saberes que voltados para suas práticas vão possibilitando-lhes articularem estratégias que ao mesmo tempo que lhes permitem executar seus trabalhos de forma exitosa, lhes possibilita também aprenderem novos caminhos, macetes e técnicas que no jogo prático do aprender-fazendo vai lhes permitindo potencializar suas atividades melhorando assim essas.

3.2.2.3 O saber social

Segundo Grzybowski (1986, 50), saber social é um:

[...] conjunto de conhecimentos e habilidades, valores e atitudes que são produzidos pelas classes, em uma situação histórica dada de relações, para dar conta dos seus interesses. Trata-se do saber parcial que serve para identificar e unificar uma classe social, lhe dar elementos para se inserir numa estrutura de relações sociais de produção e para avaliar a qualidade de tais relações sociais de produção, e em fim, trata-se de um saber que serve de instrumento de organização e luta.

O saber social, nas palavras de Grzybowski (1986), é um conjunto de aprendizado que o homem desenvolve nas suas relações históricas dadas quer essas sejam com a natureza, quer essas sejam com seus pares e que assim formam um conjunto de habilidades, valores e atitudes que permitem com que esse homem use tal saber a seu favor diante das intempestivas relações que o modo de produção capitalista lhes impõe, provocando nesse ser a construção de uma gama de conhecimentos que de forma direta vão proporcionando-lhe atitudes questionadoras diante da realidade vivida e assim se contrapondo à lógica hegemônica do capital que detendo “o modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral” (MARX, 2008, p. 24).

Assim, defendemos que o saber social é o resultado das potencialidades que o homem, mediado pelo trabalho e diante das situações concretas de adversidades,

afetivas e sociais, desenvolve em suas práticas cotidianas sendo que a cada adversidade que surge, estrategicamente aprimora o saber social anteriormente adquirido resultado de relações de adversidades anteriormente enfrentadas ora reformulando e afirmando o saber social anterior ora negando esse reformulando outros.

Em termos mais objetivos, o saber social está ligado diretamente às necessidades humanas. Ou seja, para podermos entender o saber social em seu sentido amplo, não podemos deixar de considerar que por mais básicas que as necessidades sejam: comer, beber, vestir-se, essas são sempre carregadas de saberes que adormecidos no ser dos homens são despertadas e postas em movimento pelas necessidades humanas. É nesse sentido que Marx e Engels (2009, p 40- 41) em Ideologia alemã, nos propõem analisar as relações materiais humanas a partir dos pressupostos básicos da vida e sendo assim, é a partir também de tais pressupostos que podemos entender os saberes sociais. Assim nos falam os autores:

[...] da vida fazem parte sobretudo comer e beber, habitação, vestuário e ainda algumas outras coisas. O primeiro ato histórico é, por tanto, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e a verdade é que esse é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, tal como a milhões de anos, tem de ser realizado dia a dia, hora a hora, para ao menos manter os homens vivos.

Para Marx e Engels as necessidades dos homens por serem essencialmente de natureza humana são carregadas de historicidade, uma historicidade que ainda hoje é realizado dia após dia, pois mesmo tendo ocorrido milhões de anos ainda continuam constante na vida humana, pois os homens sempre precisaram e ainda precisarão comer, beber, vestir-se e abrigar-se. A luz dessa máxima compreendemos esses pressupostos básicos da vida como um mínimo necessário para manter os homens vivos, gerando como resultado um produto que podemos identificar como sendo o desenvolvimento de um cabedal inesgotável de conhecimentos, valores e atitudes, em síntese, saberes sociais, que os homens, nas suas relações materiais de vida, vão aprendendo e apreendendo, encontrando assim respostas para necessidades que imediatamente surgem e se inquietando com outras que de modo mediato lhes impulsionam para outras relações e, por conseguinte, outros aprendizados de outros saberes.

Por outro lado, as necessidades humanas que estão diretamente ligadas às produções de saberes sociais não estão soltas, descoladas daquilo que o homem vive no seu dia a dia, ou seja os saberes sociais são produtos das necessidades e essas por sua vez são descobertas e enfrentadas no cotidiano dos homens. Logo, é no cotidiano dos homens e seus grupos, ou no dizer de Marx (1818-1883) de suas classes, que o saber quer esse seja social ou não, deve ser buscado e entendido. Assim nos esclarece Damasceno (1995, p. 29):

Quando se observa o cotidiano dos grupos populares nota-se com muita clareza que há uma diversidade de saberes sociais que se inter cruzam e se interfecundam nesse espaço. Alguns destes saberes destacam-se como o saber gestado na experiência do grupo, ancorado no qual os participantes enfrentam os problemas do dia a dia; o saber escolar necessário à formação da cidadania, quase sempre negado às camadas populares, forja-se também, nesse contexto, um “saber social”, fruto das lutas do grupo, originado na contestação, mas que cresce e desenvolve-se com a prática política e contribui substancialmente para a construção de identidade dos sujeitos sociais.

Nas palavras de Damasceno (1995) “o saber deve ser buscado no cotidiano dos grupos sociais”. Segundo essa autora é esse o *lócus* no qual o saber social se apresenta e que, portanto, é aí que deve ser estudado e entendido. Contudo, há de se considerar que o cotidiano é um complexo que se apresenta ao homem das mais variadas formas exigindo os mais variados métodos e soluções aos seus problemas que não seguindo uma linearidade e apresentando características próprias, exigem respostas e atitudes próprias e únicas.

Nesse contexto não podemos desconsiderar que diante dos problemas e da complexidade do cotidiano, os homens, ou melhor, os grupos humanos, ao buscarem respostas e soluções as suas dificuldades, vão aprendendo a desenvolver as respostas que as situações problemas cotidianas exigem, e nesse desenvolver, os saberes vão se apresentado não só como elementos de respostas mas também como categoria que constitui o social, o político e o cultural dos homens, em outros termos, constituindo e fortalecendo o ser dos homens.

Buscando verificar mais de perto as relações que os saberes sociais estabelecem com os sujeitos e seus grupos sociais, o interessante a ser observado é que os homens são seres reais e o cotidiano dos homens são resultados históricos de

suas ações, logo, os saberes resultantes das ações humanas com a interação com o cotidiano serão uma síntese da materialidade humana que além de ajudar a resolver os problemas diários do homem, também constituem e operam no próprio homem modificações que alteram a natureza humana fazendo com que os sujeitos assumam ações contestadoras de um não conformismo diante da realidade dada.

Por esse viés, os saberes sociais vão despertando no homem atitudes contestadoras das realidades produzidas pelo modo de produção a qual estão inseridos, uma vez que esses (os homens) se reconhecem a partir de um conhecimento comum, provocando assim também entre esses uma maior aproximação permitindo com que se enxerguem e se identifiquem a partir do que fazem e a partir do que vivem. Em outros termos, o saber social como resultado dos problemas do cotidiano dos grupos sociais serve também para aproximar esses permitindo surgir uma identidade que se forja através das ações que em comum desenvolvem um determinado grupo social, como também resultado dos sofrimentos e aflições que atingem esses grupos.

Diante das intempéries impostas pela realidade não há outra saída a não ser se organizar e lutar (luta de classes) para tentar modificar a realidade no qual se encontram. É por esse viés de análise que enxergamos a Colônia Z-16 de Cametá-Pa, entidade que agrega pescadores que vivendo cotidianos com problemas muitos semelhantes e exercendo um trabalho que se apresenta como comum entre os pescadores (o trabalho da pesca) se organizaram e em uma lógica de contraposição a opressão e a barbárie produzido pelo sistema capital (RODRIGUES, 2012b) vem se colocando em um enfrentamento que tem se dado através das mediações que os pescadores têm feito entre as ações do capital e a Z-16 apresentando assim uma forma de resistir e lutar contra o modo de produção que tenta subjuga-los⁵².

Nessa lógica de contraposição que os pescadores da Z-16 têm assumido, o saber que aqui entendemos como social se apresenta como elemento central que esses sujeitos encontraram para se manter contrários a hegemonia do sistema, e isso empiricamente pode ser observado quando concretamente percebe-se uma efetiva transmissão de práticas laboral entre os pescadores mais antigos e os mais jovens.

⁵² Para melhor entender o saber social enquanto forma de luta ver Rodrigues (2012b) "Saber social e luta de classes: um estudo a partir da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa".

Geralmente na pessoa do pai ou avô, que são os sujeitos detentores de um saber que também foi aprendido no passado com seus pais ou avós, o saber social do trabalho da pesca é repassado aos mais jovens, através de uma relação de aprendizado que se dá por meio do cotidiano prático da atividade da pesca, onde os saberes, quer sejam sociais ou não, vão se materializando nos jovens como produto de um fazer/aprender constatativos, pois é ao vivenciar as ações concretas do trabalho que esses sujeitos aprendem a dominar as práticas do universo da pesca, e por conseguinte, os saberes dessa advindo.

Ver bem, o que eu sei da pesca hoje, não foi uma coisa que eu aprendi sozinho. Não. Esses meus conhecimentos, tudo que eu sei sobre a prática da pesca eu aprendi com a minha família, porque desde menino eu comecei a ir pro rio com o meu avô, quando eu não ia com ele quem me levava era o meu pai [...] e assim eu ia vendo como se consertava um matapi, uma malhadeira, como se fazia um espinhel, e aí assim eu fui aprendendo e depois já era eu quem fazia (INFORMANTE A).

Nessa perspectiva, o trabalho dos pescadores, além de se constituir como formador de saberes, também vai perpetuando nas novas gerações uma identidade pescadora, uma vez que ao se identificarem a partir de um saber comum que é por todos do grupo social dos pescadores, dominado e compartilhado, os jovens pescadores acabam garantindo que as práticas, conhecimentos e habilidades do trabalho da pesca, continue se perpetuando e assim, não desapareça diante das “modernas” relações de trabalho imposto pelo capital e seus pragmáticos modelos de trabalho⁵³.

Dessa forma, a relação estabelecida entre trabalho, saber e juventude pescadora assume uma forma de resistência por parte dos pescadores, pois ao assumirem as atividades pesqueiras, os jovens fortalecem a classe dos pescadores e, mais que isso, fortalecem uma identidade pescadora na medida que esses sujeitos (os jovens) passam a se reconhecer a partir de uma atividade que em comum praticam.

[...] com a pesca eu me identifico e também acho que com ela (com a pesca) é uma maneira da gente reconhecer outro pescador, outra pessoa que pesca. Então a pesca pra nós é uma

⁵³ Como “modernas” relações de trabalho imposto pelo capital aqui entendemos aquelas que conduzem os pescadores ao individualismo, à pesca predatória, ao desrespeito ao meio ambiente, etc.

marca, uma coisa que identifica a gente. O pescador é muito fácil de ser reconhecido, ele tem assim um jeito próprio de ser, ele tem um coração bom, porque ele sabe das dificuldades da vida. Por isso que quando o pescador faz uma pesca grande, que ele pega muito peixe, ele não é ganancioso, ele reparte com os vizinhos, com os amigos, ele reparte a pecaria com outros que não conseguiram pegar nada (INFORMANTE, D).

Nesse sentido, o que vai ficando claro é que a juventude pescadora ao praticar as atividades do trabalho da pesca está fortalecendo uma identidade que efetivamente tem se dado entre esses sujeitos através de tal trabalho. Ou seja, essa juventude pescadora pelo trabalho pesqueiro tem se reconhecida cada vez mais como sujeitos amazônidas que vivem um modo de vida diferente de sujeitos outros da cidade, estabelecem relações diferentes com seus pares e com a natureza e que apesar de terem a atividade da pesca muito cedo em suas vidas, se reconhecem como pescadores e a Colônia Z- 16 como entidade que lhes representa. Por essa linha de raciocínio, o que podemos depreender é que a relação que tem se estabelecido entre trabalho, saberes e juventude pescadora é uma relação que serve como mediação para o fortalecimento da classe dos pescadores, bem como para uma efetiva coesão entre esses sujeitos principalmente no que tange à formação de sua identidade, que tem como elemento principal de sua gênese o trabalho da pesca e também os saberes sociais produto desse.

Diante disso, aprofundarmos ainda mais as discussões sobre a formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa que fizeram o cursos técnicos de Aquicultura no Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá) no sentido de qualificar-se cada vez mais para o trabalho que muito cedo aprendem com os pescadores mais antigos, faz-se necessário, pois, olhando essas relações a partir de um prisma materialista histórico, poderemos entender as negações que os jovens talvez hoje possam estar a fazer das contradições produzidos pelo capital em suas vidas.

3.3 QUALIFICAÇÃO

Para discutirmos a questão da qualificação dos jovens da Colônia Z-16 de Cametá adotamos como ponto de partida a construção do conhecimento. Assumimos

a construção do conhecimento como ponto de partida por entendermos que a medida que os jovens pescadores que fizeram curso técnico de Aquicultura conhecem, eles também se qualificam.

3.3.1 A juventude pescadora e o curso técnico de Aquicultura: adquirindo novos conhecimentos, adquirindo novas qualificações

Para os jovens que fizeram o curso técnico de Aquicultura no Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá) e hoje mantem relações com o mundo do trabalho da pesca, o processo de construção do conhecimento pode ser entendido como algo muito além de uma mera prática resultante da interação entre esses sujeitos e um conjunto de conhecimentos sistematizados em um curso relacionado à pesca. Para eles, o processo de construção do conhecimento pode ser entendido como um processo histórico social, que produto das dificuldades experimentadas cotidianamente em suas relações com o mundo do trabalho da pesca, lhes impuseram a necessidade de ir buscar, em um espaço formal de educação, novos conhecimentos e técnicas de captura e manejo do peixe para que assim pudessem, não só melhorar suas atividades práticas no trato com a pesca, mas também, ter a possibilidade de adquirir uma qualificação para o mercado de trabalho⁵⁴ e, quiçá, atuar nesse.

Nesse sentido, buscar compreender como os jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa constroem os conhecimentos necessários às suas práticas de trabalho é uma questão que, para a presente pesquisa, além de complexa, só pode ser entendida em sua totalidade a partir da realidade material⁵⁵ vivida e, portanto, experimentada cotidianamente pela juventude da Z16.

Isso porque, no caso dessa juventude, a realidade material não é uma construção pronta e definitiva, mas é antes um contínuo processo de transformações e mutações, resultado não de uma força sobrenatural e abstrata, mas de uma concreta

⁵⁴ O curso de Aquicultura permite ao aluno adquirir os conhecimentos e as técnicas necessárias, o que o permite, ao final do curso, estar habilitado como Técnico Aquicultor.

⁵⁵ Advogamos que a relação jovens e conhecimento só poderá ser entendida a partir da realidade material daqueles (jovens), por entendermos que, pautado na epistemologia de Marx (2008), essa realidade material é reveladora de contradições e negações vividas cotidianamente pelos jovens que hoje mantem relações com o mundo do trabalho da pesca.

interação estabelecida entre os jovens que mantêm relações com o mundo do trabalho da pesca e o espaço material do qual eles fazem parte. Ou seja, a realidade material

[...] não é uma coisa dada diretamente da eternidade, sempre igual a si mesma, mas antes [...] um produto histórico, resultado de atividade de toda uma série de gerações, onde cada uma das quais, sobre os ombros da anterior [...] desenvolvendo o seu intercâmbio, modifica a ordem social de acordo com necessidades diferentes (MARX & ENGELS, 2009, p. 37).

Visto por esse prisma, os jovens que hoje mantem relações com o mundo do trabalho da pesca seriam os vetores da transformação da realidade, transformação essa que se daria a partir de um processo complexo, onde as gerações presentes de pescadores (a geração jovens), partindo dos conhecimentos produzidos pelas gerações anteriores, se lançariam sobre a realidade material na constante tentativa de modificar as interpéreas que o cotidiano prática da vida lhes coloca. Nesse processo de modificação, os jovens aqui pesquisados, vão interagindo com a realidade e, conseqüentemente, aprendendo e, à medida que aprendem, também vão se alto transformando, se recriando e, portanto, se qualificando.

Mas se por um lado os jovens pescadores interagem, aprendem e, portanto, se qualificam na transformação da realidade, por outro, antes de transformá-la, pressupõe-se que eles à conheçam. Contudo, o conhecimento da realidade é algo que se dá não de maneira imediata e espontânea, mas antes de tudo é um processo de compreensão que requer dos jovens um esforço de busca e indagações, pois a sua atitude primeira diante da realidade

[...] **não é a de um abstrato sujeito cognoscente, de uma mente pensante que examina a realidade especulativamente**, porém, a de um ser que age objetiva e praticamente, de um indivíduo histórico que exerce a sua atividade prática no trato com a natureza e com os outros homens, tendo em vista a consecução dos próprios fins e interesses, dentro de um determinado conjunto de relações sociais (KOSIK, 2002, p.13, grifos nossos).

Como a atitude dos jovens, em um primeiro contato prático com a realidade, não é a de um sujeito cognoscente, ou seja, de um sujeito que busca incessantemente inquirir a realidade no sentido de compreende-la em sua totalidade, ou seja, para além de suas formas imediatas dadas pelo senso comum, o dinâmico processo de conhecer vai necessitando de estratégias e mediações que possam revelar para aqueles que

estão em processo de aprendizagem o ainda não conhecido, ou seja, o conhecimento novo. Porém, para se chegar a esse conhecimento novo “[...] é necessário fazer não só um certo esforço, mas também, *détour*”⁵⁶. Tal *détour* é necessário, pois, de acordo com Kosik (2002, p. 27, grifos do autor)

Como as coisas não se mostram ao homem diretamente tal qual são e como o homem não tem a faculdade de ver as coisas diretamente na sua essência, a humanidade faz um *détour* para conhecer as coisas e a sua estrutura. Justamente porque tal *détour* é o *único* caminho acessível ao homem para se chegar à verdade, periodicamente a humanidade tenta poupa-se o trabalho desse desvio e procura observar *diretamente* a essência das coisas [...]. Com isso corre o perigo de perde-se ou de ficar no meio do caminho, enquanto percorre tal desvio.

No caso dos jovens pescadores, o *détour*, ou seja, o desvio que o homem faz na realidade, é o mecanismo que pode estar possibilitando com que esses sujeitos descubram as novas estruturas ocultas por trás do já conhecido, do já descoberto, é o caminho que esses (os jovens) podem estar fazendo para se atingir uma nova síntese, que por sua vez se faz a partir do conhecimento antigo, conhecimento esse que com as novas descobertas é reformulado, ampliado e até mesmo, dependendo da situação real, descartado e substituído. Mas afinal, como é que pode estar se dando o processo de produção do conhecimento entre os jovens da Z-16 de Cametá-Pa?

De acordo com os postulados de Marx (2008), o processo de produção de conhecimento obedeceria a duas etapas fundamentais: a primeira ocorreria pelo trabalho, com a ação física e corpórea humana incidindo sobre a realidade (natureza e sociedade) e a segunda seria a internalização, no plano da estrutura mental, dos processos e resultados capitado como produto de tal trabalho.

Assim, na primeira etapa, os jovens pescadores, necessitando suprir suas necessidades, que seriam das mais variadas ordens, como por exemplo, de natureza físicas⁵⁷ ou mentais⁵⁸; lançariam sobre a realidade toda a sua potencialidade

⁵⁶ Expressão empregada por Karel Kosik no livro “Dialética do concreto” e que no sentido *ipsisiltri* do termo significa “desvio”.

⁵⁷ As necessidades físicas que precisam ser supridas pelo homem relacionam-se com o comer, o beber, o garantir as vitaminas e os nutrientes que dão a estrutura corpóreas estabilidade e vitalidade.

⁵⁸ Já as necessidades mentais que precisam ser supridas pelo homem relacionam-se com a necessidade de conhecer, de indagar, de inquirir, em suma, de conhecer.

(trabalho) a fim de conhecer e satisfazer aquilo que os inquieta, o que objetiva e subjetivamente lhe geraria novos conhecimentos. Nesse lançar-se sobre a realidade esses jovens agiriam “[...] sobre a natureza para satisfazer suas necessidades e, nessa ação, produziram conhecimentos como síntese da transformação da natureza e de si próprio” (RAMOS, 2005, p. 114).

Já a segunda, seria o registro feito pelos jovens a nível das ideias desses novos conhecimentos, num processo de avaliação, reconhecimento e absolvição pela estrutura cognitiva, que seria o lugar por excelência onde ocorreria um movimento abstrato de auto atualização dos conhecimentos que ali já existem. Nessa etapa, a internalização do conhecimento é tomada como “[...] uma produção do pensamento pela qual se apreende e se representam as relações que constituem e estruturam a realidade objetiva” (idem, p. 115).

Em se tratando da juventude pescadora, o processo de produção do conhecimento resultaria de uma articulada relação de movimento na qual participariam tanto os jovens quanto a realidade (natureza e sociedade). É por essa perspectiva que a produção do conhecimento se daria de modo intencional e, portanto, determinado, onde tanto a juventude, quanto a realidade, sofreriam influências recíprocas (juventude influenciando a realidade e realidade influenciando a juventude); num processo dinâmico que ora assumiria os jovens, com sua vontade de conhecer, como determinante na construção do conhecimento; ora assumiria a realidade, que incidindo sobre os jovens, os conduziria a indagações e atuações sobre a sociedade e a natureza.

Ao atuar sobre a sociedade e a natureza (realidade), os jovens auto-desenvolvem um processo que vai da necessidade à ação e que tem como resultado a produção do conhecimento. Nesse sentido haveria uma íntima ligação entre o desenvolvimento humano juvenil e a produção de conhecimentos. Contudo, tanto para se desenvolver quanto para produzir conhecimentos, a aproximação dos jovens com o mundo real é uma condição necessária. Isso se justifica porque é no mundo real que os jovens encontram os elementos indispensáveis para a construção de respostas e explicações de fenômenos que por hora vai lhes inquietando.

Mas se por um lado o mundo real é o espaço de interações onde os jovens obtêm respostas aos seus problemas, por outro, a obtenção de tais respostas só é possível a partir de uma intervenção direta e objetiva desses sujeitos enquanto seres práticos.

Nesse sentido, os conhecimentos obtidos como resultado de tais respostas também seriam conhecimentos práticos, pois resultariam de uma ação de experimentação e prática com o mundo real. Por esse ínterim, Lefebvre (1995, p. 49- 50) é esclarecedor ao afirmar que

Em primeiro lugar, o conhecimento é prático. Antes de elevar-se ao nível teórico, todo conhecimento começa pela experiência, pela prática. Tão-somente a prática nos põe em contato com as realidades objetivas. Imaginemos um ser que tivesse uma consciência semelhante a consciência humana, mas que fosse - se é possível imaginá-lo - inteiramente passivo, sem atividade prática, sem carecimento, sem movimento, sem poder sobre as coisas através de seus membros e de suas mãos; em um tal ser, as próprias impressões se desenvolveriam como uma espécie de sonho; ele nem sequer imaginaria o que pode ser um conhecimento que penetra nas coisas e investigar o que elas são em si mesmas (LEFEBVRE 1995, p. 49- 50).

Refletindo as colocações feitas por Lefebvre (1995) e tendo em vista que nesta subseção estamos discutindo a produção de conhecimento como elemento de qualificação dos jovens, afirmamos que considerar o conhecimento enquanto resultado de uma ação prática é condição necessária para se entender que é o agir do homem, enquanto atividade de transformação da realidade, que gera o conhecimento e, portanto, o qualifica.

Nesse sentido, a produção do conhecimento, por um lado, supõe “[...] um ‘objeto’ real exterior, a natureza ou matéria penetrada progressivamente [...] pelo sujeito humano ativo [...]” (idem, 70) e por outro, demonstra que nada surge do acaso, mas sim a partir de uma ação concreta de aproximação real entre os sujeitos e a realidade, ação essa que mediada pela experimentação revela que o conhecimento antes de se elevar-se ao status de teoria passa por um dinâmico processo de atividade prática, onde fases como seleção, escolha e interpretação conduziram o homem a um novo patamar do complexo processo de conhecer.

Em termos de juventude pescadora, os conceitos e ideias que habitariam o mundo abstrato do pensamento desses sujeitos e corresponderiam aos objetos do mundo concreto, não seriam o ponto de partida para uma investigação que almeja a produção de novos conhecimentos, mas seriam sim, o ponto de chegada, os resultados finais de tal investigação. Visto por esse ângulo, o que fica claro na presente pesquisa é que ao tratarmos da juventude pescadora, o conhecimento deve

ser buscado não no mundo abstrato das divagações e imaterialidades que habitam o plano das ideias dos jovens, mas percorrendo o caminho contrário, deve ser buscado sim, no mundo e nos processos de vida real, concreto, que é onde as leis do mundo objetivo se revelam, pois, uma vez reveladas

[...] as leis do mundo objetivo se convertem em leis também do pensamento, e todas as leis do pensamento são leis representadas no mundo objetivo; revelando as leis de desenvolvimento do próprio objeto, aprendemos também as leis de desenvolvimento do conhecimento e vive-versa, mediante o estudo do conhecimento e suas leis descobrem-se as leis do mundo objetivo (KOPNIN, 1978, 53).

Se por um lado as leis do mundo objetivo só se convertem em leis do pensamento, ou seja, em conhecimento, através de uma investigação que parte do concreto ao abstrato, por outro, a apreensão e compreensão dessas leis só é possível a partir de um raciocínio dialético. Nesse sentido, Lênin (*apud* KOPNIN, 1978, p. 52, grifos do autor) é pontual ao afirmar que:

Na teoria do conhecimento, como em todos os outros campos da ciência, deve-se raciocinar dialeticamente, e não supor que nosso conhecimento é acabado e imutável, mas entender de que modo o *conhecimento* surge do *desconhecimento*, de que modo o conhecimento impreciso e incompleto se torna mais completo e mais preciso.

Quando se trata de entender como se dá o processo de produção do conhecimento, o raciocínio dialético é aquele que pressupõe que os fenômenos que ocorrem no mundo não são estáticos. Nesse sentido, pressupomos que o conhecimento da juventude pescadora da Colônia Z-16 não surge do lógico, que capitado pelo senso comum, se revela de forma precipitada aos olhos humanos, mas surgem sim, a partir de uma postura crítica e reflexiva da realidade, em que as contradições vividas por essa juventude se tornam princípios primordiais e indispensáveis na revelação do ainda não conhecido, posto que no movimento dialético mostram que por trás do aparente há um núcleo interno composto por um conjunto de estruturas e leis que a aparência da realidade, oculta.

Dinamicamente, isso faz supor que

O conhecimento se realiza como separação de fenômeno e essência, do que é secundário e do que é essencial, já que só através dessa separação se pode mostrar a sua coerência interna, e com isso, o

caráter específico da coisa. Neste processo, o secundário não é deixado de lado, como irreal ou menos real, mas revela o seu caráter fenomênico ou secundário mediante a demonstração de sua verdade na essência da coisa. Esta decomposição do todo, que é elemento constitutivo do conhecimento [...] com efeito, *sem decomposição não há conhecimento*- demonstra uma estrutura análoga a do agir humano: também a ação se baseia na decomposição do todo (KOSIK, 2002, p. 18).

Das considerações de Kosik (2002) depreende-se, então, que o processo de produção do conhecimento, não diferente de outros fenômenos, vai assumindo a perspectiva de duas dimensões: a primeira é a fática e imediata, que posta na superfície da realidade aparente é facilmente capturado pelo senso comum; e a segunda é a mediata e essencial (essência), que ocultada pelo movimento da primeira, só pode ser captada pela ação cognitiva humana, porque só se encontra no fenômeno como conteúdo e não como forma.

Ao olhar criticamente para essas duas dimensões, o que fica claro é que ao tomar a primeira dimensão (dimensão fática e imediata) como ponto de partida na produção do conhecimento, as novas descobertas que daí podem surgir, não necessariamente podem se constituir em algo novo, um conhecimento que permita avançar para além do já conhecido, do já produzido, o que, em termos de juventude pescadora, podem permitir com que velhas teorias e os conhecimentos já existentes, e dominados por essa, se perpetue e com eles também as antigas relações de alienação e reprodução de modelos cristalizados de relações humanas, que em tais conhecimentos se pautam e se fundamentam⁵⁹.

Na contramão da primeira dimensão, a segunda (dimensão mediata e essencial), também como ponto de partida na produção de conhecimento humano, é aquela que, na perspectiva dos jovens aqui investigados, pode permitir com que novas descobertas sejam feitas, e que o já conhecido, ou seja substituído, ou seja ampliado pelo novo conhecimento que é descoberto, possibilitando assim com que velhas teorias sejam questionadas, indagadas e reformuladas, o que numa perspectiva

⁵⁹ Seguindo essa lógica, velhas concepções conservadoras como “filho de peixe peixinho é” e “a juventude tem pouca oportunidade porque é pobre” e não “é pobre porque tem pouca oportunidade”, vão se perpetuando e transferindo a culpabilidade pelo fracasso e insucesso na vida para os próprios sujeitos, deixando isentos assim o sistema e a estrutura que permite com que o pobre continue pobre e o rico continue rico.

crítica, vai de encontro com verdades que são tidas como absolutas e, por tanto inquestionáveis.

Essa segunda dimensão, além de conduzir à produção de um novo conhecimento, possibilita com que esse seja entendido como algo não estático e completo em si mesmo, mas como uma construção que se efetiva no movimento de aprendizagem que os jovens pescadores, progressivamente, estabelecem com o mundo material como forma de abrandar a sua incessante necessidade de conhecer.

Nesse sentido, conhecer, para os jovens por nos pesquisados, significa compreender os múltiplos processos estruturais da realidade objetiva que o circunda, decompondo, refazendo e reproduzindo no mundo das ideias o conhecimento novo. Nesse processo de decompor, refazer e reproduzir, esses sujeitos vão interpretando continuamente suas próprias ações, elaborando conhecimentos e elevando suas capacidades, o que lhe qualifica como sujeitos sociais, dinâmicos e, portanto, dialéticos. Vistos dessa maneira, concordamos com Machado (1996, p. 15-24) quando afirma que a qualificação não é uma construção histórica acabada, mas sim um processo social em construção,

[...] através do qual se descobre não a natureza do que seja trabalho qualificado e desqualificado, mas a própria trama das regulações técnicas e sociais presentes nos processos de trabalho. [...] a qualificação não pode ser traduzida operacionalmente por uma expressão numérica, por uma escala de atributos objetivos, já que ela é um processo histórico, determinado socialmente.

Em outros termos, tomamos aqui a qualificação dos jovens da Colônia Z-16 de Cametá como um processo que se dá todo dia a partir da interação e aprendizagem que esses sujeitos estabelecem com o mundo e os sujeitos que os cercam, pois é através dessa interação que as novas gerações vão aprendendo e adquirindo conhecimentos novos e, por tanto, qualificação, não para uma tarefa específica, mas para a vida.

Em termos de juventude pescadora que fez o curso técnico de Aquicultura no Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá) e hoje mantém uma relação com o mundo do trabalho da pesca, compreendemos que esses sujeitos se qualificam não porque fizeram um curso técnico em uma instituição de educação

formal que se destina a esse fim, mas porque são sujeitos da histórica e enquanto tal modificam sua realidade social na medida em que aprendem com essa.

4 JUVENTUDE, TRABALHO E EDUCAÇÃO: a formação da identidade pescadora enquanto resultado de um movimento real de lutas, contradições e aprendizados

Nesta seção vamos expor, a partir de uma análise crítica e teoricamente fundamentada no referencial marxista, como a identidade pescadora nos jovens egressos do curso de Aquicultura, que hoje mantem relações com o mundo do trabalho da pesca, vai se formando enquanto produto de um movimento real de lutas, contradições e aprendizados vivido por esses sujeitos e seu grupo social, os pescadores. Para isso, iremos nos utilizar das categorias **totalidade, práxis, mediação e contradição**, que conforme anunciado na primeira seção desta dissertação, nos auxiliarão nas análises de maneira a nos possibilitar uma compreensão ampla e coerente do nosso objeto, uma vez que, são categorias que servirão aqui

[...] de critério de seleção e organização da teoria e dos fatos a serem investigados, a partir da finalidade da pesquisa, fornecendo-nos o princípio da sistematização que vai conferir sentido, cientificidade, rigor e importância [à investigação] (KUENZER, 2008, p. 62).

Apresentado as intencionalidades a que se propõe a presente seção e lembradas as categorias do método marxista que irão nos auxiliar durante todo o processo de análise, cabe-nos também, inicialmente, deixar claro que por identidade pescadora estamos a compreender um fenômeno que resulta não simplesmente de um modo tradicional e culturalmente artesanal de produção de vida, mas sim como sendo um processo social, que para além do cultural e do artesanal a qual está ligado a produção da existência dos pescadores, é fruto também dos aprendizados, que, de suas participações nos embates cotidianamente travados, adquirirem e também se utilizam para poderem assim, dialeticamente, estabelecer novas relações, que no movimento de suas interações, vai modificando quem são e a partir de que se reconhecem.

Em outras palavras, ao travarem embates, aprendem, ao aprenderem, transformam-se, e ao transformarem-se, modificam todos os processos pelos quais, constroem e reconstroem os elementos determinantes de sua identidade, isso porque, passam a reconhecer as reais qualidades e características que devem ter para poder assim, enfrentar as relações desiguais e díspares impostas pelo modo de produção

em vigência, o que os conduz, a mudarem, ou seja, a também desenvolverem características, qualidades e marcas, que no movimento histórico social de suas interações, os identificam como sujeitos pescadores não apenas porque pescam, mas também porque pescam, lutam, aprendem e militam pela defesa do direito de produzir suas vidas a partir de um modo de produção peculiar, a pesca.

Esclarecido que o fenômeno, identidade pescadora, não resulta apenas do modo de produção cultural e artesanal que permeia a vida e as interações dos pescadores, mas é fruto sim, de um conjunto de relações sociais, que no movimento da aprendizagem, vai transformando quem são e a partir de que se reconhecem, a seguir se verá como o trabalho da pesca, caracterizado pelos informantes dessa pesquisa como difícil, penoso e exigente, vem provocando nos jovens que aqui investigamos, um processo de busca por aquisição de um conjunto de novos conhecimentos, práticas e técnicas que hoje cada vez mais adquiridos em espaços outros diferentes daqueles onde está a se dar o trabalho da pesca, tais como, cooperativas, comunidades, igrejas e, em particular, no curso de Aquicultura, vem lhes permitindo construir alternativas à execução e, conseqüentemente, desenvolvimento de suas atividades pesqueiras de “[...] maneira mais humana e fisicamente menos desgastante” (RODRIGUES, 2012a, p. 68), o que, do ponto de vista do objeto que aqui investigamos, nos leva a questionar se a incorporação desses novos conhecimentos, práticas e técnicas não estariam hoje a reconfigurar e, assim, a redefinir a identidade que aqui tomamos como pescadora.

4.1 DO TRABALHO DIFÍCIL, PENOSO E EXIGENTE AO CURSO DE AQUICULTURA: os jovens pescadores e a qualificação para o trabalho da pesca

Hoje, quando recortamos como objeto de pesquisa e assumimos como fenômeno a ser investigado, **a formação da identidade pescadora** de jovens egressos do curso de Aquicultura, que afiliados a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cameté-Pa, mantem relações com a atividade pesqueira, um primeiro ponto a destacar é que enquanto sujeitos que vivem e, assim, constroem as múltiplas dimensões de suas vidas, incluindo aí a identidade pescadora, a partir do labor da pesca, esses jovens não estão a aceitar passivamente as condições difíceis, penosas e exigentes que cada vez mais vem se fazendo presentes em suas práticas de trabalho, mas ao contrário disso, estão a buscar sim, por meios diversos; alternativas

outras; a exemplo de cursos e qualificações profissionais na área da pesca; que possam lhes permitir pensar, planejar e, quiçá, transformar e também mudar, suas atividades laborais da pesca em práticas que, do ponto de vista físico e humano, possam se tornar mais possíveis de serem realizados.

Ou seja, hoje os jovens ligados a Colônia Z-16 de Cameté que mantem relações com o mundo do trabalho da pesca, não estão a aceitar de forma passiva as condições precárias e embrutecedoras que cada vez mais vem marcando e caracterizando o trabalho com o qual se ocupam, mas estão sim a procurar possibilidades outras que possam lhes dar a chance de, no plano concreto de suas práticas, desenvolverem um conjunto de ações, que pensadas e planejadas a partir das atividades que cotidianamente se ocupam, permitam-lhes estabelecer e, assim transformar, as fatigantes e extenuantes relações de trabalho, em profícuas e praticáveis atividades. Em relação a isso, o Informante E comenta:

*[...] hoje, com a situação que nós vive, pra gente ser alguém na vida, é preciso a gente tá atento a todo as oportunidades [...]. Até pra esse trabalho nosso, sabe? que é a pesca, é preciso que a gente teja se aperfeiçoando. Por isso que eu sempre falo pro pessoal, que a gente que tamo nesse ramo da pesca, a gente tem que participar de todas as possibilidades que aparecem, [...] porque se pro pessoal da cidade que tem tudo, tá difícil a situação, imagina pra nós que tamo distante de tudo, [...] porque imagina só, eu vou te dá um exemplo meu, do meu dia a dia; eu sou pescador afiliado ai na Colônia, na Z-16 [...], te falo que eu sou pescador porque eu sou da pesca, tenho meu material, meu casco, minha malhadeira, [...] tenho tudo, só que, não é porque eu sou pescador que eu não vou procurar, digamos assim, outros meios pra mim me profissionalizar e buscar aprender outros conhecimentos, [...]. **Esse nosso trabalho (o trabalho da pesca) ele é um trabalho muito difícil, penoso, exige muito de nós, a gente fica horas e horas no sol, a gente pega chuva [...]** A gente passa por tudo isso pra gente conseguir pegar um “peixinho” que vai servir ou pra gente comer ou pra gente vender [...]. É por isso que eu lá no interior, no Ovídeo⁶⁰ onde eu moro, eu sempre participo de tudo, se querem fazer uma cooperativa pra gente beneficiar palmito, eu to junto, se o sindicato convida nós pra uma reunião aqui na cidade, eu venho [...], eu participo das reuniões da comunidade, da igreja, eu também não abandono o estudo, sabe? To pensando em fazer uma universidade particular, aí na Uniasselvi, porque isso tudo é importante pra gente, a gente sempre aprende alguma coisa na vida com essas coisas [...]. Foi por causa disso que eu fiz o*

⁶⁰ Ovídeo é o nome de uma ilha localizada no município de Cameté.

curso de Aquicultura aí no CIEBT [...]. Quando eu fiquei sabendo, que me falaram que era um curso da pesca, eu falei, bom eu vou fazer, quem sabe com um curso desse eu não vou aprender coisas novas que podem ajudar no meu trabalho, sabe, ajudar a melhorar esse sacrifício que a gente passa na pesca, porque a gente nunca estudou sobre isso (sobre a pesca), tudo que nós sabe foi que nós aprendemo com o nosso pai, nossa mãe, com nosso avô, com os antigo [...], também quem sabe se eu fazendo o curso eu não vou poder até ajudar minha família ensinando pra eles novas coisas sobre a pesca pra gente tentar, como eu posso te falar, ver se a gente tenta melhorar essas coisas, essas que te falei [...], essas dificuldades que todo dia tem no nosso trabalho (grifos nossos).

Entendo o trabalho da pesca como algo negativo, por ter uma natureza difícil, penosa e exigente, o que o trecho destacado acima, em sua totalidade revela, é uma clara compreensão, por parte dos jovens que aqui investigamos, de que hoje, a mobilização, no sentido da busca e conquista de novos aprendizados, se faz cada vez mais necessária para o pensar, o planejar e o executar desse trabalho, o que demonstra que, não é porque a juventude pescadora afiliada a Colônia Z-16 está a se ocupar hoje com um trabalho de natureza artesanal, como é o caso da pesca em Cametá, “[...] que [...] não [vai] procurar, digamos assim, outros meios pra [se] profissionalizar [...] e buscar aprender outros conhecimentos [...]”⁶¹.

Apesar de ainda hoje exercerem a atividade da pesca de modo artesanal, usando instrumentos e artefatos pesqueiros tradicionais como *o matapi*, *o espinhel* e *a malhadeira*⁶², que são apetrechos de pesca fabricados pelos próprios pescadores, os jovens da Colônia Z-16 de Cametá não estão a aceitar a realidade por eles encontrada no mundo do trabalho da pesca, de modo passivo como se conformados estivessem com as condições em que hoje vivem “[...] os pais e as mães de família que tentam criar seus filhos com o trabalho da pesca [...]” (INFORMANTE A), mas ao contrário, buscando sim, aos moldes de Engels (2008, p. 252), não aceitar “[...] adaptar-se às circunstâncias, mas [...] buscando sim, fazer com que as circunstâncias se adaptam a eles, [porque entendem] que sua [própria] omissão, equivaleria à aceitação [das condições de vida por hora encontrada] [...]” e, conseqüentemente, no

⁶¹ Informante E

⁶² Instrumentos que, entre vários outros, hoje são usados de forma artesanal pelos pescadores para a captura do pescado.

reconhecimento da impossibilidade da transformação e efetivação de criações de alternativas outras as condições difíceis, penosas e exigentes que o trabalho pelos pescadores executado, vem assumindo.

Em outras palavras, o que o depoimento acima está a demonstrar, é que para um trabalho que para se fazer executar impõe aos trabalhadores as vicissitudes de uma natureza perversa, brutal, que não raras vezes beira o desumano, a obtenção de outros conhecimentos que possam ser aplicados nesse trabalho no sentido de reelaborar os processos de funcionamento desse (trabalho), na perspectiva de melhorá-lo teórico, prático, mas principalmente físico e humanamente, se apresenta não só como necessária, mas também indispensável ao trabalhador que buscando superar tais vicissitudes, se coloca contrário a lógica fatigante e extenuante do trabalho com o qual se ocupa.

É nesse sentido que a busca por novos conhecimentos, práticas e técnicas ganha materialidade e importância para os jovens que hoje afiliados a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa; participam, militam e produzem suas vidas (ANTUNES, 2006) a partir das relações que estabelecem com o mundo do trabalho da pesca.

Olha, o que fez eu buscar esses [...] outros conhecimentos, essas outras práticas e também essas outras técnicas sobre a pesca [...] é que achei importante ter outra visão sobre o meu trabalho, sobre a pesca mesmo. Achei que enquanto pescador eu não podia mais ficar de braços cruzados vendo a minha profissão ficar cada vez mais difícil pra mim. Então, eu tinha que fazer alguma coisa, foi aí que eu achei importante procurar, digamos assim, me qualificar pro meu trabalho, fazer curso mesmo que pudesse me ajudar, onde eu pudesse aprender práticas e também técnicas pra melhorar o meu trabalho, porque o trabalho do pescador, ele não é um trabalho fácil, ele é muito difícil e acho também que ele é até meio desumano (INFORMANTE B).

Com efeito, vivendo a realidade de um trabalho que cada vez mais vem se materializando nas vozes dos entrevistados, como difícil “[...] é até meio desumano” (INFORMANTE B) a tomada de consciência pelos jovens, da necessidade da busca por outros conhecimentos, práticas e técnicas que estejam para além dos saberes da pesca, mas que não deixem de com esse se relacionar, passa a se objetivar como condição necessária para a concretização de alternativas que, contrárias a lógica

hostil e desumana que o trabalho da pesca vem assumindo, possa permitir aqueles que vivem tal hostilidade e desumanidade, transformar a natureza e, conseqüentemente, a qualidade que o trabalho por eles experimentado, assume.

Em outras palavras, é a partir da compreensão do trabalho da pesca como sendo atividade difícil e desumana e, portanto, necessária de ser transformada e reconfigurada em pratica mais possível, mais realizável, mais humana; é que os jovens buscam através de qualificações, meios pelos quais possam criar a partir da realidade em que vivem, condições outras de efetivação e, portanto, realização do trabalho da pesca com o qual se ocupam. Ou seja, é através dessas qualificações, que esses sujeitos vêm, a partir dos conhecimentos nessas (qualificações) adquiridos, tentando transformar, modificar e reconfigurar o trabalho e, conseqüentemente, as configurações difíceis e desumanas que nesse se fazem presentes.

Mas se por um lado, os jovens que aqui pesquisamos, estão a tomar consciência e clareza da importância que outros conhecimentos, técnicas e práticas adquiridos nas qualificações, estão tendo para a execução do trabalho com o qual se ocupam, por outro, os espaços e ambientes onde esses (conhecimentos, técnicas e práticas) estão sendo buscados e adquiridos não estão a se limitar às extensões e perímetro que demarcam e delimitam o espaço da pesca, mas estão a ser construídos sim, em entidades e organizações que hoje; cada vez mais presentes na vida social dos jovens pescadores; como as cooperativas, comunidades, igrejas, sindicatos, escolas, universidades e etc.; surgem para esses (jovens que pescam) como alternativas pelas quais podem vislumbrar a possibilidade da construção de possíveis saídas à natureza pérfida e hostil que cada vez mais o trabalho da pesca tem assumindo na região. É nesse sentido que o curso técnico de Aquicultura ofertado pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT-Cametá) aparece como um, entre tantos outros espaços apontados pelos jovens por nós entrevistados, como mediador dessa possibilidade.

Foi por causa disso que eu fiz o curso de Aquicultura aí no CIEBT [...]. Quando eu fiquei sabendo, que me falaram que era um curso da pesca, eu falei, bom eu vou fazer, quem sabe com um curso desse eu não vou aprender coisas novas que podem ajudar no meu trabalho, sabe, ajudar a melhorar esse sacrifício que a gente passa na pesca porque a gente nunca estudou sobre isso (sobre a pesca), tudo que nós sabe foi que nós aprendemo com o nosso pai, nossa mãe, com nosso avô, com

os antigo [...], também quem sabe se eu fazendo o curso eu não vou poder até ajudar minha família ensinando pra eles novas coisas sobre a pesca pra gente tentar, como eu posso te falar, ver se a gente tenta melhorar essas coisas, essas que te falei [...], essas dificuldades que todo dia tem no nosso trabalho (INFORMANTE E).

Tomando as colocações acima feitas pelo Informante E a partir da perspectiva que busca permitir aos jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa o estabelecimento de construções de práticas de trabalho as mais profícuas, esclarecedor é observar, que, na interação com entidades como o Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT-Cametá) o que vai motivando essa juventude a se tornarem sujeitos ativos e participativos de espaços como o curso técnico de Aquicultura, não é, por exemplo, o simples desejo mercadológica de adquirirem uma certificação que os habilite a atuarem como técnicos na área da Aquicultura, para que assim possam vender suas forças de trabalho no mercado local⁶³. Para além dessa finalidade, o que a fala acima revela, é o real desejo de um conjunto de sujeitos, que construindo suas vidas a partir de um trabalho peculiar, a pesca, buscam em outros espaços, conhecimentos, técnicas e práticas que possam lhes ajudar a transformar a natureza inóspita do trabalho da pesca em uma atividade, que, não mais lhes fragilize física e humanamente, mas que lhes oportunize sim, a atuação, permanência e a realização de projetos⁶⁴, que, traçados a partir da atividade comum que executam, são planejados, objetivados e mediados como produto de um fazer que, no movimento interacional de suas próprias ações, vai lhes inserindo em um conjunto de relações sociais, culturais, política, histórica e identitária; produzidos e socializados no e pelo trabalho com o qual diariamente se ocupam.

Seguindo essa linha de raciocínio, válidas são as afirmações que o Informante C faz, quando revela que resolveu fazer o curso de pesca no Centro Integrado de

⁶³ O que nos leva a compreender que os jovens, ao concluírem o curso técnico de Aquicultura, podem estar a buscar o mercado de trabalho local como espaço para oferecerem sua força de trabalho, é o fato de que a região Tocantina, hoje, tem cada vez mais apresentado uma grande demanda de criação de peixes em cativeiro do qual o uso de tanques e gaiolas artificiais, são exemplos clássicos, demandando assim por profissionais que, formados na área, possam dá assistência técnica.

⁶⁴ A partir das entrevistas analisadas, tomamos aqui como projetos que hoje os jovens pescadores, buscam realizar: as reais possibilidades de construções de práticas de trabalho que lhes permitam amenizar a natureza inóspita e aviltante do trabalho da pesca e, o estabelecimento de relações que, beirando “o sentir-se bem no trabalho”, lhes permitam executá-lo de maneira física, moral e proficuamente possível.

Educação do Baixo Tocantins (CIEBT), não porque queria apenas um certificado de técnico em Aquicultura, mas porque considerava importante dominar um conjunto de ferramentas teórico-práticas oferecidas pelo curso para que assim pudesse continuar a fortalecer e valorizar a pesca e, conseqüentemente, os processos culturais, políticos, históricos e indenitários; que com essa (com a pesca) nascem:

Eu resolvi fazer o curso de Aquicultura no CIEBT porque eu moro no interior né, interessante, importante também né, pra tu ter alguns conhecimento da teoria e da pratica da pesca, pra tu também valorizar a pesca, pra tu fortalecer a cultura do marisco⁶⁵, a cultura do pescador, que é a nossa cultura [...]. É por isso que hoje eu te falo, quando eu fui fazer o curso, na verdade, eu não queria só um certificado de técnico, mas o que eu queria era o conhecimento, as práticas que eu ainda não conhecia que lá no CIEBT eu aprendi, porque é assim, esses conhecimentos eles não serve só pra mim ter, [...] como eu posso te falar, [...] uma nova atitude no meu trabalho, mas também pra mim valorizar a minha cultura, a minha história, a minha raiz e a minha identidade, tudo isso né, [ou seja], um conhecimento pra mim entender o meu trabalho pra mim poder transformar as práticas que eu fazia errada e agora eu posso fazer certo.

Enquanto curso técnico que em seu Plano de Curso⁶⁶ apresenta como um de seus objetivos específicos; “[...] possibilitar, por meio da habilitação e da qualificação profissional, que os futuros profissionais possam se inserir na realidade dos setores produtivos [...]” (p. 5) utilizando-se para isso do certificado que adquirem ao terminarem o curso técnico em Aquicultura, contraditório é, analisar, a partir da fala dos sujeitos por nós entrevistados, que enquanto objetivo pessoal, os jovens pescadores, que hoje estão a buscar uma formação no curso de técnico de Aquicultura, não estão a almejar uma qualificação para o mercado de trabalho, mais sim, para a vida (MÉSZÁROS, 2008).

[...], como pescador, eu queria outros tipos de conhecimentos do modo geral, tanto da pesca como outros tipos, [...] assim, de não só de como eu pesco, mais ter outros conhecimentos de

⁶⁵ A expressão “marisco” é um termo utilizado pelos pescadores da Colônia Z-16 de Cametá para se referirem a atividade da pesca.

⁶⁶ Plano de curso é um, entre vários outros documentos, que normatiza e referenda o funcionamento do curso técnico de Aquicultura oferecido pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins de Cametá, determinando para esse metas, objetivos e normas de funcionamento e que aqui, de acordo com a seção I desta dissertação, está sendo utilizado estrategicamente como uma fonte complementar as entrevistas semiestruturadas.

como eu devo fazer um tanque, um viveiro, isso foi de suma importância pra minha vida, porque no futuro eu posso precisar, entendeu? (INFORMANTE A).

Dito de outra maneira, a formação que os jovens por nós entrevistados foram buscar no Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT-Cametá), não é uma formação que de maneira direta e imediata se apresenta para esses sujeitos como uma “[...] qualificação real útil, relacionada ao processo de valorização do capital, que se refere aos atributos necessários para [ocuparem] corretamente um posto de trabalho [...]” (CRIVELLARI, 2000, p. 9); mas ao contrário, a formação a qual almejavam quando procuram o curso técnico de Aquicultura, foi aquela que, formada a partir da obtenção de um conjunto de conhecimentos, práticas e técnicas novas a serem aplicadas no mundo do trabalho com o qual cotidianamente se ocupam, passou a ser vista pelos jovens como necessária e, portanto, indispensável para o desenvolvimento de uma vida mais profícua e realizável, isso porque, ligado diretamente as suas necessidades reais, veio se apresentando como respostas necessárias aos problemas que por hora encontravam, o que, em termos de aquisição, aplicação e incorporação de novos conhecimentos aos saberes da pesca que já dominam, veio resultando em reconfigurações e, assim, transformações não só do trabalho da pesca com o qual se ocupavam, mas também, da identidade pescadora que com esse trabalho nasce, e é isso que buscaremos analisar na próxima seção.

4.2 OS JOVENS PESCADORES, O CURSO DE AQUICULTURA E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PESCADORA

Tomando como ponto de partida para o desenvolvimento desta subseção a afirmação que o Informante C faz quando expõe, que entre outros motivos que o levaram a fazer o curso de Aquicultura, estava a chance de adquirir novos conhecimentos, práticas e técnicas que o permitisse “[...] entender o [...] trabalho pra [...] poder transformar as práticas que [...] fazia errada e agora [...] [poderia] fazer certo”, e ainda, que esses novos conhecimentos, práticas e técnicas adquiridos, do ponto de vista da coletividade dos jovens pescadores, principalmente daqueles que realizaram o curso de Aquicultura, podem permitir a valorização da cultura, da história, da raiz e da identidade pescadora por possibilitarem a esses jovens trabalhadores da

pesca transformarem os processos de trabalho por entendê-lo; esclarecedor é, para a presente pesquisa, o fato de que, no que se refere especificamente **a identidade pescadora**, a utilização desses novos conhecimentos, práticas e técnicas no processo laboral da pesca está a fazer com esses sujeitos se reconheçam como pescadores, não mais única e exclusivamente a partir dos saberes que empiricamente construíram no trato cotidiano com a pesca, mas também, a partir do conjunto de conhecimentos, que buscados e adquiridos no curso técnico de Aquicultura, hoje se fazem presentes em suas atividades, modificando e transformando seus processos de trabalho e, conseqüentemente, suas subjetividades e identidades.

Enquanto processo de trabalho que se modifica e se transforma a medida que o conjunto de conhecimentos, práticas e técnicas do curso de Aquicultura vai sendo incorporado ao fazer cotidiano do pescador, a identidade pescadora, que, à primeira vista, pode aparecer, no plano das aparências, como sendo resultado apenas do saber socialmente produzido pelo trabalho da pesca, vai sofrendo, do ponto de vista do movimento da matéria (MARX, 2008), alterações, que no plano das contradições vai revelando, que para além dos saberes sociais do trabalho da pesca, também há, no bojo da constituição dessa identidade, a presença de elementos outros, que resultantes de um conjunto de relações extra mundo do trabalho da pesca, são adquiridos e incorporados nesse (mundo do trabalho da pesca), porque com ele se relacionam, e por se relacionarem é que modificam e transformam o trabalho e a identidade que desse a nasce.

Com efeito, tomando os pescadores, e em especial aqui os jovens, que além de pescarem realizaram o curso técnico de Aquicultura, como sendo um conjunto de sujeitos “[...] históricos, concretos, ativos, que se transformam na medida em que transformam o conjunto [...] das relações sociais que produzem [...]” (GRAMSCI, 1978, 38), a identidade pescadora, que também é fruto dessas transformações, não poderia estar a se formar de modo estático como se de fato resultasse única e exclusivamente apenas do saber social que é produzido e, portanto, gerado no artesanal trabalho da pesca. Para além de uma identidade que vai se estruturando de modo imediato apenas no saber social, a identidade pescadora, e enfaticamente, a identidade pescadora dos sujeitos dessa pesquisa, é aquela que se formando a partir do resultado dos diversos processos de interações estabelecidas entre os jovens pescadores e os ambientes outros, como por exemplo o curso de Aquicultura, com o

qual se relacionam, vai se estruturando enquanto produto de um movimento de acumulação de múltiplas experiências e aprendizados, e, portanto, não se constituindo de modo imutável, mas resultando sim das concretas relações sociais dos sujeitos pescadores com o mundo, sendo que, nessas relações é que novos conhecimentos são produzidos, adquiridos e, conseqüentemente, incorporados e reconfigurados, o que faz se evidenciar que, se no processo de vida real os jovens que pescam estão a se modificar e se transformar a medida que seu conjunto de conhecimentos, experiências e aprendizados se ampliam, também é nesse mesmo movimento que seus complexos processos de identificação e reconhecimento se alteram, isso porque, se reconfiguram, se modificam, enfim, se transformam a medida que novos conhecimentos, práticas e técnicas passam a fazer parte do conjunto de conhecimentos, saberes e experiências que já dominam (DUBAT, 2009)

É, a gente vai participando não só da pesca, mas também, de outras, de outros espaços e, também, ganhando experiência e aí a gente vai somando com o que a gente já sabe, e isso de algum modo acho que vai mudando a gente, sabe? mudando quem a gente é [...] como a gente se reconhece, mudando a nossa própria maneira de se enxergar pescador [...]
(INFORMANTE B)

Dito de outra forma, se aqui estamos a tomar os sujeitos que pescam e, mais ainda, os jovens pescadores que realizaram o curso técnico de Aquicultura, como sendo sujeitos dinâmicos, evolutivos e socialmente construídos pelo movimento real das relações de aprendizagens, compreensão e leitura do mundo, não dá para tomarmos a formação da identidade pescadora desses sujeitos como sendo um fenômeno estática e imutável, isso porque, enquanto produto que resulta também das transformações e evoluções que os sujeitos que pescam sofrem, tal identidade que é um “[...] ‘construto’ que remete ‘aos atos’ de agentes ativos” (DUBAR 1991, p. 14), também vai se modificando, uma vez que, passa a conter em sua formação, propriedades, qualidades, em suma, elementos que outrora não continha.

Sobre as transformações que os sujeitos jovens que hoje pescam estão a sofrer, bem como as modificações que em decorrência de tais transformações a identidade pescadora está a assumir, assim comenta o Informante E:

Eu, quando eu penso como era o meu comportamento a algum tempo atrás e quando eu olho hoje pro meu presente, eu vejo

quanta coisa mudou em mim, quantas coisas que eu fazia errada na minha profissão, que hoje, por eu ter estudado, por eu ter aprendido outros conhecimentos, por eu ter adquirido outras práticas e também outras técnicas, eu posso fazer certo [...]. Hoje eu te falo que eu sou um pescador consciente, uma pessoa diferente na minha profissão [...] e eu reconheço que muito dessa consciência que hoje eu tenho na no meu trabalho foi devido a esses conhecimentos, a essas técnicas que eu aprendi lá no curso.

Do ponto de vista da transformação humana, diríamos, a partir das colocações acima feitas pelo Informante E, que esse sujeito não apenas se percebe hoje como um outro ser mais consciente e, portanto, com atitudes e ações diferentes das atitudes e ações anteriormente adotadas por ele no trabalho da pesca, mas também, que essas transformações muito se devem aos conhecimentos, práticas e técnicas que no curso de pesca outrora realizado, foram construídos e que hoje lhes permitiram a ação da transformação de suas ações e, portanto, de si mesmo. Também há de se considerar da fala acima; ainda com relação aos conhecimentos, práticas e técnicas; a importância que o jovem informante atribui a esses como sendo os responsáveis pela tomada de consciência que o faz se reconhecer como um trabalhador da pesca “diferente” em sua profissão, o que evidencia que, do ponto de vista da formação da identidade pescadora, a construção desses elementos (conhecimentos, práticas e técnicas) relacionados ao exercício da pesca, também vai permitindo aqueles que realizaram o curso de Aquicultura perceberem-se como sujeitos pertencentes a um ofício em comum, que é a pesca, em oposição a ofícios outros, diferentes. A esse respeito, Rodrigues (2012, p. 139b) comenta que; a construção de novos conhecimentos, práticas e técnicas:

[...] relacionados ao exercício do trabalho dos pescadores possibilita a [...] formação identitária de sujeitos que desenvolvem um tipo especial de ofício em oposição a ofícios desempenhados por contingentes outros de trabalhadores, o que lhes permite perceberem-se como semelhantes a partir do que fazem.

É percebendo-se como sujeitos semelhantes a partir do que fazem, que a afirmação feita a seguir pelo Informante A, corrobora para entendermos que a formação da identidade pescadora nos jovens que se encontram afiliados a Colônia Z-16 de Cametá

[...] ela sofreu sim modificações. Não vou [...] dizer que antes da gente fazer o curso a gente não era nem menos, nem mais pescador, porque a gente já pescava, a gente já sabia pescar, a gente já se via como pescador. Mas com o curso, a nossa maneira de ver a pesca ela mudou sim [...], o nosso trabalho, depois que a gente passou a usar os novos conhecimentos, e também as novas práticas e as novas técnicas lá do curso, ele ficou diferente [...] ficou modificado, hoje eu me entendo como pescador pelo que eu sabia antes [mas também] pelo que eu aprendi depois lá no curso.

Tomando os jovens pescadores enquanto sujeitos que compreendem e reconhecem as transformações que o curso técnico em Aquicultura trouxe para suas práticas e, conseqüentemente, para as suas vidas, diríamos que, no que tange a identidade desse sujeitos, essa, enquanto resultado das interações que vão sendo estabelecidas entre aqueles (os jovens) e os diversos ambientes com os quais interagem⁶⁷, vai se formando por meio de um processo complexo de amalgamação de conhecimentos sistematizados e saberes tradicionais; técnicas científicas e macetes artesanais; aprendizados teóricos e práticas empíricas, que postos em ação na sempre tentativa de amenização das durezas de um trabalho que não raras vezes tende a lhes fragilizar física e humanamente, vai consolidando marcas, características e qualidades, que em seus processos interacionais junto a outros pescadores, vai fazendo com que reconheçam que o domínio de um conjunto de conhecimentos outrora adquiridos em um espaço outro diferente do ambiente onde o trabalho da pesca se efetiva, hoje é o que lhes permite materializar pescas bem sucedidas e, conseqüentemente, que se identifique como pescadores “[...] as vezes até mais que outro pescador [...],” como nos relato o Informante E:

Olha, do meu ver, hoje eu me reconheço como pescador as vezes até mais que outro pescador, porque com o a qualificação que eu tive pro meu trabalho no curso de Aquicultura, têm assim; noções, tem técnicas, tem macete, como já te falei, que tem que eu uso de um jeito que tem outros pescador que não sabe usar porque não foi fazer o curso. É conhecimento e prática assim, que transforma à minha maneira de pescar que as vezes o pessoal lá da boca do rio fala: – mais Miza tu tem sorte pra pegar peixe – e eu falo: – não é sorte, é que as vezes eu uso uns

⁶⁷ No caso da presente pesquisa, em especial os ambientes formados pelos rios onde a pesca e, conseqüentemente, os saberes se desenvolvem, e os espaços formais de educação onde adquirem os conhecimentos, práticas e técnicas diferentes dos saberes.

conhecimentos meus do curso que eu fiz, que me ajuda no meu trabalho, que faz a diferença pra mim [...] (INFORMANTE E).

No que diz respeito as atribuições feitas pelo informante E ao curso de Aquicultura como sendo uma qualificação que o permite se auto reconhecer, ou seja, se auto identificar como pescador “[...] *as vezes até mais que outro pescador [...]*”⁶⁸, valido é aqui destacar que o que está por trás dessas atribuições, não é o simples fato desse sujeito ter feito o curso de Aquicultura e a ele (ao curso) atribuir todos os sucessos e insucessos que por ventura venha a ter nas atividades cotidianas da pesca. Para além disso, o que a fala destacada acima está a revelar é que as atribuições feitas são fruto sim do uso corrente de um conjunto de conhecimentos e práticas cientificamente construídas e acumuladas em uma instituição formal de ensino, e que, posteriormente adquiridas por sujeitos pescadores, como no caso dos jovens aqui pesquisados, são aplicados no processo tradicional do trabalho da pesca, o que vai lhes permitindo materializar pescarias bem sucedidas que do ponto de vista do auto reconhecimento como sujeitos da pesca, vai lhes possibilitando a construção de um processo de auto identificação do se sentir pescador “[...] *as vezes até mais que outro pescador [...]*”⁶⁹.

Com efeito, enquanto processo que está a permitir uma auto identificação do sentir-se pescador entre os jovens por nós investigados, válido é aqui observar que, no que tange ao dinâmico processo de formação de identidade pescadora desses sujeitos, a qualificação por eles adquirida com o curso de Aquicultura, lhes permitem se auto reconhecerem como pescadores, não porque, diferentes de pescadores outros que não fizeram o curso de Aquicultura, dominam de maneira unilateral no plano teórico, e somente nesse, um conjunto de conhecimentos científicos, técnicas e práticas sobre a pesca, mas sim porque, para além da unilateralidade teórica, conseguem aplicar aqueles – conhecimentos, técnicas e macetes científicos – de maneira teórica mas também prática no dinâmico processo da pesca, conseguindo assim capturar, não raras vezes, uma maior quantidade de peixes, isso porque, diante das dificuldades enfrentadas com o trabalho da pesca, transformam esse (trabalho) em atividades que ao moldes da práxis (Vázquez, 2011) lhes permitem superar

⁶⁸ Informante E

⁶⁹ Idem.

algumas dificuldades por horas vividas e assim ter sucesso na pesca, o que, em termos de identidade, vai fortalecendo os determinantes que os identificam e, assim, fazendo com que se auto reconheçam como pescadores e com que esse auto reconhecimento também seja partilhado por outros pescadores como já salientara o Informante E, quando relatara no trecho acima que:

[...] as vezes o pessoal lá da boca do rio fala: – mais Miza tu tem sorte pra pegar peixe – e eu falo: – não é sorte, é que as vezes eu uso uns conhecimentos meus do curso que eu fiz, que me ajuda no meu trabalho, que faz a diferença pra mim [...] (INFORMANTE E, grifos nossos).

Em linhas gerais, o que está a ficar claro então é que para além de uma identidade pescadora que por hora se forma unicamente a partir dos saberes do trabalho da pesca, está a se formar uma outra identidade que; dialeticamente resultante não só dos saberes mais também dos conhecimentos, práticas e técnicas adquiridos com a Aquicultura, está a conduzir os jovens que aqui investigamos, a um processo de reconfiguração de identidade pescadora que agora além dos saberes, incorpora outros elementos que mesmo adquiridos em espaços diferentes do ambiente prático da pesca, não deixam de com esse se relacionar a partir de um processo de adaptação, adequação e reformulação de conhecimentos e, conseqüentemente, transformação do trabalho e da identidade que com esse nasce.

É nesse sentido que o jovem pescador aqui identificado como Informante B nos revela que:

Na lida diária da pesca, os conhecimentos usados pra pescar mesmo, eles não são só aqueles que a gente aprendeu vivendo o dia a dia da pesca, aqueles que agente aprendeu fazendo, como eles dizem por ai, mas também tem aqueles que agente aprendeu lá no curso, como por exemplo um que eu uso que é a posição mais deitada da linha⁷⁰ pra ferrar mapará⁷¹, que é um conhecimento que eu passei a usar, porque é assim, eu já ferrava mapará antes do curso, ai lá na Ponta do Luciano⁷² tem um poço que dá muito mapará e eu já ia pra lá ferrar esse peixe, depois do curso eu só passei a usar a minha linha mais deitada como eles ensinaram, e tu sabe que é mais fácil pra gente ferrar

⁷⁰ Linha de pesca.

⁷¹ Mapará (*Hypophthalmus adenatus*): peixe encontrado nas águas do município do Baixo Tocantins, entre eles, Cametá (DIAS, 2007, p.63).

⁷² “Ponta do Luciano” é uma vila de pescadores pertencente ao município de Cametá e fica localizada aproximadamente 12 km ao norte da cidade.

ele! (o mapará) [...], tá certo que essa prática eles ensinaram que é pra ti ferrar tilápia, xaréu, esses peixes, mas como eles (a tilápia e o xaréu) não dão na nossa região, porque é, são peixe de água salgada, eu experimentei usar na ferragem do mapará e deu certo!

Como está a demonstrar a fala acima, o trabalho da pesca dos jovens que realizaram o curso de Aquicultura, está a ser conduzido, na prática, tanto pelos saberes empiricamente adquiridos, ou seja, aqueles que foram se formando nos jovens por meio do processo do “aprender fazendo”, como também, pelos conhecimentos cientificamente formulados por um instituição formal de ensino que hoje aplicados no processo prático da pesca, por meio de uma readaptação ao contexto e ao tipo de pescado que se quer capturar, – como no exemplo acima de uma prática que foi ensinada tendo como foco a captura de tilápia e xaréu e após ser reconfigurado a realidade local passou a ser usado na captura do mapará –, vai permitindo a materialização de experiências pesqueiras bem sucedidas, o que demonstra que, em termos de identidade que do trabalho da pesca nasce, essa, (identidade) também está a se formar com os conhecimentos, práticas e técnicas repassadas através do curso de Aquicultura, isso porque, ao se fazerem presentes na ação efetiva da pesca, não só mudam a maneira, a dinâmica e a ação real do como e o do que jeito de pescar, mas também transformam o comportamento, a postura e assim, a identidade dos sujeitos que pescam, pois os conduzem a um processo de valorização de quem são e a partir do que se reconhecem.

Para melhor elucidar o que até aqui já viemos discutindo, a seguir, elaboramos um quando que demonstra alguns dos conhecimentos, conhecimentos técnicos e conhecimentos práticos que, adquiridos pelos jovens no curso de Aquicultura e hoje incorporados ao trabalho da pesca, são compreendidos, a partir de nossas análises, como elementos presentes na prática da pesca e, portanto, formadores, junto com os saberes sociais, da identidade que aqui tomamos como pescadora.

QUADRO 1 – Conhecimentos, conhecimentos técnicos e conhecimentos práticos usadas como elementos de formação da identidade pescadora

	TRECHOS DE FALA DOS INFORMANTES
CONHECIMENTOS	<p>[...] vamos supor, eu sabia concertar uma malhadeira, mas não conhecia cientificamente o tipo de nó que eu dava, o tipo de fibra que é mais adequada pro tipo e também tamanho do peixe que eu quero pegar, tudo isso é conhecimento que eu aprendi lá, e uso hoje na minha profissão [...] (Inf. A).</p> <p>[...] pra pegar o camarão [...] antigamente a gente utilizava o nylon fino, então a gente pegava muito camarão miúdo, entendeu? Já com o conhecimento que eu tive no curso, a gente já utiliza o nylon mais grosso, a gente pega só o camarão já GRAUDO (Inf. B).</p>
CONHECIMENTOS TECNICOS	<p>[...] quanto a questão da pesca artesanal, o curso ajudou muito, porque hoje a gente usa várias técnicas preservacionista, questão de não contar as arvores que ficam nas margens dos rios e dos igarapés pra evitar que caía a terra na beira dos rios. Essa é uma técnica que eu aprendi e uso (Inf. D)</p> <p>[...] lá na nossa ilha a gente tem uma criação de peixe. Então pra ti ter uma boa produção de peixe quando tu cria ele, é preciso tu ter todo um estudo, todo um equipamento pra ti acompanhar aquela criação. No nosso caso que é uma região pobre, que a gente não faz grandes criação de peixe, como é o caso de alguns lugares aí pra fora, a gente vai usando algumas técnicas que ajudam a melhorar o controle do tanque, a melhorar a nossa produção, como por exemplo a técnica do roteamento de tanque, que é quando tu vai mudando os peixe de um tanque para o outro [...] Essa técnica foi o professor lá do curso que ensinou pra gente (Inf. D).</p>
CONHECIMENTOS PRÁTICOS	<p>Uma pratica que desde o tempo do curso eu venho usando no meu tralho e que tem dado certo é a prática de usar o espinhel duas ou duas e meia braça de distância do fundo, do sedimento, como a gente fala [...] (Inf. C).</p> <p>Pra te falar a verdade, a pratica do emboiamento da malhadeira é uma pratica que eu aprendi no curso e tenho usado no meu dia a dia (Inf. D).</p>

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Tomando o quadro acima, o que se está a observar, é que hoje, são vários os conhecimentos, os conhecimentos técnicos e os conhecimentos práticos adquiridos no curso de Aquicultura e usados pelos jovens que o fizeram, no trabalho artesanal

da pesca, o que demonstra que, em termos de identidade pescadora, os determinantes que estão a formar essa, não estão a se sustentar apenas nos saberes sociais, que de forma artesanal, são gerados e materializados no bojo laboral dessa atividade, mas estão a se estruturar também com os conhecimentos, técnicas e práticas que, como já enfatizado aqui, buscado e adquiridos no curso de Aquicultura pelos jovens pescadores, cada vez mais estão a ser fazer presentes no cotidiano prático-laboral desses sujeitos.

É por isso que, continuar a avançar na compreensão da relação entre saberes do trabalho da pesca e conhecimentos técnicos científicos adquiridos no curso de Aquicultura, não só é imprescindível para a presente pesquisa; pois nos permitirá ampliar a discussão que até aqui já viemos fazendo; como também se coloca como necessário, pois, no movimento de nossas análises, continuará a nos proporcionar a possibilidade de entender, a partir das relações reais mantidas pelos jovens e o mundo que os cerca, como a identidade pescadora, vem se manifestando não só como produto do trabalho da pesca, mas também, como resultado concreto de um conjunto de relações.

4.3 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PESCADORA ENQUANTO RESULTADO DAS RELAÇÕES REAIS DOS JOVENS E A CONCIÊNCIA AMBIENTAL

Tomando a afirmação de que “[...] os homens, ao desenvolverem sua produção material e relações materiais, transformam, a partir de sua realidade, também o seu pensar e os produtos do seu pensar [...]” (MARX & ENGELS, 2009, p. 52), enfatizamos aqui que as produções materiais⁷³ que levaram os jovens pescadores da Colônia Z-16 de Cametá a transformarem, a partir de uma leitura crítica de suas próprias realidades, suas concepções, maneiras e formas de se identificar no trabalho, foram, entre outras, as desencadeadoras de uma transformação, que a nível cognitivo, produziu nesses sujeitos uma consciência da necessidade da busca, no Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá), por uma formação que

⁷³ Aqui estamos a considerar como produções materiais que levaram os jovens egressos a transformarem o seu pensar e os produtos de seu pensar: a pauperização que o trabalho da pesca vem sofrendo na região devido a constante diminuição do pescado, as péssimas condições de trabalho que cotidianamente enfrentam na realização de seu ofício, as ações devastadoras de um modelo de trabalho, que pautado em práticas tradicionais, causa um efeito negativo no meio ambiente, etc.

lhes permitissem estabelecer uma nova relação com o mundo do trabalho da pesca, isso porque, já vinham compreendendo que hoje

[...] você ter a consciência de preservar; [...] de saber plantar sem prejudicar o meio ambiente, saber criar sem prejudicar o meio ambiente [...], ter o conhecimento e poder ajudar assim, outras pessoas a ter os mesmos conhecimentos, é [...] [crucial] para o desenvolvimento de um trabalho que agride menos a natureza e também [...] a vida de todos nós pescadores (INFORMANTE A).

Em outras palavras, para os jovens pescadores, buscar desenvolver práticas que como efeito tenham um menor impacto sobre a natureza e, conseqüentemente, sobre a produção da vida de todo o grupo social dos pescadores, é condição necessária para o estabelecimento de um equilíbrio socioambiental entre os trabalhadores que vivem da pesca e o ambiente natural com o qual cotidianamente se relacionam, isso porque, entendem que a maneira como vem sendo estabelecida as relações de trabalho no cotidiano da pesca, vem tendo como conseqüência um desgaste, no qual, a extinção e, conseqüentemente, a escassez de algumas espécies de peixes, progressivamente, vem se tornando uma realidade sentida por todos os pescadores, mas de maneira ainda mais impactante, entre os jovens, que hoje, ao iniciarem a construção de suas vidas a partir do ofício da pesca, encontram um maior grau de dificuldade por não terem vivido as farturas que outrora os pescadores mais antigos viveram com a pesca, e por isso, passam a sentir de maneira mais intensa os efeitos de uma realidade que cada vez mais se apresenta escassa dos recursos naturais imprescindíveis a manutenção e desenvolvimento de suas vidas, como nos esclarece o Informante B, quando indagado sobre os motivos que o levaram a fazer o curso de Aquicultura:

[...] eu já observava que o rio estava ficando escasso, uma vez que eu saía as vezes e já não conseguia pegar mais os peixes, e com os contes (com as histórias contadas) do meu pai e do meu avô, da fartura que era antes, então, eu já ficava imaginando, se, na época do meu avô era farto, na época do meu pai, ele já veio contando que essa fartura já veio diminuindo, agora, na minha (época), já não se vê tanto o mapará, que era o peixe alvo da época, então, não é só o mapará que pode faltar, outros peixes estão faltando, eles falavam, o meu pai e o meu avô, de espécie de peixe que eu não conheço, eles falavam, e até hoje eles falam, de certos tipos de peixes que tinha lá no rio, que eu só vejo em livro, ver ele, no curso de Aquicultura, que eles falavam lá, então, naquela região, daquela ilha lá, ele,

praticamente desapareceu, então, com o curso eu já visava isso [...].

Tomando por base essas informações, é possível conceber a compreensão que os jovens pescadores aquicultores têm de sua própria realidade, como construtora de uma consciência crítica da necessidade de práticas, técnicas e concepções inovadoras sobre o trabalho da pesca, o que demonstra que o curso de Aquicultura para esses sujeitos não é simplesmente uma qualificação que pode lhes fornecer um conjunto de ferramentas para que assim possam tentar se integrar no mercado de trabalho, mas é antes de tudo, uma formação, que compreendem ser necessária ao trabalho que realizam, isso porque, segundo o Informante D, lhes ajuda “[...] a aprender várias técnicas preservacionista, como; não cortar as árvores que ficam nas margens dos rios e dos igarapés pra evitar que caia a terra na beira dos rios [...]”, e continua, “[...] Então, são técnicas que a gente aprendeu, e contribui muita para o desenvolvimento do nosso trabalho do dia a dia”.

Em termos Meszarianos, o que analiticamente fica claro, é que o curso de Aquicultura, para os jovens pescadores, é uma formação que lhes permite atuar de maneira mais consciente no desenvolvimento do trabalho da pesca, o que revela que esses sujeitos tomam tal formação como uma qualificação para a vida e não para o mercado de trabalho (MÉSZÁROS, 2008), isso porque, reconhecem que o curso que fizeram no Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá) lhes permitiu adquirir um conjunto de conhecimentos que, aplicados em suas realidades, vem lhes possibilitando o estabelecimento de práticas de caráter preservacionista, o que demonstra que hoje esses jovens assumem com o trabalho que executam, posturas mais humanas e socialmente comprometidas com a preservação do ambiente natural com o qual se relacionam.

Do ponto de vista da formação da identidade pescadora, essa postura mais humana e socialmente comprometida com a preservação do ambiente natural, demonstra que os jovens pescadores, ao assumirem o curso de Aquicultura enquanto possibilidade real de construção de uma formação mais humano-social de interação com o mundo do trabalho da pesca, estão a assumir subjetivamente novas formas de pensar e problematizar a realidade, o que revela que na totalidade, não estão mais a se identificar com as antigas e tradicionais práticas usadas na execução do ofício da

pesca, mas estão sim a construir, uma nova maneira de pensar, se relacionar, lhe dá e se identificar com o mundo do trabalho, entendendo que os conhecimentos técnicos-científicos que são oferecidos no curso de Aquicultura, pode lhes possibilitar novas alternativas às antigas ações que a atividade da pesca exigem.

Dialeticamente, essa nova formas de pensar, se relacionar, lhe dá e se identificar com o mundo do trabalho, estaria correlacionado a afirmação de que “[...] as circunstâncias fazem os homens tanto quanto os homens fazem as circunstâncias” (MARX & ENGELS, 2009, p. 59), o que implica afirmar que as circunstâncias encontradas pelos jovens e que por hora lhes determinavam uma maneira de se identificar com o mundo do trabalho da pesca lhes despertaram a necessidade da busca por outras alternativas para que assim pudessem mudar as circunstâncias encontradas e conseqüentemente a maneira como, a partir dessas, se identificam.

4.4 O CURSO DE AQUICULTURA E AS TRANSFORMAÇÕES DE COMPORTAMENTOS, POSTURAS E IDENTIDADE PESCADORA

Partindo do pressuposto de que, ao longo dos anos, os jovens afiliados à Colônia Z-16 de Cameté vêm sofrendo um intenso processo de reconfiguração de identidade pescadora decorrente da pauperização que o trabalho da pesca tem sofrido na região, o que tem contribuído para que esses sujeitos busquem, em outros espaços, estratégias de uma formação de identidade pescadora utilizando-se de elementos outros que estão para além do universo da pesca, como por exemplo, os conhecimentos técnicos-científicos sistematizados e ensinados no curso técnico de Aquicultura, nessa subseção, buscaremos discutir, como os conhecimentos adquiridos no curso de Aquicultura que estão presentes no cotidiano prático da pesca dos jovens aqui investigados, estão a transformar os comportamentos, posturas e, conseqüentemente, a identidade que esses sujeitos assumem como pescadora.

Tomando como ponto de partida a constatação de que, a identidade pescadora se revela como fenômeno, que em sua formação, não resulta apenas das relações laborais que ao longo das jornadas de trabalho da pesca vão sendo estabelecidas entre os jovens por nós pesquisados e o conjunto de saberes que compõe o mundo do trabalho da pescar por eles vivenciado, mas resultam sim, de um processo de múltiplas determinações, que no movimento histórico interacional desses sujeitos, vão

sendo somadas a outras experiências que adquirem em suas vidas sociais (BOGO, 2010), de modo que nesse movimento ocorrem amalgamações que vão transformando comportamentos, posturas e a própria identidade pescadora desses sujeitos. Perguntamos ao Informante D, que mudanças ocorreram em suas práticas de trabalho, antes e depois de fazerem o curso técnico de Aquicultura, ao passo que esse nos respondeu:

*[...] **antes** de fazer o curso, eu via de uma forma a questão da pesca: Quando eu ia pescar, eu pescava com meu tio né, a gente utilizava a malha fina, pra mim não importava se era malha fina ou grossa, eu não tinha essa preocupação, só queria saber de pegar o peixe, hoje eu tenho consciência de que se eu pegar um peixe com essa malha cinco, eu to tirando um peixe do rio que ainda nem teve a desova, que ainda nem teve a primeira reprodução no rio, então se continuar pegando peixe com a malha cinco vai ter um tempo que essa espécie de peixe vai acabar porque ele ainda nem fez sua primeira reprodução. Hoje não, **depois** que eu fiz o curso, passei a ter a consciência de que se eu utilizar uma malha maior, além de eu pegar um peixe maior, eu vou está evitando de pegar um peixe que ainda não está pronto para o abate, vamos dizer assim. Outra questão também é sobre o manuseio do peixe, [...]. Antigamente a gente não tinha assim uma questão de higiene, colocava o peixe em qualquer lugar, não se importava muito com isso, depois que eu fiz o curso eu já evito deixar o peixe em qualquer lugar, deixar exposto em locais onde esteja muito comprometido, agora eu procuro um lugar mais higiênico.*

Das informações acima expostas, duas análises podem serem feitas. Uma primeira, que a nível das aparências (cf. KOSIK, 2002), revela que após terem realizado o curso técnico de Aquicultura, os jovens que hoje mantêm relações com o mundo do trabalho da pesca, passaram a ter uma maior consciência de que a utilização de certos apetrechos de pesca, como a malhadeira número cinco, se constitui em ação prejudicial a manutenção da reprodução dos peixes, isso porque, é um artefato capaz “[...] de capturar o pescado pequeno (miúdo), impedindo dessa forma, a sua reprodução” (CORREA, 2014, p. 88-89), o que, no plano da objetividade, ou seja, do comportamento, mostra que a formação adquirida no curso foi lhes imprimindo mudanças fundamentais de posturas e atitudes diante do trabalho da pesca, despertando-lhes a consciência de que, se continuarem “[...] pegando peixe

com a malha cinco, vai ter um tempo que essa espécie de peixe vai acabar porquê [...] ainda nem fez sua primeira reprodução”⁷⁴.

E uma segunda análise que, buscando ir além das aparências (cf. KOSIK, 2002), mostra, que ao mudarem suas posturas e atitudes diante do trabalho da pesca, ou seja, suas relações comportamentais, os jovens não estão a modificarem objetivamente somente suas ações, mas estão a transformar subjetivamente, também, quem são e, por conseguinte, como se reconhecem diante da realidade, isso porque, ao tomarem consciências, com o curso de Aquicultura, que algumas práticas utilizadas no trabalho da pesca estão a comprometer a reprodução de algumas espécies de peixes, deixam de usar certos artefatos de pesca, como a malhadeira número cinco, e passam a usar outros (como a malhadeira malha grossa ou malha seis), que “[...] além de [...] pegar um peixe maior, [...] evita [...] pegar um peixe que ainda não está pronto para o abati [...]”, e nesse processo de negação e afirmação de práticas, vão produzindo transformações, que, ao moldes da práxis revolucionária (cf. VÁZQUEZ, 2011), vão se efetivando não só nas relações que se estabelecem a nível do efetivo executar do ofício de pescador, mas também na própria forma como se identificam enquanto trabalhadores da pesca, isso porque, ao mesmo tempo que negam o uso de um apetrecho do universo da pesca que ajuda a construir a identidade pescadora, como a já citada aqui, malhadeira número cinco, também afirmam o uso de um outro artefato, a malhadeira malha grossa ou malha seis, que também estando ligado ao universo da pesca, reforça quem são porque mantém em equilíbrio os elementos que constituem a sua identidade.

Dito de outra forma. Visto a partir do ponto de vista da coletividade dos jovens pescadores-aquicultores, o que o trecho de fala destacado acima está a revelar é que esses sujeitos que constroem suas vidas a partir de um ofício em comum que é a pesca, após realizarem o curso técnico de Aquicultura, passam a desenvolver novas posturas e atitudes diante do trabalho da pesca que, materializados em ações resultantes das transformações de comportamento que o contato com o curso de pesca trás, acaba por revelar a necessidade de uma atuação mais crítica e reflexiva como, quando passando a tomar a atitude de, após a captura dos peixes, evitar deixá-los “[...] em qualquer lugar, [...] exposto em locais onde esteja muito comprometido

⁷⁴ Informante D.

[...]”⁷⁵, demonstrando assim, que após o curso realizado, não apenas novas posturas e atitudes foram surgindo, mas também uma nova consciência que objetiva e subjetivamente formada, agora a partir dos novos conhecimentos formalizados e sistematizados pelo curso em questão, passa a se fazer presente nas ações, reflexões e práticas empregadas cotidianamente no ofício de pescador desses sujeitos.

Visto sob o ponto de vista da formação de identidade pescadora, o que isso vem demonstrar é que, para além da ampliação de suas atuações no mundo do trabalho da pesca, os jovens que fizeram o curso técnico de Aquicultura, estão a desenvolver uma nova postura diante do trabalho que executam e, conseqüentemente, uma nova consciência que lhes permite uma atuação mais crítica e reflexiva para com suas próprias ações e de seu grupo social, os pescadores.

Dialeticamente, essa nova postura e essa nova consciência resultam não só dos conhecimentos formalizados e sistematizados que os jovens pescadores adquiriram no curso de pesca oferecido pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá), mas resulta também, das leituras de mundo que esses sujeitos fazem da sua própria realidade, pois, são jovens que apesar de inseridos em um universo peculiar, o ribeirinho, convivem com a materialidade de uma vida que, não raras vezes, os conduzem ao reconhecimento de que as formas hoje postas de se relacionar são maneiras que tendenciosamente tem conduzido os homens ao esgotamentos das reservas, quer essas sejam naturais, biológicas e também sociais, e é por isso que esses jovens reconhecem a necessidade do estabelecimento de práticas sociais mais humanas entre os pescadores e o meio que os rodeiam, isso porque, é dessa relação que os pescadores garantem a subsistência, e portanto, precisam ser encaradas com novas posturas e novas práticas.

[...], bom, a minha ação, o meu trabalho, a minha maneira de entender como deve ser a pesca hoje, ela é outra, é diferente da do pessoal que não tem os conhecimentos do curso [...]. Só que também tem uma coisa. Se hoje eu vejo a pesca com outros olhos, não foi só porque eu fiz o curso da Escola Tecnológica, mas também porque eu já entendia, [...] [a partir] da nossa vida mesmo de morador da ilha, que hoje na ilha, e não é só lá (na ilha) parece que o homem tem a tendência de querer acabar com tudo que existe no mundo, porque olha só, [...] acaba com os peixes, com o rio, com as florestas, e por fim ele destrói ele mesmo [...] então, é por isso que a gente não deve ficar de

⁷⁵ Idem.

braços cruzados pra isso, a gente tem que procurar outros meio pra lutar, pra entender a nossa realidade, e pra isso, agente tomar outras atitudes, outras maneiras pra trabalhar na nossa realidade é sempre necessário porque é do rio, é da pesca artesanal, dessa pesca que passa de pai pra filho, que a gente tira o sustento da nossa família (INFORMANTE C).

Com efeito, com uma forma de produzir a vida ainda alicerçada em moldes bastante tradicionais, dos quais o extrativismo familiar e a pesca artesanal são formas mais expressivas, o que os jovens da Colônia de Pescadores Artisanais Z-16 de Cametá que fizeram o curso de Aquicultura estão a reconhecer é que hoje, há a necessidade da mudança das antigas práticas que pautadas no modelo consumista de exploração, elevam ao máximo a degradação da natureza e do próprio homens. Reconhecem a necessidade da mudança, não simplesmente porque agora dominam o conhecimento técnico-científico oferecido por uma instituição formal de ensino, mas porque e principalmente, antes mesmo de buscarem uma qualificação com o curso de Aquicultura, já sentiam no cotidiano pratico de suas atividades laborais, os impactos de uma natureza esgotada e escassa, pois já não conseguiam achar peixes com maiores facilidades tendo que passar mais tempo no rio, já percebiam que para capturar os pescados tinham que ir buscar esses em áreas do rio cada vez mais profundas, etc.

Essa nossa consciência de que o peixe tá acabando, de que o rio tá secando, de que não existe mais um rio fundo onde o peixe possa desovar, é um consciência nossa mesmo, a gente vive isso dia e noite no nosso trabalho, a gente sente isso na pele quando, [por exemplo], a gente passa cada vez mais tempo no rio pra achar o peixe, quando a gente tem que ir pescar em partes do rio onde a gente não precisava ir antes, essas coisas (INFORMANTE B).

Fazendo uma relação entre essa nova postura dos jovens e a formação de sua identidade pescadora, o que ontologicamente fica claro é que, esses sujeitos, por serem conhecedores das durezas e dificuldades de se tentar garantir as condições mínimas necessárias de subsistência através do trabalho da pesca, ao adquirirem os novos conhecimentos da área da Aquicultura vão internalizando um conjunto de novos métodos e técnicas, que, quando aplicados no efetivo trabalho da pesca, transformam não só o meio ambiente em que vivem, mas também quem são.

É, apesar da gente não precisar, vamos dizer assim, do curso da escola tecnológica pra gente perceber as dificuldades do nosso trabalho, a gente também percebe que ele ajuda muito na nossa profissão, no nosso dia a dia: ajuda a melhorar as nossas práticas, o nosso trabalho mesmo, e também ajuda a gente, vamos dizer assim, ser uma outra pessoa, porque a gente aprende umas coisas que a gente fazia erra, como por exemplo, a pesca com malhadeira muito fina, a desmatagem dos aturiá⁷⁶ da beira do rio, e depois a gente aprende a fazer o certo [...] aprende que essas coisas que não são boas pro nosso ambiente lá da ilha (INFORMANTE C).

Nesse sentido, os conhecimentos e técnicas adquiridos no curso vão provocando, no movimento da aprendizagem dos jovens, transformações não somente no plano objetivo de suas ações, mas também no plano subjetivo, pois operam mudanças tanto em âmbito imediato das ações desses sujeitos, como por exemplo; não pescarem com rede de pesca malha fina ou desmatarem as margens dos rios porque isso provoca a erosão e assoreamento; quanto em âmbito mediato, isso porque à medida que as mudanças imediatas vão ocorrendo, esses sujeitos também vão se transformando, tornando-se em trabalhadores da pesca mais conscientes da necessidade da construção de uma realidade, a menos inóspita possível, reconhecendo assim, que há a urgência de uma efetiva mudança das antigas práticas de trabalho por outras que agridam menos a natureza, o que os tornam críticos de suas próprias ações e, conseqüentemente, com marcas e características mais humanizadas diante da realidade por eles experimentada.

Enquanto críticos de suas próprias ações; suas práticas laborais, seus saberes e suas habilidades aprendidos no cotidiano pratico do trabalho da pesca, também vão se potencializando, agora com um conjunto sistematizado de conhecimentos adquiridos num espaço formal de educação, o que revela, que à medida que essas práticas laborais, saberes e habilidades potencializam-se, reforçam a marca social que os identifica, a saber, a identidade pescadora, isso porque os novos conhecimentos que se somam resultam de uma qualificação que de maneira direta ou indireta estão ligados ao trabalho que em comum executam os pescadores, como revela o Informante A quando expõe que

⁷⁶ Aturiá: vegetação espinhosa e de folhas miúdas muito comum nos arredores de nossas ilhas (DIAS, 2007, p. 63).

[...] o que eu sei hoje, é resultado de uma soma dos conhecimentos que eu já sabia da pesca com o conhecimento que eu busquei lá no curso da Aquicultura. É porque é assim, esses (conhecimentos) que eu adquirir lá no curso, por terem, assim, muito a ver com a realidade mesmo da pesca eles acabam se juntado, se somando com um outro conhecimento que a gente já sabia [...].

Visto por esse prisma, o que vai ficando claro então é que, em certa medida, esses novos conhecimentos adquiridos pelos jovens pescadores e, que se somam as suas práticas laborais, saberes e habilidades, como enfatizado anteriormente, estão, no movimento histórico de suas formações, reforçando uma identidade que os marca socialmente enquanto trabalhadores da pesca, porque os diferencia de outros sujeitos, que também construindo suas marcas identitária pelo trabalho, como por exemplo; o operário, o taxista, o professor, se reconhecem e identificam o grupo social a qual pertencem a partir da atividade pratica que em comum executam, mas não só isso, os identificam socialmente como trabalhadores da pesca, também por provocar nesses (nos jovens) uma maior aproximação com o universo do trabalho da pesca, pois os novos conhecimentos que adquiriram os tornam ainda mais habilitados a executarem as suas atividades pesqueiras, porque agora conhecem não só empiricamente, mas também cientificamente as bases teóricas nas quais as relações do trabalho da pesca se fundamentam, o que os permitem aturem de forma mais consciente e socialmente responsáveis no espaço onde trabalham.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, que teve como objeto de análise, a formação da identidade pescadora de jovens que hoje, egressos do curso técnico de Aquicultura, encontram-se afiliados a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa mantendo relações com o mundo do trabalho da pesca, foi desenvolvido a partir do problema de pesquisa que como questionamento refutou: os jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z- 16 de Cametá- Pa, que fizeram curso técnico de Aquicultura oferecido pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá) e hoje mantem uma relação com o mundo do trabalho da pesca, utilizam os conhecimentos sistematizados e adquiridos em tal curso como elementos de formação da identidade pescadora, potencializando tal identidade ao relacionar esses conhecimentos aos saberes produzidos e aprendidos no cotidiano da pesca?

Objetivamente, de modo geral, o que buscamos com a problematização acima exposta, foi analisar, como os conhecimentos técnicos-científicos do curso de Aquicultura, bem como, os saberes do trabalho da pesca, estão a corroborar com a formação de uma identidade pescadora dos jovens que hoje mantem uma relação com o mundo do trabalho da pesca. No específico; além de buscar identificar, quais os conhecimentos técnicos-científicos adquiridos no curso de Aquicultura e também quais os saberes do trabalho da pesca estão participando da formação da identidade pescadoras dos jovens, também almejou-se; compreender, através da materialidade histórica e concreta desses sujeitos, como os conhecimentos do curso técnico em Aquicultura juntamente com os saberes do trabalho da pesca, formam a identidade pescadora, bem como também; analisar essa formação de identidade enquanto fenômeno resultante de conhecimentos construídos quer no espaço de uma instituição formal de ensino, quer no cotidiano prático do trabalho da pesca.

Como estratégia adotada para atingir os objetivos acima traçados, elencamos como base epistemológica o materialismo histórico dialético, que tomado a partir da compreensão da formação da identidade pescadora como sendo um caso, serviu para a presente pesquisa como base teórica para que assim os dados empíricos pudessem ser analisados a partir das categorias totalidade, mediação, práxis e contradição, que orientando a manipulação dos dados, referenciaram e sustentaram as análises feitas.

No que tange os dados empíricos, a presente pesquisa considerou a formação da identidade pescadora a partir de dois aspectos: o saber social, que os jovens

desenvolveram e desenvolvem a partir do trato cotidiano com a pesca, e os conhecimentos técnicos-científicos, que buscados e adquiridos no curso de Aquicultura, hoje se fazem presentes em suas ações laborais, modificando e transformando quem são e a partir de que se reconhecem.

Assim, foi a partir dessas duas variáveis que a presente pesquisa evidenciou que, os jovens hoje, afilados a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cameté e, que, portanto, mantem relações como mundo do trabalho da pesca, ao compreenderem a materialidade desse mundo como sendo de natureza difícil, penosa e exigente, não estão a se manter passivos e imóveis diante da realidade de um ofício que os oprime e os degrada física e humanamente, mas ao contrário disso, estão a buscar sim, por meios diversos; alternativas outras; a exemplo de cursos e qualificações profissionais na área da pesca; que possam lhes permitir pensar, planejar e, assim, transformar e também mudar, suas atividades laborais da pesca em práticas que, do ponto de vista físico e humano, possam se tornar mais possíveis de serem realizados.

É nesse sentido que o curso de Aquicultura é apontado pelos sujeitos da presente pesquisa como meio pelo qual buscam possibilidades para transformar e, assim, tentar minimizar, os efeitos pífidos e desumanizantes do trabalho da pesca. Isso porque, compreende que a formação que adquirem em tal curso é aquela que estar a lhes dá elementos para que possam assim estar usando e, quiçá, transformando o trabalho com o qual se ocupam.

É diante disso, que afirmam que, a qualificação que adquiriram na área da pesca, não lhes serviu apenas para terem um certificado de técnica em Aquicultura para que assim pudessem vender sua força de trabalho no mercado local que absorve essa mão de obra “qualificada”, mas que para além disso, a qualificação que o curso de Aquicultura lhes proporcionou, veio lhes servindo como meio para que pudessem transformar suas próprias práticas artesanais da pesca em atividade que, a partir da incorporação de alguns elementos adquiridos durante o curso como; conhecimentos, técnicas e práticas aprendidos, lhes possibilitassem reconfigurar suas próprias atividades pesqueiras e, conseqüentemente, a identidade pescadora, que como produto desse processo de incorporação, nasce.

É assim que, enquanto identidade pescadora, que com a incorporação dos novos conhecimentos, práticas e técnicas, adquiridos no curso de Aquicultura, nasce, que o

dialético movimento de se auto reconhecer dos jovens, foi se modificando, fazendo com que esses se identificassem como pescadores, não mais única e exclusivamente a partir dos saberes que empiricamente construíram no trato cotidiano com o ofício de pescador, mas também, a partir do conjunto de conhecimentos e práticas que buscados e adquiridos no curso técnico de Aquicultura, hoje se fazem presentes em suas atividades, modificando e transformando seus processos de trabalho e, conseqüentemente, suas subjetividades e identidades.

Isso, em termos práticos revelou que, no plano das imediatricidades, a medida que a juventude pescadora, que realizou o curso técnico de Aquicultura, foi aplicando os conhecimentos, as técnicas e as práticas adquiridas com o curso, no processo laboral da atividade pesqueira com a qual cotidianamente se ocupam, também foram, no plano da mediaticidade, transformando e modificando suas atitudes, posturas, hábitos e ações, o que, em termos de identidade pescadora, mostrou que essa não é estática mais sim dinâmica, pois, enquanto produto de um agir, de um pensar e de um se relacionar, à medida que aquelas (suas atitudes, posturas, hábitos e ações), foram mudando, essa (identidade pescadora) também se modificou, revelando um identidade que se reconfigura e, portanto, se nutre de outros elementos, que não se restringem só aos saberes da pesca, mas também a outros conhecimentos adquiridos em outros espaços.

Foi assim que, enquanto identidade que além dos saberes da pesca, também se forma com conhecimentos outros adquiridos em outros espaços, no caso específico da presentes pesquisa, no curso de Aquicultura, que a identidade pescadora foi se revelando múltipla, imutável e socialmente produzida, uma vez que, resultando da amalgamação de um conjunto de elementos entre os quais os já citados aqui: conhecimentos, as técnicas e práticas e os saberes sociais da pesca; veio sendo construída (a identidade) no bojo interacional dos sujeitos, quer essas tenham se dado no trato cotidiano da pesca, como também nas relações familiares, nas interações com outros sujeitos, enfim, nos espaços formativos como; comunidades, igrejas, colônia de pescadores e nos curso e qualificações os quais buscam. Enfim, o que a pesquisa revelou, foi uma identidade que está em movimentos e enquanto tal estar a se reconfigurar a medida que novos aprendizados vão sendo adquiridos, incorporados e socializados pelos jovens sujeitos de tal identidade.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. -11ª. ed.-. Campinas,SP: Cortez, 2006.
- ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima. O marxismo e a pesquisa qualitativa como referência para investigação sobre educação profissional. In: ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima; RODRIGUES, Doriedson do Socorro (Orgs.). **A pesquisa em Trabalho, Educação e Políticas educacionais**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2012.
- ARAÚJO, Ronaldo Marcus de Lima; ALVES, João Paulo da Conceição. **Juventude, trabalho e educação: questões de diversidade e classe das juventudes na Amazônia**. In: VI Seminário Luso- brasileiro educação, trabalho e movimentos sociais. 2013, Lisboa. **Atas...** Lisboa, Universidade de Lisboa, 2013. p, 246- 258.
- ARANHA, Antônia Vitória S. **Relação entre conhecimento escolar e o conhecimento produzido no trabalho: dilemas da educação do adulto trabalhador**. Trabalho e Educação. Belo Horizonte: NETE/ FaE/ UFMG, n. 12, jan/jun, 2003.
- _____. **O conhecimento tácito e a qualificação do trabalhador**. Revista Trabalho e Educação, Belo Horizonte, n. 2, p. 12-30, ago./dez. 1997.
- ARROYO, Miguel. **Produção de saber em situação de trabalho: o trabalho docente**. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, nº1, p. 51- 61, periódico semestral. 2003.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2012.
- BARRA, José Domingos Fernandes. **A relação trabalho e educação no contexto dos acordos de pesca em Cametá/Pa: uma alternativa econômica ou uma prática de resistência?** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará. Instituto de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belém, 2013.
- BRASIL, Governo Estadual. **Plano de Desenvolvimento Regional Sustentável do Tocantins (resumo). Região de Integração Tocantins**. Consultoria Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, s/a.
- BENITE, Anna Maria Canavarro. **Considerações sobre o enfoque epistemológico do materialismo histórico-dialético na pesquisa educacional**. Revista Ibero-americana de Educação. n.º 50/4 – 25 de setembro de 2009.
- BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classe**. 2ª ed.- São Paulo: expressão popular, 2010.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BRANDÃO, Z. **Pesquisa em Educação: conversa com pós-graduandos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RJ; São Paulo: Loyola, 2002.

CARIA, Teimo H. **O uso do conhecimento: os professores e os outros**. Trás-os-Montes e Alto, 2002.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2006.

CRIVELLAR, helena. Qualificação formal, qualificação real. In: FIDALGO, Fernando e MACHADO, Lucília. **Dicionário de Formação Profissional**. NETE – Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação: Belo Horizonte, 2000. Disponível em: <http://www.iiep.org.br/modulos/mod001/docs/definicoes.pdf>. Acessado em: 23 jan de 2016.

DAMASCENO, Maria Nobre. **O saber social e a construção da identidade**. Contexto & Educação, UNIJUÍ, ano 9, n. 38, p. 19-39, abr./jun. 1995.

DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino. **A juventude no Brasil**. Serviço Social da Indústria (SESI), n. 30, 25-39, 1999. Disponível em: http://www.cmjbh.com.br/arq_Artigos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf. Acessado em: 09 nov de 2014.

DIAS, Altamir Sassim. **Raízes do Tocantins: a poesia como resgate da cultura cametaense**. Coleção Novo Tempo Cabano, v, IV. Cametá- Pará, 2007.

DUBAT, C. **La socialisation: construction des identités sociales et professionnelles**. Paris: Armand Collin, 1991.

_____, Clauder. **A crise das identidades: A interpretação de uma mutação**. – [Tradução Mary Amazonas Liette de Barros]. – São Paulo, 2009.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. – [Tradução B. A. Schumann]. – São Paulo: Boitempo, 2008.

EVANGELISTA, Olinda. Apontamentos para o Trabalho com Documentos de Política Educacional. In: ARAUJO, Ronaldo e RODRIGUES, Doriedson (Orgs.). **A Pesquisa em Trabalho, Educação e Políticas Educacionais**. Campinas: Alínea. 2012.

FIORENTINI, D.; SOUZA JR., J; MELO, G.F.A. **Saberes docentes: um desafio para acadêmicos e práticos**. In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar (Orgs.). Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a). Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998 (Coleção Leituras do Brasil).

FRANCO, Maria Ciavatta. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Orgs.) **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo, 2005.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Líber Livro, 2007.

FRANZOI, Naira Lisboa; Fischer, Maria Clara Bueno. **SABERES DO TRABALHO: SITUANDO O TEMA NO CAMPO TRABALHO-EDUCAÇÃO**. In: Revista Trabalhonestessario. Rio de Janeiro, NEDDATE, 2015, ano, 13, número, 20.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1983.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **A abordagem sócio- histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. In: Cadernos de pesquisa, n. 116, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14397>. Acessado em 19 de out. de 2014.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Trabalho, conhecimento, consciência e a educação do trabalhador: impasses teóricos e práticos**. In: FRIGOTTO, Gaudêncio... [et al.] (Org.). Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador. -6. ed.- São Paulo: Cortez, 2012.

_____. Juventude, trabalho e educação: o presente e o futuro interditados ou em suspenso. In: TIRIBA, Lia; CIAVATTA, Maria (Orgs.). **Trabalho e Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: Liber Livro e Editora UFF, 2011.

_____. **A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista**. 9.ed- São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2010.

_____. O Enfoque da Dialética Materialista Histórica na Pesquisa Educacional. In: FAZENDA, Ivani. (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio**. In: FRIGOTTO, Gaudêncio... [et al.] (Org.). Ensino Médio Integrado: concepções e contradições. - São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (orgs.) **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**, p.180-216. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Porto Alegre: Instituto Cidadania, 2004.

FURTADO, Gislane; BARRA, José Domingos F. **Pescadores artesanais de Cameté: formação histórica, movimentos e construção de novos sujeitos**. Cameté, PA: Novo Tempo, 2004. (Coleção Novo Tempo Cabano; 5).

FURTADO, Lourdes G. **Pescadores do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha em uma área amazônica**. Belém: MPEG, 1993.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**. 8 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.

GRAMSCI, A. **Maquiavel, a Política e o Estado moderno. Americanismo e Fordismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____. **A concepção dialética da história.** Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1978.

GRZYBOWSKI, Cândido. **Esboço de uma alternativa para pensar a educação no meio rural.** Contexto & Educação, UNIJUÍ, ano 1, n. 4, p. 47-59, out./dez. 1986.

HOBSBAWM, Eric. **O novo século.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JUVENTUDE com vida provisória e em suspenso. Direção de Lara Frigotto. Coordenação de Gaudêncio Frigotto. Rio de Janeiro: Arissas multimídias, 2009. 1 DVD (49min 16s), Ntsc, son., color.

KONDER, Leandro. **O que é dialética?.** 25ª ed. Brasiliense, s/a.

KOPNIN, **A dialética como lógica e teoria do conhecimento.** Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1978.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto.** 7a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KUENZER, Acácia Zeneida. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, G. (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século.** 9 ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **Pedagogia da fábrica: As relações de produção e a educação do trabalhador.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal e lógica dialética.** – [Tradução de Carlos Nelson Coutinho]. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. E.D. **A Pesquisa em educação: Abordagem qualitativa.** São Paulo: Cortez, 2003.

LUKÁCS, G. **Conversando com Lukács.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

_____. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem.** Temas de Ciências humanas. São Paulo, n. 4, 1978.

MACHADO, Lucília R. S. Qualificação do Trabalho e Relações Sociais. IN: FIDALGO, Fernando Selmar. **Gestão do trabalho e formação do trabalhador.** Belo Horizonte: MCM, 1996.

MANACORDA, Mário A. **A pedagogia Marxista na Itália:** Antonio Gramsci. In: Marx e a Pedagogia moderna. São Paulo: Cortez, 1991.

MARTINS, Egídio; RODRIGUES, Doriedson do Socorro; RODRIGUES, Adenil Alves. **TRABALHO, EDUCAÇÃO E SABERES DOS TRABALHADORES DA COLÔNIA Z-16 DE CAMETÁ-PA.** In: XXII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste.

2014, Natal- RN. *Anais...Natal- RN: XXII EPEN*, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação/ Natal, 2014.

MARTINS, Egídio. **Trabalho, educação e movimentos sociais: um estudo sobre o saber e a atuação política dos pescadores da Colônia Z-16, no município de Cametá-PA**. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Pará. Instituto de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belém, 2011.

MARTINS, Lígia Martins. **As aparências enganam: divergência entre o materialismo histórico dialético e as abordagens qualitativas de pesquisa**. 29º Reunião Anual da ANPEd, Educação Cultura e Conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos, Caxambu, 2006.

MARX, K. Processo de Trabalho e Processo de Valorização. In: **O Capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Penguin Classics/ Companhia das letras, 2012.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. V.1.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. – [Tradução Isa Tavares]. – São Paulo: Boitempo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1.ed.- São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NOZAKI, H. T. Professor de educação física, licenciado e generalista: vigência da necessidade da formação politécnica e integral. In: **IX Encontro Fluminense de Educação Física Escolar**, 2005, Niterói. Anais do IX Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. Niterói : Universidade Federal Fluminense – Departamento de Educação Física, 2005. v. 1. p. 381-388.

OLIVEIRA, Rafael C. de. **O panorama da Aquicultura no Brasil: a prática com foco na sustentabilidade**. Disponível em: <http://www.intertox.com.br/documentos/v2n1/rev-v02-n01-05.pdf>. Acessado em 11 de abril de 2016.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 6ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

RAMOS, Marise. **Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado**. In: FRIGOTTO, Gaudêncio...[et al.] (Org.). Ensino médio integrado: concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

REVISTA Ver-o-Pará. Belém, Ver, ano XIII, n. 31, set./out. 2005.

REVISTA Caamutá. Cametá, PA, Prefeitura de Cametá, Governo Popular, ano 1, n. 1, 2001.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro; SILVA, Gilmar Pereira da. **SABERES DO TRABALHO DA PESCA DE JOVENS RIBEIRINHOS NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ-PARÁ-BRASIL: QUESTÕES DE IDENTIDADE E FORMAÇÃO DO TRABALHADO**. In: XXII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste. 2014, Natal- RN. *Anais...*Natal- RN: XXII EPEN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação/ Natal, 2014.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro. **Saberes do trabalho da pesca e identidade de juventude do município de Cametá – Nordeste da Amazônia paraense**. Projeto de pesquisa aprovado no Conselho nacional de desenvolvimento científico e tecnológico- CNPQ. Cametá-Pará, 2012a.

_____. **Saberes sociais e luta de classes: um estudo a partir da colônia de pescadores artesanais Z-16 Cametá/ Pará, 2012**. Tese (Doutorado em educação)- Universidade Federal do Pará. Instituto de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belém. 2012b.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro; ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima. **Trabalho, saberes sociais e identidade: a experiência de pescadores artesanais no Estado do Pará**, 2012. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT09%20Trabalhos/GT09-2446_int.pdf. Acessado em 08 jan. 2015.

RUMMERT, Sonia Maria. **Educação de jovens e adultos trabalhadores e a produção social da existência**. In: TIRIBA, Lia; CIAVATTA, Maria (org.) Trabalho e educação de jovens e adultos. Brasília: Líber Livro e Editora UFF, 2011.

SADER, Emir. Prefácio. In: MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SALOMON, Délcio Vieira. **A maravilhosa incerteza: pensar, pesquisar e criar**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____, Délcio Vieira. **A maravilhosa incerteza: ensaio de metodologia dialética sobre problematização no processo do pensar, pesquisar e criar**. São Paulo: Martins Fonte, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: Fundamentos Ontológicos e Históricos**. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acessado em: 27 de novembro de 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Gilmar Pereira da. **Políticas de Formação, Currículo e Trabalho para a Juventude do Campo na Amazônia: Construindo Indicadores de Qualidade para o Ensino Médio do Campo, na Microrregião de Cametá/Estado do Pará**. Cametá, 2013 (PROJETO DE PESQUISA CNPq).

SILVA, Jamerson Antônio de Almeida da. As especificidades das políticas de qualificação profissional para a juventude. In: OLIVEIRA, Ramon de (Org.). **Jovens, ensino médio e educação profissional: políticas públicas em debate**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

SOUSA JUNIOR, Justino de. **Marx e a crítica da educação: da expansão liberal-democrática à crise regressivo-destrutivo do capital**. - A parecida, SP: Idéias& Letras, 2010.

SOUZA, Jacqueline; KANTORSKI, Luciane Prado; LUIS, Margarita Antônia Villar. **Análise documental e observação participante na pesquisa em saúde mental**. Revista Baiana de Enfermagem, Salvador, v. 25, n. 2, p. 221- 228, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/viewArticle/5252> Acesso em: 02 de jun. 2015.

SCHWARTZ, Yves. **Trabalho e Saber**. Trabalho & Educação. Belo Horizonte, n.1, p. 21-34, jun, 2003.

SMITH, Adam. **Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações**. Tradução de Luiz João Baraúna. - 3.ed. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 9ª ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1985.

TONET, Ivo. Introdução. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2009.

TONET, Ivo. **Método científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2013.

VIANA, Heraldo Marelím. Metodologia da observação. In: **Pesquisa em Educação – a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VILLACENCIO, D. **Por uma definición de la cualificación de trabajadores**. In: Congresso espanhol de sociologia, 4, 1992, Madrid.

ZAIDAN, Samira. **Saberes experienciais e saberes pedagógicos- um estudo**. Trabalho & Educação. Belo Horizonte, 2003.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A — Quadro identitário dos entrevistados

1. Benedito Júnior Guedes Brito

Profissão: Pescador.

Localidade: Cametá-Tapera, comunidade ribeirinha de Cametá.

Idade: 27 anos.

Relação com a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa: Afiliado.

Tempo de entrevista gravada: 1h13minutos.

BRITO, Benedito Júnior Guedes. Benedito Júnior Guedes Brito: depoimento [junho de 2015]. Entrevistador: Adenil Alves Rodrigues. Cametá: Colônia de Pescadores Z-16, 2015. Entrevista concedida para a pesquisa de mestrado intitulada: Juventude, trabalho e educação: a formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z- 16 de Cametá-Pa.

2. Eldon Pacheco de Freitas

Profissão: Pescador.

Localidade: Paruru, comunidade ribeirinha de Cametá.

Idade: 28 anos.

Relação com a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa: Afiliado.

Tempo de entrevista gravada: 1h03minutos.

FREITAS, Eldon Pacheco de. Eldon Pacheco de Freitas: depoimento [junho de 2015]. Entrevistador: Adenil Alves Rodrigues. Cametá: Colônia de Pescadores Z-16, 2015. Entrevista concedida para a pesquisa de mestrado intitulada: Juventude, trabalho e educação: a formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z- 16 de Cametá-Pa.

3. Lenilson Rodrigues Camarão

Profissão: Pescador.

Localidade: Mutuacá, comunidade ribeirinha de Cametá.

Idade: 26 anos.

Relação com a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa: Afiliado.

Tempo de entrevista gravada: 38 minutos.

CAMARÃO, Lenilson Rodrigues. Lenilson Rodrigues Camarão: depoimento [julho de 2015]. Entrevistador: Adenil Alves Rodrigues. Cametá: Colônia de Pescadores Z-16, 2015. Entrevista concedida para a pesquisa de mestrado intitulada: Juventude, trabalho e educação: a formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z- 16 de Cametá-Pa.

4. Felipe Cunha Nunes

Profissão: Pescador.

Localidade: Cuxipiari, comunidade ribeirinha de Cametá.

Idade: 26 anos.

Relação com a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa: Afiliado

Tempo de entrevista gravada: 36 minutos.

NUNES, Felipe Cunha. Felipe Cunha Nunes: depoimento [julho de 2015]. Entrevistador: Adenil Alves Rodrigues. Cametá: Colônia de Pescadores Z-16,

2015. Entrevista concedida para a pesquisa de mestrado intitulada: Juventude, trabalho e educação: a formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z- 16 de Cametá-Pa.

5. Emizael Leão de Freitas

Profissão: Pescador.

Localidade: Ovídeo, comunidade ribeirinha de Cametá.

Idade: 26 anos.

Relação com a Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 de Cametá-Pa: Afiliado.

Tempo de entrevista gravada: 1h 07 minutos.

FREITAS, Emizael de Freitas. Emizael Leão de Freitas: depoimento [setembro de 2015]. Entrevistador: Adenil Alves Rodrigues. Cametá: Colônia de Pescadores Z-16, 2015. Entrevista concedida para a pesquisa de mestrado intitulada: Juventude, trabalho e educação: a formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores Artesanais Z- 16 de Cametá-Pa.

APÊNDICE B – Questões norteadoras para as entrevistas

Dados de identificação

Nome completo: _____ Idade: _____

Data de nascimento: __/__/____ Sexo: () Masculino ()Feminino

Local de nascimento: _____

Estado civil: () solteiro ()casado () mora junto com companheira

Tem filhos? () Não () Sim Quantos? _____

Endereço: _____

Data da entrevista: __/__/____

QUESTÃO 01 – Como é que os conhecimentos aprendidos no curso piscicultura ajudam na atividade prática da pesca?

QUESTÃO 02 – Quais os conhecimentos do curso de piscicultura são usados na atividade da pesca?

QUESTÃO 03 – Quais os conhecimentos que foram aprendidos no dia a dia do trabalho da pesca são mais usados para a captura dos peixes?

QUESTÃO 04 – Como os conhecimentos do curso de piscicultura melhoraram as técnicas e as práticas do trabalho da pesca?

QUESTÃO 05 – Como é que os conhecimentos do curso de piscicultura e os conhecimentos do trabalho da pesca, são aprendidos?

QUESTÃO 06 – O que significa ser jovem e pescador hoje?

QUESTÃO 07 – Como é que os conhecimentos da área da piscicultura e os conhecimentos adquiridos no dia a dia do trabalho da pesca se relacionam na atividade prática da captura dos peixes?

QUESTÃO 08 – Como é que vem se dando a pratica dos jovens pescadores que se formaram no curso técnico de piscicultura?

QUESTÃO 09 – O que leva os jovens a buscarem outras atividades diferentes do trabalho da pesca?

QUESTÃO 10 – Dentre tantos outros cursos técnicos, o que leva os jovens a cursarem o curso piscicultura?